REVISTA DA SEMANA

N.º 50
15-12-51

EDIÇÃO DE NATAL

CR$ 5,00 EM
TODO O BRASIL



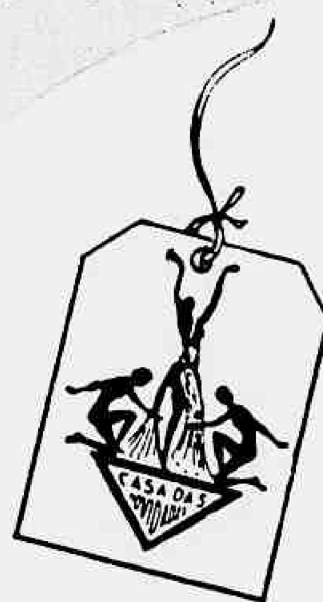
CASA DAS NOVIDADES



PADRÕES EXCLUSIVOS
IMPORTAÇÃO DIRETA

EM SEU ANEXO A MAIS
COMPLETA SEÇÃO INFANTIL







Av. N. S. COPACABANA N.º 611
Telefones 37-7122 — 37-7088

Natal e Fátima

PELA segunda vez esta revista oferece, aos que a lêem, uma reportagem levada a efeito na Cova da Iria, por motivo das solenidades que ali se realizaram em outubro. E para fazer a cobertura dêsse serviço, lá foi êste repórter, que hoje se desobriga, nas páginas que se vão ler mais adiante, da sua tarefa. Em maio do ano anterior, voltávamos de Roma, onde também nos levara a tarefa de recolher serviço informativo sôbre o Ano Santo, quando, em Lisboa, por coincidência, soubemos que dias depois o local das aparições de N. S. de Fátima seria ponto de referência para uma grande solenidade. Ali estivemos, e semanas depois esta revista dava aos seus leitores uma completa reportagem a respeito, a mais completa que já fôra publicada no Brasil.

Assim como estivemos em Roma para ver de perto o "climax" do Ano Santo, nos propusemos ir a Fátima para registrar o seu encerramento oficial. Foi esta a única publicação brasileira que abrangeu, numa cobertura exclusiva e completa, a magna ocorrência. Tratava-se de um acontecimento que fugia ao âmbito religioso: tanto em Roma como em Fátima íamos encontrar dezenas de confrades de muitos países, porque o acontecimento era de interêsse coletivo e mundial. Um lugar onde se reúne para cima de um milhão de pessoas, tangidas por um motivo de fé, há de ter, por fôrça, interêsse para muitos milhões. Só a minoria pôde ali comparecer. Pois aqui está, para os que não a conheceram, uma informação capaz de dar, embora de maneira pálida e sucinta, idéia do que foi aquela fervorosa peregrinação, a mais alta que já se fêz a um lugar sagrado, traduzindo imensa manifestação de fé e emoção.

Por mais experimentados com essas emoções, fruto da nossa obrigação profissional, é justo dizer que o panorama da Cova da Iria, repleto, um enorme mar humano onde se juntavam as preces pela paz do mundo, de gente de tôdas as classes e de várias nacionalidades, nos tocou de perto ao coração. E pensamos: Como pode haver clima para novas desavenças entre os homens se êles, quando se reúnem às centenas de milhares, da mais alta à mais humilde condição, falando idiomas distintos, procedentes de remotas terras, estão em verdade ungidos do mesmo sonho de solidariedade e fraternidade humanas? Como admitir que depois daquela impressionante procissão das velas, daquele majestoso adeus à Virgem, com um mundo de lenços brancos agitando-se no espaço, depois de tanta humildade posta à prova e a serviço de Deus e da Virgem — êsses mesmos homens ou outros semelhantes possam desentender-se e tramar novos conflitos? Onde a coerência, onde a lógica, onde a razão fundamentada para novas lutas, se todos, desconhecidos entre si, ali estavam irmanados pelo mesmo pensamento e unidos pela mesma comunhão de almas?

Foi para sentir bem de perto êsse fenômeno de contradições que esta reportagem se levou a efeito. Ela aí está, tão completa quanto nos foi possível efetivá-la, mas sincera, suficientemente documentada, para elucidar a quem não estêve em Fátima. E para divulgá-la com a devida amplitude, nenhuma oportunidade melhor que esta, do Natal, como um preito de humilde gratidão e homenagem Àquele que também viveu e morreu pela salvação de nós todos. Mas salvação que tão poucos querem compreender e aceitar, quando tão perto ela se encontra de cada um de nós.

CELESTINO SILVEIRA



"BALLET" JAPONÊS

NA TERRA DO SAMBA

"ESTAMOS NO JAPÃO, MANO!" ★ DEZ MILHÕES DE PÊSSEGOS FRESCOS E 400 TONELADAS PARA INDUSTRIALIZAR ★ BELEZA "NIZEI" ★ VOVÓ NÃO GOSTA DE "BALLET" ★ ESCÂNDALO NA FESTA ★ É PROIBIDO FOTOGRAFAR NO CAMARIM ... ★ VAMOS COMER PÊSSEGOS ... MAS ... A TRÊS CRUZEIROS?

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JUNIOR

Fotos de DARIO TERINI

São Paulo, dezembro

A meticulosidade oriental foi, por nós, sendo observada desde que deixamos Itaquera pròpriamente dita — subúrbio da Central do Brasil — para adentrarmos uma estrada que nos deu a impressão de ter sido importada há poucos dias, com a sinalização e tudo, tal era sua qualidade, coisa de se estranhar, no Brasil. Indicando a rota, setas visíveis e bem plantadas às margens da rodovia anunciavam: "Festa do Pêssego", apontando para uma direção desconhecida, que logo se perdia em uma curva ou em um cruzamento.

Segundo a intensa propaganda que precedeu à festa, a "Colônia" — colônia japonêsa local — distava apenas 25 quilômetros do "marco zero" de S. Paulo e podia ser alcançada por inúmeros meios de condução, inclusive pelos sujíssimos subúrbios da Central, de vagões bamboleantes, desconfortáveis e locomotivas cansadas que estão, há muitos anos, requerendo aposentadoria.

"ESTAMOS NO JAPÃO, MANO!"

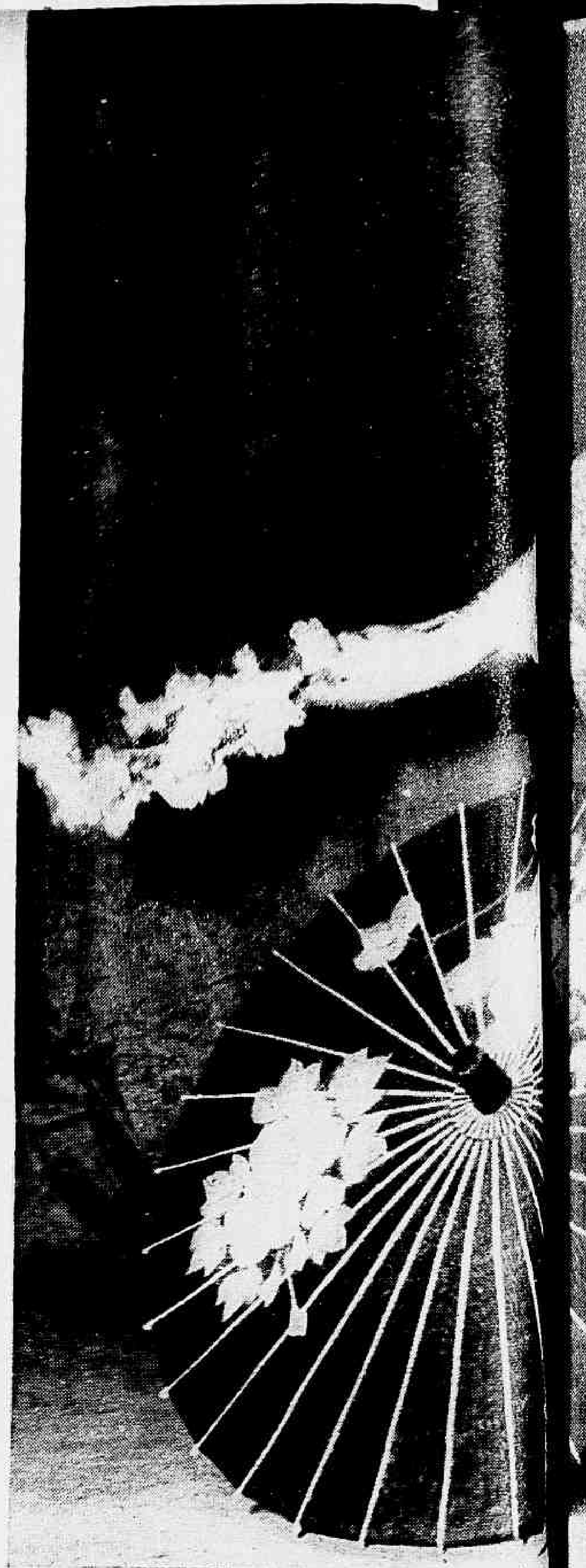
Levamos uma forte sacudidela, a caminhonete jogou para cá e para lá, baixou em um balanço, como barco em mar grosso e, quando apontou a "proa" para a estrada, percebemos estar no fim a viagem.

Um altofalante berrava alto, na língua natal dos filhos do país dos "samurais" e, quando adentramos o portão enfeitado de galhos de cipreste, com dísticos alusivos à festividade pintados em letras berrantes, vimo-nos em enorme estacionamento, ao lado do qual dezenas de barracas formavam um gigantesco retângulo, onde se realizaria, durante os dias 24 e 25 de novembro, a "III Festa do Pêssego".

Centenas de pessoas acotovelavam-se, passando de barraca em barraca, entrando e saindo do estande da exposição que, horas antes, as autoridades estaduais e municipais haviam inaugurado oficialmente. E foi quando um caboclo, daqueles do outro extremo das chácaras de Itaquera, fitando aquêle mar de olhos amendoados e os sorri-



BURLANDO A VIGILÂNCIA DO "GUARDA-COSTA", MYEKO KATA MORDE O FRUTO PROIBIDO.



COM UM GALHO artificial de flores de cerejeira, Marie rodeia lânguidamente um guarda-sol, ao som de música oriental. E' o bailado das cerejeiras.



NOS «INDEVASSÁVEIS» camarins, Terini colhe êste flagrante de Yayoi, uma das mais lindas «niseis» do «ballet».



executado dentro da mais rigorosa técnica japonêsa e teve as honras de bis, constituindo êste número um dos melhores da festividade.



«NÊGA PELADA», outro belo número de samba realizado por Marie. Foi a maior surprêsa da tarde; quando a «nisei» levantou a saia, muitas exclamações cortaram o ar, com o aparecimento da nêga, em [illegible] com os seus olhos de amendoa. É mais uma vez foi quebrado o velho espírito nipônico.



SORRINDO MALICIOSA, Mimi pergunta se não é indiscrição permanecer no camarim das moças. Claro que era, e grande!



UM PROTÓTIPO de beleza nipônica dá os últimos retoques nos cabelos de Mimi Kimiko, que vai dansar uma rumba...



— «NÃO SEJA indiscreto, é proibida a entrada de homens neste camarim!» Mas a advertência vinha amável, sorridente...





S.M. A RAINHA DO PÊSSEGO de 1951, Sumiko Yutaba, mostra um magnífico exemplar de «sawabe». Nas caixas, pêssegos que poderiam chamar de gigantescos. Parecem laranjas.

REALMENTE OS PÊSSEGOS eram deliciosos. Elas são as primeiras a reconhecer — e pela primeira vez, legítimas nipônicas, posam no Brasil em trajes clássicos de «ballet».

largos invadindo o pátio exclamou para o parceiro: "Ué. Estamos no Japão, mano!"

CÔR DA "TERRA DAS CEREJEIRAS"

E era verdade. Tudo ali rescendia ao perfume da "terra das cerejeiras em flor". O altofalante anunciava em duas linguas. Primeiro, o metralhar japonês corria o retângulo, dando-nos uma impressão esquesita, ao olharmos em volta e depararmos com centenas de japonêses e "niseis", rindo e conversando alegremente, examinando ou saboreando deliciosos "sawatas", considerados os melhores espécimes nacionais. Depois, traduzindo o que havia sido dito, o português jorrava forte, completando as explicações ou dando pormenores do programa a quem não entendera japonês.

A "Festa do Pêssego", realizada sob os auspícios da Divisão do Fomento Agrícola da Secretaria da Agricultura, do Estado de São Paulo, quebrou, definitivamente o "tabu" do "não dá", para positivar a tese do "plantando dá", pois conseguiu fazer o impossível, cultivando uma fruta que se dizia ser natural de outros climas, menos o da capital e arredores.

Todavia, o viajor sentir-se-ia encantado ao encontrar, há apenas 25 quilômetros do "marco zero", plantações de pêssegos que se perdem de vista, envolvendo a atmosfera em um perfume cariciador e apetitoso, mais gostoso, mesmo, do que a própria fruta.

Veria, ali, centenas de japonêses ocupados em irrigar, sistemàticamente, as fôlhas e os frutos, que vivem envolvidos em capinhas de papel transparente, ficando a salvo das pragas.

A LUTA DO PÊSSEGO

Em 1934, quando tiveram início as primeiras tentativas do cultivo do pêssego, tudo parecia impossível. Porém, 13 anos se passaram e, em 1947, os nipônicos de Itaquera inundaram o mercado de rosados salta-caroços que, desde logo, tornaram-se perigosos concorrentes do produto importado.

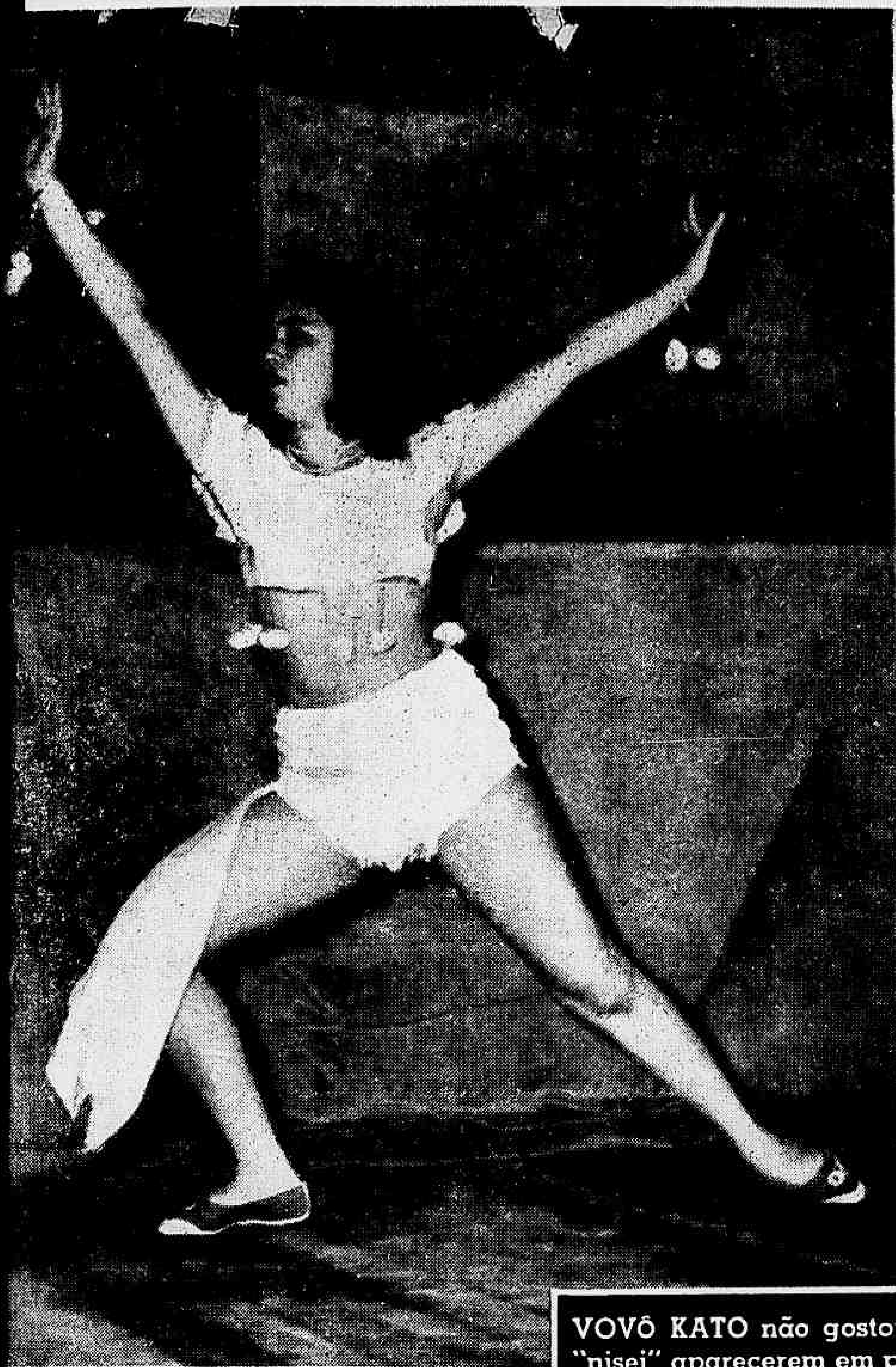
Êste ano, com a realização da "III Festa do Pêssego", constatou-se uma produção de 300 mil caixas de 35 unidades cada, além de 400 toneladas destinadas à industrialização.



ÊSTE É O «BALLET» que jamais foi, antes, apresentado às vistas ocidentais. Sete lindas «niseis», desembaraçadas e graciosas, proporcionam música e alegria ao auditório.



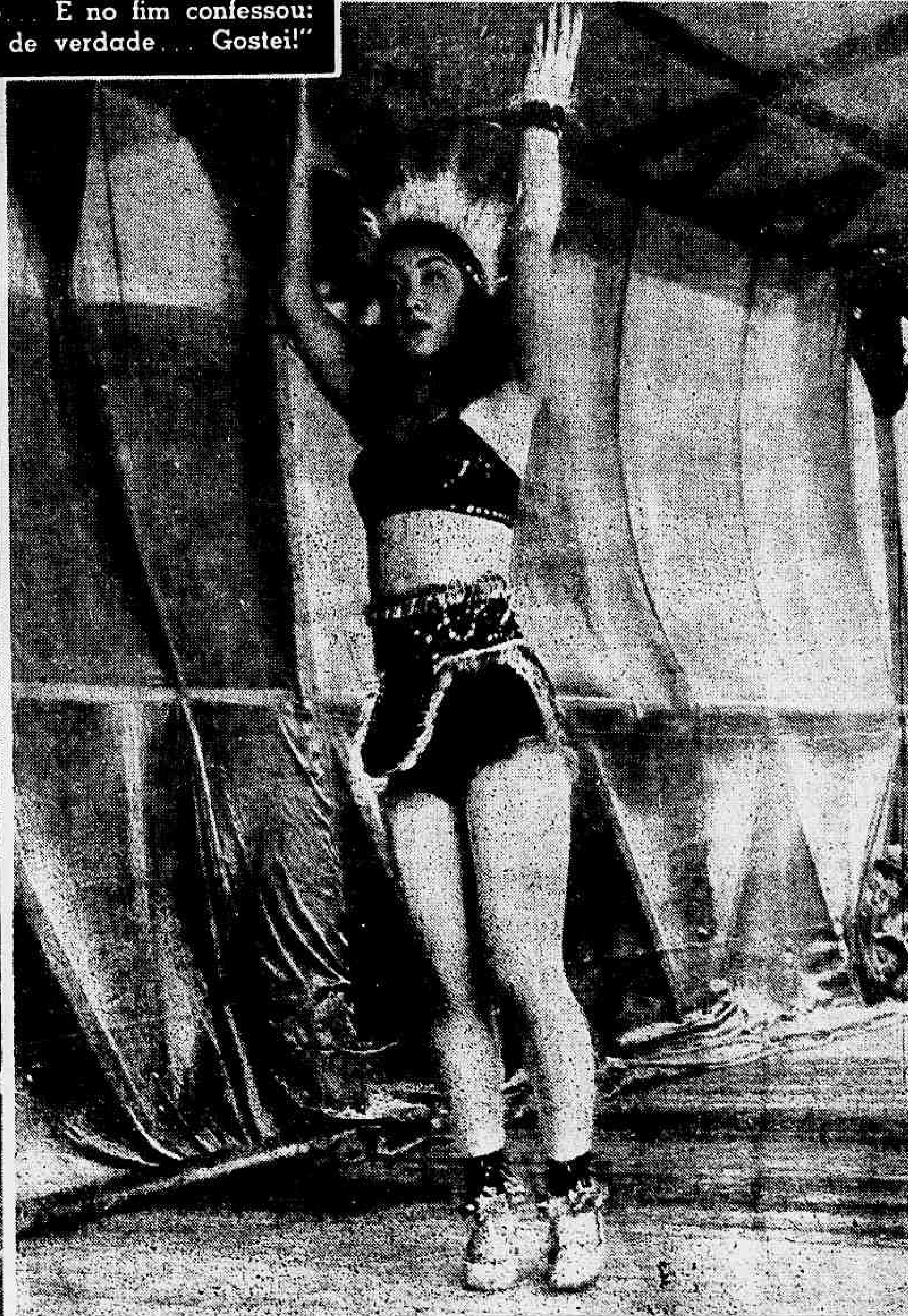
A RAINHA, ladeada pelas cinco princesas do corrente ano, minutos após a cerimoniosa coroação que teve lugar no pátio da Colônia Nipônica de Itaquera. Quez diz o leitor?





VOVÔ KATO não gostou muito de ver as jovens "nisei" aparecerem em público só de calções. Mas ficou espiando de longe... E no fim confessou: — "Quer saber? Gostei de verdade... Gostei!"







— PÊSSEGOS? Vai querer... pêssegos? — Bons, bonitos, mas caros. Três cruzeiros cada. E os que aparecem na foto, foram emprestados pelo japonês que ficou no fundo, «de ôlho», controlando. Não fôsse a garôta comê-los...

E, desde 1949, a colônia japonesa abre as portas para visitantes dos mais diferentes pontos do Estado, a fim de que participem da festa de agradecimento a Pomona — a deusa da fruticultura — que vem sendo uma mãe pródiga para com seus abnegados filhos.

Ordeiros e severos, dentro das rígidas normas da ordem oriental, os lavradores, com auxílio da Prefeitura local, plainaram a estrada que dá acesso à "Colônia", sinalizaram-na perfeitamente e se você, quase ao final da rota, fechasse os olhos, poderia se guiar pelo perfume dos frutos.

"BALLET", MOCIDADE E BELEZA

E' mais do que sabido que os orientais e, entre êstes o japonês, são grandes amigos da arte e, muito em especial, dos bailados. Haja vista a existência, no Japão, das famosas e formosas "gueixas", moças que, desde o berço, são preparadas para uma vida diferente. Vendem prazer espiritual aos poderosos senhores de indústria e de comércio, nas horas de passageiro aborrecimento que os distancia do lar.

As "gueixas", longe de serem simples bailarinas ou garçonetes, são cultas, conhecedoras de poesia, de literatura, de música, de danças, etc., que, nas ricas casas de chá, deliciam os clientes recitando-lhes belos versos, ou dedilhando uma guitarra, ao som de canções de amor. E' a arte, é o belo, que não tem pátria, é universal, como a ciência.

Portanto, não poderia a "Festa do Pêssego" se limitar à insipidez da terra vermelha — para o homem da cidade, acostumado ao asfalto — e ao perfume adorável dos frutos, que arrancava exclamações das senhoras e senhoritas.

No meio da azáfama que envolvia aquela imensa colmeia em férias, o altofalante deu uns berros e, minutos depois, um tradutor explicava que iríamos ver a um dos mais lindos "ballets", composto de um corpo de alunas "niseis", que já se tinha apresentado à vista dos ocidentais.

CONFRATERNIZAÇÃO

O palco, como tudo mais que estava montado no pátio, era de madeira e bambu. Segundos após ao aviso, sete belíssimas nipo-brasileiras, de pele tão macia como o pêssego e lábios rubros como as cerejas, envergando os mais contrastantes trajes de bailados, apresentaram-se à assistência.

Daí em diante, os pêssegos perderam seu valor, esqueceu-se o sacrifício da árdua labuta lavoreira, de sol a sol, para se dedicar tôdas as atenções às magníficas pequenas que bailavam no tablado.

E vimos desde números tipicamente japonêses até à requebrante rumba, ao bamboleante mambo, ao samba e ao chôro, tão ao gôsto da assistência ocidental, que se misturava com os olhos amendoados dos japonêses e dos seus descendentes.

As alunas da escola de "ballet" do professor Yasuo Otani, como o leitor poderá ver pelas fotos, eram lindas mesmo. Verdadeiras flores de pessegueiro, "brotos" de cerejeiras, sorridentes e graciosas, deslizavam de manso, com a graça peculiar à mulher do oriente, acrescentada à desenvoltura ocidental da mulher século XX, que se sente tão bem em um lindo quimono como numa brilhante roupa de rumbeira, chacoalhando forte os maracas roxos, que acendiam a chama de Terpsícore em quantos assistiam à dança.

(Cont. na pág. 18)



DEZENAS DE BARRACAS, formando enorme retângulo, mostram ao visitante variados tipos de pêssegos produzidos em Itaquera. As primeiras experiências datam de 1934. E aprovaram.



QUATROCENTAS TONELADAS de produto industrializável e trezentas e trinta e seis unidades cada, foi o rendimento da Divisão do Fomento Agrícola da Secretaria da Agricultura.

PRESENTES de NATAL



SUMÁRIO

REPORTAGENS

Ballet Japonês na Terra do Samba 4/8
Como aconteceu o milagre de Fátima 38/39
O encerramento do Ano Santo 40/51
St. Germain-des-Prés e a Filosofia Existencialista (Carlos da Cunha) 79/81
Lourdes, um desafio a ciência 88/89

CURIOSIDADES

Ninguém quer ser tubarão? 12/15
O Natal Canadense 26/29
O depoimento dos 3 pastores 72/73

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 10/11
Personagem da Semana 11
Puxe pelo cérebro 22
Palavras cruzadas 29
Saúde do Bebé (Dr. Sabóia Ribeiro) 66
Tudo isto aconteceu 84/85
A Revista há 50 anos 90

HUMORISMO

Presentes de Natal (Theo) 9
Papai Noel é ingênuo! (Ramon) 35
Êste mundo e o outro (Darcy) 67

CINEMA

Por traz das câmaras 20/21
Anjinhos Prêtos (Cine-Novela) 64/65

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Temple Bailey) 24/25

FEMININAS

Para as grandes noites (Ramon) 55
Para as diferentes horas do dia 56/57
Mães e filhas 58
Para soirée 60/61
Week-End na Cozinha 71

LITERATURA

Natal e Fátima (Celestino Silveira) 3
Semana Literária (Edmundo Lys) 16/17
Sumiu o Brilhante (Geo Williams) 30
Herodíade (Gustave Flaubert) 36/37
Entre Santos (Machado de Assis) 70

FOLHETINS

Sonhos de Moça 23
Aventuras do Capitão Rob 68/69

EXTRA

O Diário de James Forrestal 52/53

ILUSTRAÇÕES

Jerônymo Ribeiro — Gil Ribeiro — Rafael

FOTOS

José Santos — Keystone — Claude Drivaux — Avulsas — Arquivo.



NA CAPA

N. Senhora de Fátima

(Foto Arnaldo Vieira)

A SEMANA

Manteiga da Europa



ATÉ que afinal vamos descansar um pouco das torturas da falta de manteiga. Não que nossa produção tenha aumentado a tal ponto que conjuremos a crise; o fato é mais extraordinário ainda: vamos importar manteiga aos milhões de quilos, de vários países da Europa. Segundo declarações do Sr. Prefeito do Distrito Federal, ao Sr. Presidente da República, em dias de novembro passado, já estavam ultimadas as negociações para a vinda de navios carregados de manteiga de primeiríssima qualidade, da Holanda e Dinamarca. Como sabemos, ambos aquêles países sofreram horrores com a guerra. Ocupados pelos nazistas, tiveram tôda a sua produção sufocada, tudo se enviando para a Alemanha de Hitler. Mas, tanto a Holanda como a Dinamarca, são nações modelares em organização, em trabalho, em sistema de govêrno. E não se lamentaram do tempo passado na escravidão. Reconstruíram tôdas as suas fontes de produção, mobilizaram seus operários e camponeses para a restauração imediata de suas fontes econômicas, e agora nos dão esta lição admirável: podem exportar para o Brasil, milhares e milhares de toneladas de manteiga a preço baixo. E' provável que, ao chegar ao consumidor carioca, a manteiga puríssima e substancial da Holanda e da Dinamarca, esteja "hàbilmente" convertida em margarina da pior espécie, pois há neste país uma turma de prestidigitadores de incalculável capacidade de fazer o milagre da multiplicação dos pães, e, de mil quilos de manteiga holandesa, "fabricarem" cem mil de manteiga para o nosso consumo. E então outra luta começará: a de descobrir os falsificadores que infestam a Cidade das Maravilhosas escamoteações...

Turismo no Brasil

DESDE que Pero Vaz de Caminha, em carta a el-rei D. Manuel, o Venturoso, declarou que esta terra do Brasil é um encanto, e que, "em se plantando nela dará tudo", ficou provado que isto aqui seria mesmo o país do turismo. Não é difícil organizar essa corrente comercial para um país que está ao alcance de navios, trens e aviões. E a idéia inicial de Caminha foi caminhando, caminhando até chegar aos nossos dias de 1951. Mas, em verdade, que já temos feito em favor do turismo? Todos dizemos que o turismo é indústria valiosíssima, e que poderíamos carrear para nossos bolsos milhões e milhões de dólares. Os americanos do Norte vivem loucos para ter onde gastar seus cobres que valem ouro; europeus de boas posses, gostariam de ver o Brasil e aqui deixar muito dinheiro; sul-americanos, asiáticos, africanos, fariam estações de férias e passeariam pelas mais pitorescas cidades brasileiras, se tivéssemos um serviço bem organizado de turismo internacional. Mas, por que não o temos ainda? Há quatro séculos e meio que Pero Vaz de Caminha sugeriu o turismo para o Brasil. Que está atrapalhando? A resposta a estas perguntas foi agora mesmo dada pelo Sr. Oscar Romaguera, livre-docente da Escola de Jornalismo de Miami. Êle, como muitos outros seus patrícios, tinha vontade de vir ao Rio. Um dia, arrumou as malas, fêz câmbio e foi ao nosso consulado pedir os vistos. Foram tantas as exigências que êle estêve a ponto de desistir; mas, persistiu e chegou num avião lá no Galeão. Novamente teve que amargar, chegando a dizer: "Parece que o Brasil não deseja turistas". Deu uma entrevista aos jornais e falou claro. Para suas palavras chamamos a atenção dos responsáveis pelo turismo brasileiro, que mais parece "torturismo"...



Cem anos de prisão



NOSSAS leis têm certos aspectos curiosos. Todos sabemos que não há no Brasil punição perpétua, nem pena de morte. Excetuam-se certos casos em tempo de guerra. Uma pessoa que comete um crime revoltante, pode pegar até 30 anos de cadeia. Mas sucede que, às vêzes, o delinqüente pratica vários crimes e se submete a mais de um julgamento em Tribunal Popular. E aí pode acontecer isto: o criminoso ser condenado pelos vários delitos, pegando uma soma de anos de prisão celular que vai além de suas possibilidades de viver. Foi o caso recentemente verificado em S. Paulo. O Tribunal do Júri daquela capital, julgando, pela segunda vez, o processo contra o réu Agenor da Silva, confirmou a pena anterior de cem anos (um século!) ocorrida na sessão de dois meses antes. Novamente submetido a julgamento, foi o réu condenado aos cem anos de reclusão. Agenor é criminoso acusado de dois homicídios e duas tentativas de morte. Assim, como vemos, não é verdade que a pena máxima a impor-se a um criminoso seja a de 30 anos de prisão celular. Se a punibilidade vai a sem anos ou mais, conforme a figura dos delitos praticados, temos no Brasil, sob outros aspectos, a prisão perpétua. Não é crível que um delinqüente da espécie de Agenor da Silva, possa cumprir a pena total que lhe impôs o Júri da capital bandeirante. E, se por infelicidade, chegasse a passar cem anos na penitenciária, quando recebesse o alvará de soltura, já nem poderia sair da cadeia, de tão velho e trôpego. Mas, se pudesse, como ganhar a vida? S. Paulo de 1951 não tem semelhanças com o que será no ano de 2051! Mas, francamente, quem não gostaria de ver isso, mesmo saindo da cadeia!

EM REVISTA

Na Bahia também

DIZ um telegrama da Asapress para a imprensa carioca, em fins de novembro: "A direção da emprêsa concessionária de fornecimento de energia elétrica a esta capital, em declarações à imprensa, afirmou que, se não chover dentro de quinze dias nas cabeceiras do rio Paraguaçu, a barragem de Bananeiras não estará mais em condições de suprir a usina geradora, que deixará de fornecer a esta cidade 10.000 kw. Nessa hipótese, medidas drásticas terão de ser tomadas, para manutenção dos serviços essenciais. Os bondes deixarão de trafegar, a iluminação pública será reduzida ao mínimo, sendo suspenso o fornecimento particular, ficando a cidade sujeita ao mais rigoroso "black-out" de sua história, muito pior do que durante a guerra". Êsse telegrama vem da bela cidade do Salvador, a capital da Bahia. Como vemos, a doença que atacou Ribeirão das Lajes, aqui no Estado do Rio, com graves complicações sôbre o Distrito Federal, Volta Redonda e outros pontos sujeitos àquele abastecimento de energia hidráulica, também atingiu a capital da Bahia. Lá, é o rio Paraguaçu que faz greve e não dá água para a barragem de Bananeiras. Parece que lavra sôbre o Brasil uma onda de maldições. Até em Estados do Sul do país, onde o nome "sêca" só aparecia para ajudar os flagelados do nordeste, as longas e terríveis estiagens se têm feito sentir a ponto de perder-se tôda a sementeira dos campos. Minas Gerais, de há certo tempo a esta parte, vem sofrendo sêcas torturantes, incluindo a capital, que se vê sem fôrça, sem a água e sem luz, de quando em quando. E agora é a Bahia, a terra de Nosso Senhor do Bonfim! Assim vamos mal...



E as chuvas chegaram



PARECE que o carioca salvou-se da escuridão completa e da falta absoluta de energia para trabalhar e subir aos andares mais altos de suas residências. Quando fábricas e indústrias em geral estavam racionando horários, colocando os trabalhadores em perspectivas angustiosas; quando mais de mil casas e estabelecimentos comerciais estavam a iluminar-se com velas e lampiões de querozene; quando as ruas da ex-cidade mais bem iluminada do mundo se apresentavam com aquêle aspecto lúgubre de um Rio noturno dos tempos de D. João VI; quando centenas de pessoas estavam condenadas a galgar o 10º ou 20º andar de seu apartamento, puxando pelo pé, eis que os céus se comoveram de tanto sofrimento e a água começou a cair aqui e lá pelas zonas de Ribeirão das Lajes. Mas já se discutem as causas da queda de chuva. Uns acham que as nuvens tiveram pena de nós porque milhares de bôcas rezavam aos santos para que chovesse; outros pensam que a chuva foi obra de cientistas que lançaram foguetes cheios de complicadas misturas químicas até às nuvens, provocando condensações atmosféricas e o seu respectivo resfriamento, precipitando-se os vapores em chuva. Não vamos discutir quem fêz chover neste fim de novembro de 51. O que se quer saber é se Ribeirão das Lajes está bancando o amigo da onça, recusando encher um pouquinho, ou se se convenceu de que não pode parar a sua atividade. Nunca se precisou tanto, neste país, de um "manda-chuva", como nestes tempos. Mas o caso não é novo. Já em 1945, há seis anos, era a "Light" obrigada a diminuir as luzes da cidade e a aconselhar economia. Diante das chuvas, soltemos foguetes!

Irradiação de Júris



UMA de nossas emissoras, desejando proporcionar ao povo daqui e de fora, horas de intensa emoção, através de defesa e acusação em momentoso julgamento de sensacional crime, requereu à autoridade judiciária a instalação de microfone no recinto do Tribunal Popular, a fim de que o andamento dos debates fôsse irradiado. Mas o seu pedido não foi deferido. A emissora recorreu ao recurso legal do mandado de segurança, sendo novamente denegado o seu desejo. O caso tem provocado manifestações pró e contra a inovação. Acham uns que uma sessão de júri popular não é espetáculo que se irradie. Sustentam outros que, proibindo a lei a presença de menores de dezoito anos no tribunal do júri para assistir a julgamentos, não seria lógico que se levasse através do rádio tudo o que se fizesse durante uma dessas batalhas judiciárias. Na verdade, os que assim pensam estão dentro das normas comuns. Mas, por outro lado, acham os que defendem a irradiação do recinto do Tribunal do Júri, que em nada êsse serviço desacataria a lei de menores, nem tampouco a irradiação converteria uma solenidade dêsse teor em simples espetáculo. As duas correntes exigem maiores estudos. O júri pode ensinar muita coisa a quem vai assistir ao seu desenvolvimento e aos que quisessem ouvi-lo pelos receptores. Há crimes que, em verdade, deviam ser irradiados por ocasião do seu julgamento. Não como espetáculo para divertir; mas como contribuição ao esclarecimento popular. Tanto a palavra dos advogados da defesa, como a dos acusadores, constituem lições de direito penal, de aulas de sociologia, de estudos úteis. E já que nem todos podem ir ao Tribunal, ouvir em casa uma batalha dessas sempre será mais produtiva do que ouvir programas pueris.

A PERSONAGEM DA SEMANA


Brig. Eduardo Gomes

NO meio de tantas deficiências que tornam o ambiente brasileiro um campo de apreensões, um fato vinha oferecendo agradável impressão: era o espírito, a cortesia realmente existente entre os três candidatos que, no último pleito, disputaram a Presidência da República. Os vencidos se mantiveram na sua posição de derrotados. E o vencedor timbrou em proporcionar-lhes um tratamento cavalheiresco. Competia, realmente, ao vitorioso, estender a mão aos candidatos derrotados, e o sr. Getúlio Vargas o fêz nos momentos precisos, com propriedade e exatidão. Sem desdouro para nenhum dêles chegou o momento em que, naturalmente, por dever de elementar educação, o país viu, compreendeu e aplaudiu a presença dos srs. Cristiano Machado e Eduardo Gomes em visita de cortesia ao Presidente da República. De repente, porém, a opinião pública é surpreendida, chocada, com um fato que, na verdade, só poderia resultar na interpretação que todos lhe deram: um projeto de lei cujo principal e imediato objetivo seria ferir um dos adversários do Chefe da Nação, no último pleito. E lá se foi no torvelinho dos comentários e da agitação, aquêle aspecto tão confortador de nossa pobre democracia referido no início desta nota. O sr. Eduardo Gomes, entregue às suas atividades militares, volta ao cartaz por fôrça dos acontecimentos. E' verdade que o líder da maioria na Câmara, desmentiu que o projeto tivesse intenções de atingir esta ou aquela pessoa. Mas o projeto está aí. E por sinal que a celeuma serviu para revelar que o plano levado ao Presidente pelo Ministro da Aeronáutica, não é feliz. A Nação já está cansada de **reajustamentos** e de **rejuvenescimentos** de quadros; cansada de tanta despesa com pessoal, quando até hospitais têm suas obras paralisadas à míngua de recursos, como foi o caso do Hospital para Tuberculosos da Aeronáutica em Belo Horizonte.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para: Av. Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

Desânimo Abatimento

Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

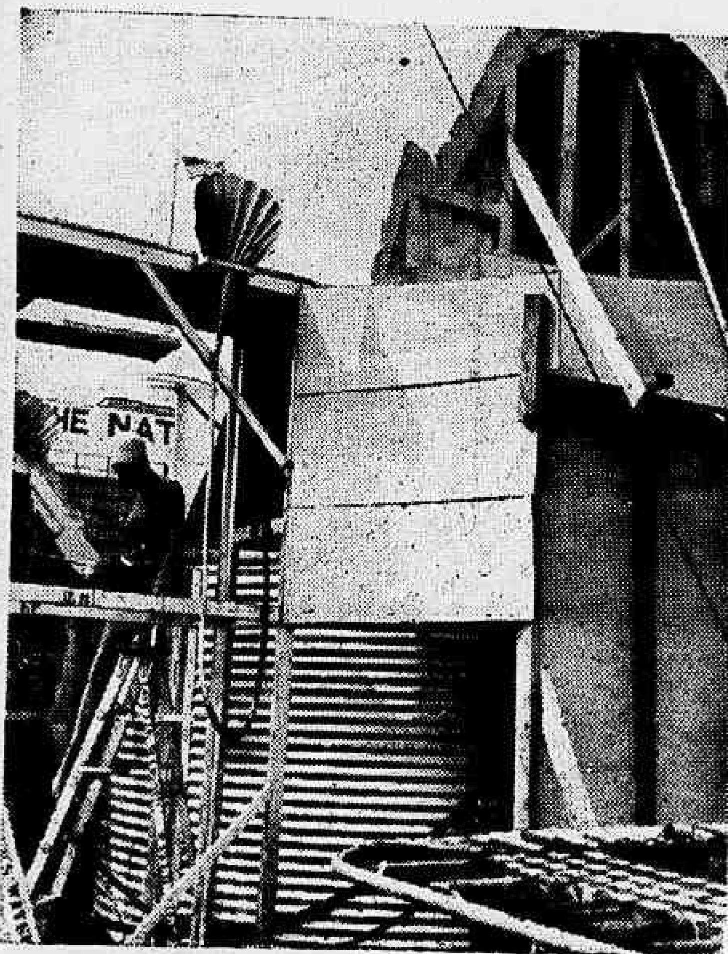
Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

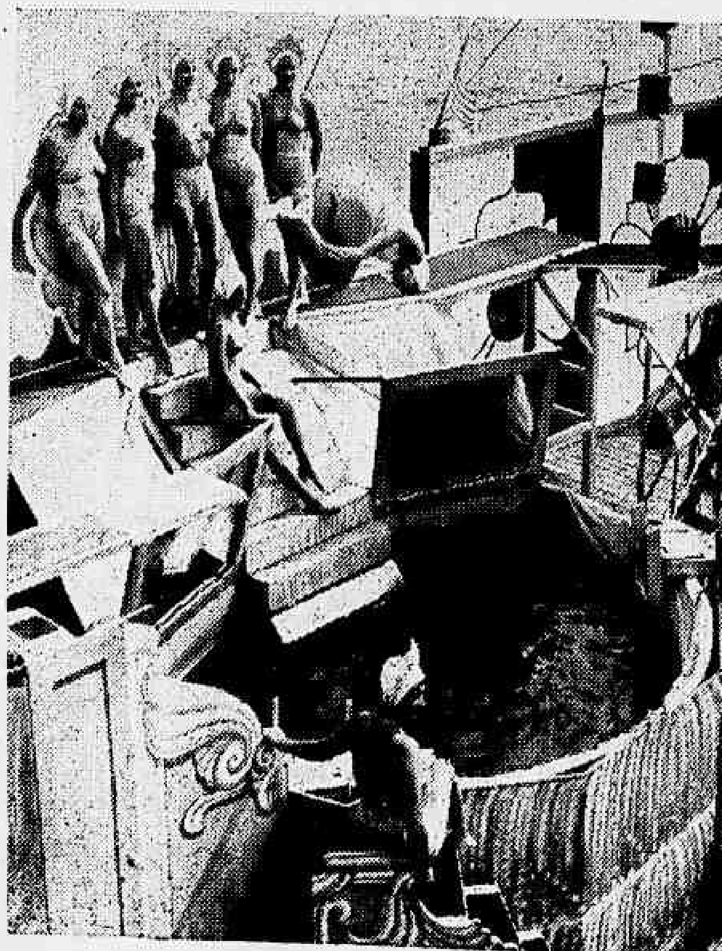
Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira



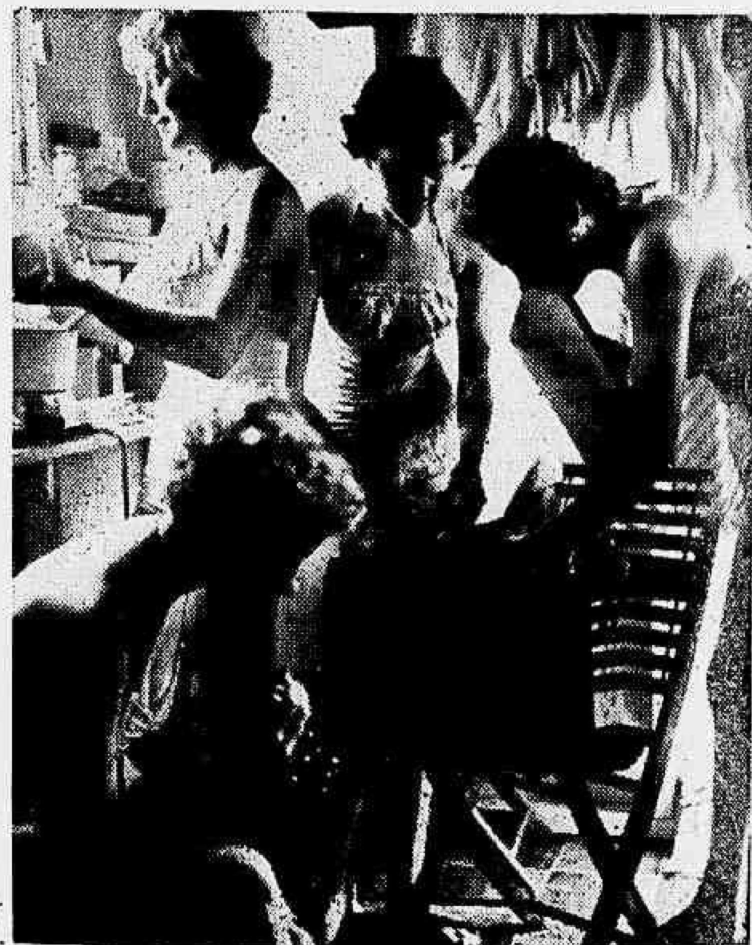
DEZ DAS endiabradas garôtas que se exibem em Atlântic City, New Jersey, Estados Unidos, várias vêzes por dia, com o seu Ballet Aquático de aparecer, desaparecer e mudar a roupa num abrir e fechar de olhos. Muita gente não acredita no que os próprios olhos vêem; mas é verdade: as meninas treinadas por Lottie Mayer, fazem coisas que só o famoso prestigitador Houdini pode imitar.



UMA VISTA da aparelhagem do Ballet Aquático de Lottie Mayer, cuja montagem é devida ao seu marido, Warfield.



UMA DAS MUITAS garôtas acrobáticas quando fazia seu número sensacional de salto e mergulho na pequena piscina.



QUATRO DAS mais lindas figurantes do famoso Ballet, quando faziam sua refeição depois de um dia de exibições.

NINGUÉM QUER SER TUBARÃO ?

UM BALLET DIABÓLICO

LOTTIE MAYER APRESENTA EM NEW JERSEY, CENTENAS DE GARÔTAS QUE FAZEM FUROR EM BALLET AQUÁTICO

COM a graça encantadora e a leveza coreográfica de uma Pavlova e o ilusionismo rapidíssimo de um Houdini, o rei dos mágicos, está exibindo em Bob Hamid's Steel Pier, em Atlantic City, New Jersey, EE.UU., o seu «Disappearing Water Ballet», em cinco exibições diárias, com imenso sucesso. Milhares de turistas e de gente que desejava ver o fenômeno, acorrem ao cenário mandado montar pela empresária, e todo mundo sai satisfeito com as proezas das mais lindas «girls» dêste planêta.

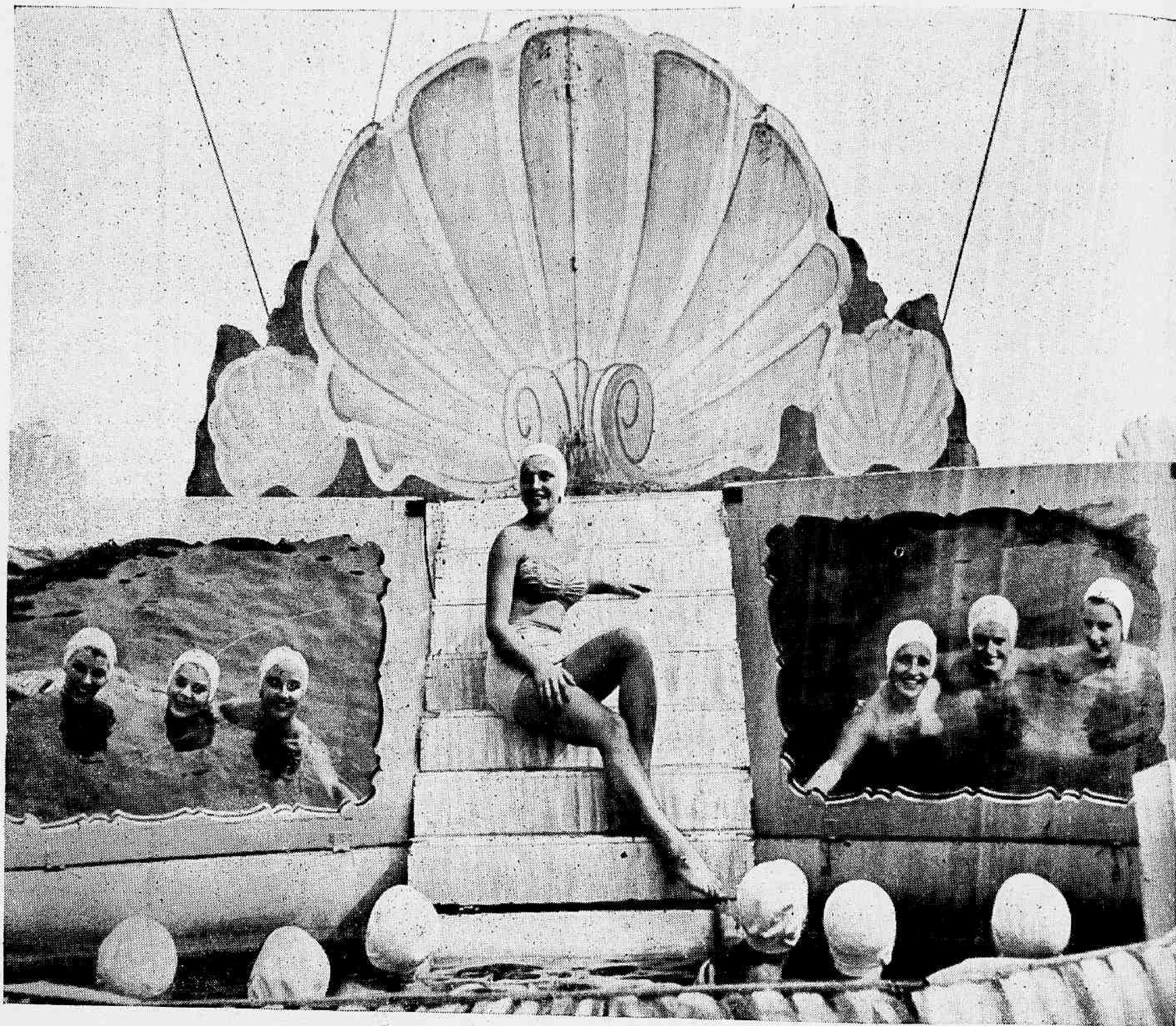
A piscina em que as meninas representam e conseguem uma performance até hoje inatingida, é uma espécie de tanque que não tem mais de vinte pés de diâmetro por quatro pés e nove polegadas de fundura. A sensação está justamente nisso. Não há quem possa reter um grito de surprêsa, quando se vêem as moças mergulharem naquele tênue lençol dágua, pois a impressão que se tem é de que tôdas elas serão vítimas de fatal mergulho, arrebentando a cabeça ou deformando os lindos rostos no fundo. O tanque dágua tem a forma circular.



ESTAS MENINAS são artistas consumadas, porém, embora sereias de Atlantic City, também costumam alimentar-se.



NO CAMARIM das «sereias», como sempre sucede, é proibido entrar; mas o repórter chamava-se Tritão e conseguiu.

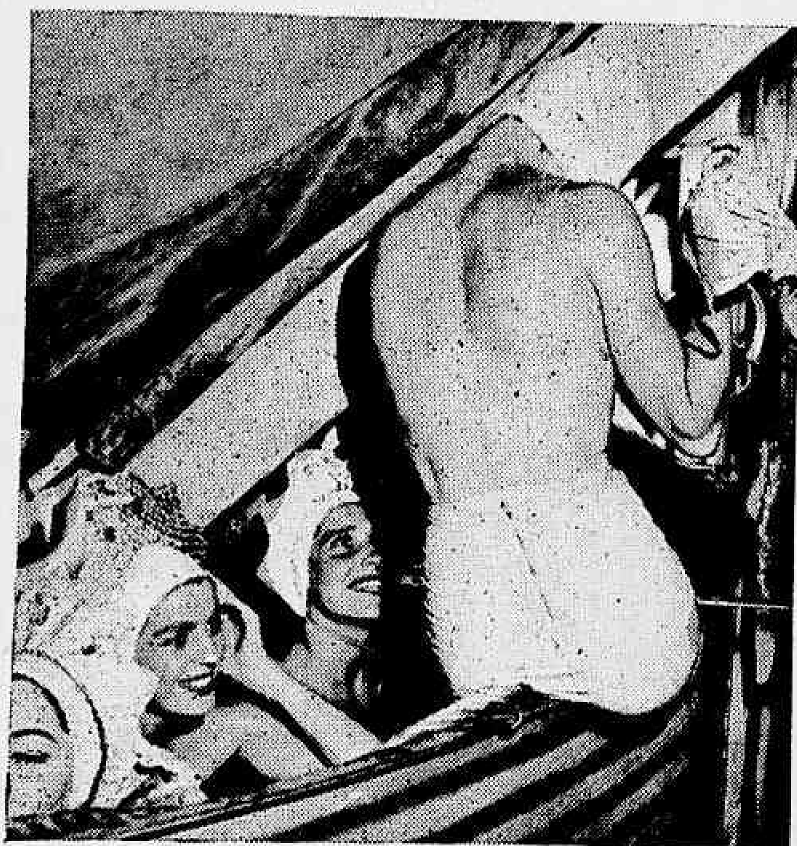


BELO JÔGO de cena para perturbar os que têm a ventura de ver tão encantador conjunto. Por detrás dêsses espelhos é que se acha instalado o «camarim submarino», no qual as garôtas de Lottie Mayer mudam de indumentos no rápido espaço de quinze segundos, causando sensação.

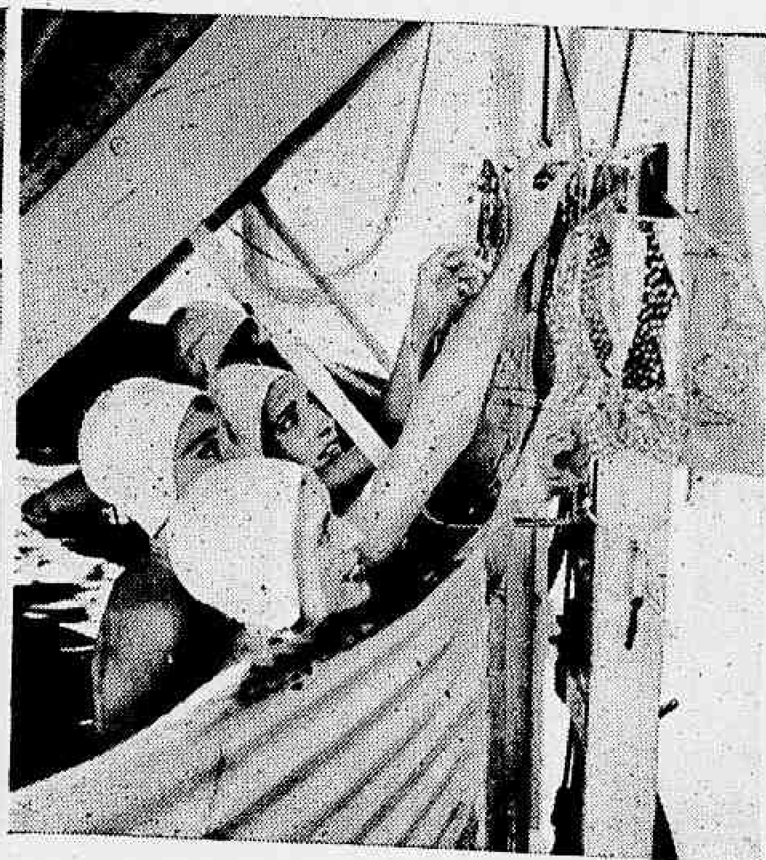
Mas, com surprêsa de todos os espectadores, quinze segundos depois dos mergulhos, tôdas elas emergem novamente, em novos trajes, como se fôssem movimentadas pelas mãos do mágico Houdini!

Como pode ser? — Perguntam os que vêm o milagre da transformação rapidíssima e debaixo dágua! O fenômeno se explica pela própria construção do tanque-piscina, feito exatamente para proporcionar tamanha mudança. O tanque está guarnecido por uma parede de espelhos que nada mais é do que uma falsa frente. Quando as bailarinas mergulham, elas nadam sob essa parede até a um pequenino espaço onde mudam de roupa. E então, ainda debaixo dágua, fazem a substituição da rou-

(Cont. na pág. 78)



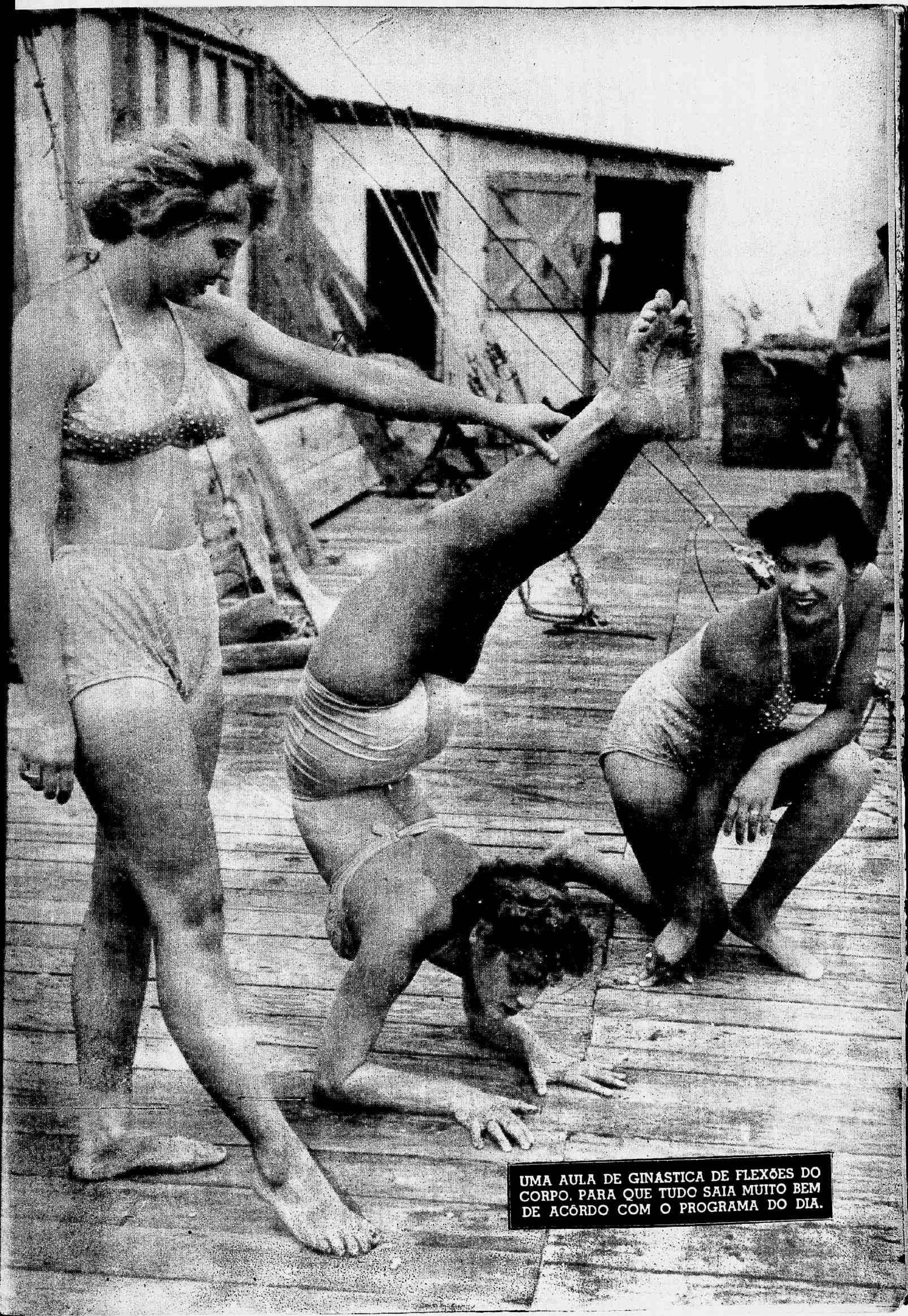
É AQUI, neste esconderijo que elas mudam de roupa e voltam à vista do cliente, como se o fizessem debaixo dágua.



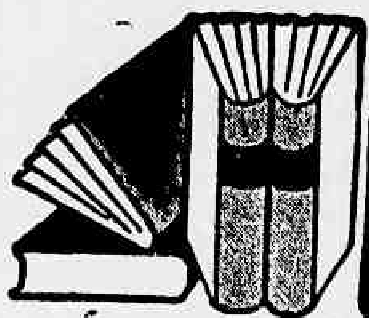
DEPRESSA, MENINAS, que os quinze segundos estão passando mais depressa do que os mergulhos que vocês tôdas dão.



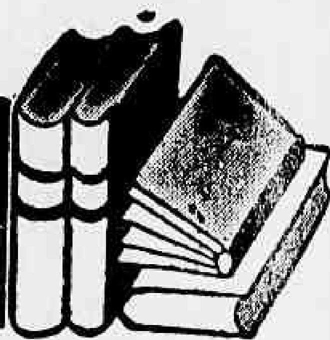
SALTANDO do alto, elas caem nágua com uma precisão de relógio, dando a impressão de que vão morrer esfaceladas.



UMA AULA DE GINÁSTICA DE FLEXÕES DO CORPO, PARA QUE TUDO SAIA MUITO BEM DE ACÔRDO COM O PROGRAMA DO DIA.



SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



EMERY BEKESSY

EMERY BEKESSY é dos grandes nomes da atual literatura húngara. E' também um dos escritores representativos da literatura universal de entre as duas guerras.

Entre os escritores húngaros de prestígio internacional, graças às traduções francesas, inglêsas e italianas, destaca-se Emery Bekessy, de que os jornais anunciaram recentemente o suicídio, quando, exatamente, após vários anos de tremenda luta, tocava à glória. Matou-se em Budapeste e não deixou qualquer explicação para o seu ato de desespêro. Entretanto, quantos sabemos notícias do que se vem passando na Hungria, talada pelo comunismo, podemos tristemente explicar a morte do romancista. Sabe-se, mesmo, que a "cortina de ferro" impediu mesmo que circulasse a notícia de seu sacrifício que, só depois de muitos dias foi divulgada na Europa. O livro, o grande livro de Bekessy é um romance: "Barrabás". Com êle, obteve nos Estados Unidos o prêmio do Religious Book Club. Êsse livro, que foi comparado ao "Quo Vadis" e ao "Ben Hur", tem sua ação no tempo de Cristo. O núcleo da história é a revolução: enquanto Cristo prega a reforma pelo amor e pela cordura, Barrabás é um chefe anarquista. O romance foi escrito em 1946. Depois aêle, escreveu infatigàvelmente, inclusive biografias de Roosevelt, de Churchill e de Rockefeller, além de uma obra considerada de grande importância, mas que não conhecemos: "Der Grosse Russische Kerker", em que fêz um estudo da política russa, desde Pedro, o Grande, até Lenine, sem aderir ao marxismo. Não foi à-toa que o novo govêrno húngaro teve reservas sôbre suas atividades. Além do mais, Bekessy, que se refugiara nos Estados Unidos, desde o advento do nazismo, aí dirigia um jornal. Ao regressar à pátria, continuava a ostentar sua qualidade de diretor do "Szabadsag", "diário húngaro-americano" de Cleveland, Ohio. Registra um jornal italiano a última mensagem do romancista morto tão tràgicamente em Budapeste. E' uma carta sua, aos seus editôres italianos. Então, dispõe sôbre direitos autorais de suas obras, fala que "não sabe o que lhe poderá acontecer" e, terminando a missiva, afirma que — "está em desesperado estado de espírito". Êsse o testamento espiritual do grande escritor que foi um democrata combatente e que o cáos russo, fixado como uma nuvem de tormenta sôbre a Europa central, acabou impelindo ao suicídio.

Poesia

CABRAL DO NASCIMENTO

Não te cheguei a conhecer.
Mas vive sempre em mim
A saudade das horas em que não brincamos
Correndo juntos no jardim.

Tenho o sabor dos beijos que jamais me deste.
Guardo o calor da tua mão, que não senti.
E conservo no ouvido a tua voz pueril
Que nunca ouvi.

Tua imensa ternura de criança
Me acompanha na vida. E, se te choro assim,
É de uma dor que por não ter principiado
Não poderá ter fim.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

ELIZABETH NOBILING está expondo os seus últimos trabalhos na Galeria Domus. Esta exposição consta de esculturas, desenhos e cerâmica.

★

E, POR FALAR em Elizabeth Nobiling, a conhecida escultora viajará para a Europa em meados de dezembro. Os pintores Maria Leontina Franco e Milton Dacosta também viajarão para a Europa nos primeiros dias de 1952.

★

HÁ, PRESENTEMENTE, quatro vagas no quadro de sócios do Clube de Poesia de São Paulo. Possíveis candidatos: Antônio Rangel Bandeira, Afrânio Zuccolotto, Dora Ferreira da Silva, Ilka Laurito, André Carneiro, Antonieta Dias de Morais.

★

ESTÊVE EM SÃO PAULO o poeta Afonso Ávila, da revista "Vocação", de Belo Horizonte. O jovem intelectual manteve-se em contato com os mais representativos escritores da terra bandeirante.

★

PASSARAM UNS dias na capital paulista os escritores João Mesquita Valença e Lauro Vargas, da revista "Caiçara", de Marília, Estado de São Paulo. O principal motivo dessa visita foi, certamente, a Primeira Bienal do Museu de Arte Moderna de S. Paulo.



DIVERSOS ESCRITORES paulistas estão colaborando, atualmente, no "Letras e Artes", suplemento literário de "A Manhã", do Rio. Destacamos as colaborações de Cyro Pimentel, José Escobar Faria, Domingos Carvalho da Silva, Mário da Silva Brito, Reynaldo Bairão.

★

ANTES DE publicar "O Tempo do Cansaço" e "A Canção do Diabo Finlandês, acompanhada da Ode Sepulcral Primeira", o jovem poeta paulista Reynaldo Bairão lançará uma "plaquette", intitulada "Poema Soturno de Minas Gerais", livro que será ilustrado por Darcy Penteado. A referida obra, já no prelo, aparecerá em meados de janeiro de 1952.

★

MARIA DE LOURDES Teixeira está preparando um novo livro, agora, para a Melhoramentos. Trata-se de uma biografia de Graça Aranha.

NA POEIRA DOS ARQUIVOS

(J O T A G Ê)

LUÍS SOUZA GOMES tem vários livros de valor, que lhe espelham a cultura. Daí a estranheza que causa encontrarmos, na 4ª edição de seu magnífico «Dicionário Econômico-Comercial e Financeiro» (Livraria Tupã Editôra, Rio), distrações como **milionéssima** (pág. 198); **miléssimos** (pág. 202); **vigéssima** (pág. 248). O infatigável estudioso naturalmente sabe que é Milionésima, milésimos, vigésima. Os que pronunciam essas formas como C, e não Z, apenas se iludem «por falsa analogia com **décimo**», lembra Vittorio Bergo, «Erros e Dúvidas de linguagem», Livraria Editôra Freitas Bastos, Rio, 1942, 3ª edição, pgs. 255-256.

POESIA FILOSÓFICA — mas possuidora de tôda a beleza da lira é a do poemeto de Proença Rosa, «Galileu Redivivo», Rio, 1951.

★

E' TÃO GRANDE a atração que a filologia exerce no médico Mário Rangel — aliás um espírito aberto às claridades da cultura geral — que são de sua lavra: Dicionário de sinônimos químicos-farmacêuticos; Vocabulário etimológico da medicina; Dicionário médico. Três excelentes edições dos Irmãos Di Giorgio.

★

«NENHUM PRODUTO da terra se recolhe com maior ansiedade e alegria do que a uva», diz Antônio Batalha Reis, pág. 7 duma obra-prima de arte e paladar que é «Roteiro do vinho português», edição SNI, Lisboa, 1945. Primorosos os desenhos de Bernardo Marques.

★

FOLCO MASUCCI estampou, em S. Paulo, «Anedotas históricas brasileiras», «Dicionário de pensamentos» e anunciou «Dicionário humorístico». Te-lo-ia publicado?

★

E R R A T A

O sonêto «Vem, Poesia», publicado no nº 42, desta revista, na «Semana Literária», e que saiu sem assinatura é do poeta Da Costa Santos.

UM POETA


Eurícledes Formiga

O poeta paraibano Eurícledes Formiga, atualmente em excursão pelo Estado de Minas, onde tem realizado recitais de poesia, pois Formiga, como os bardos nordestinos em geral e como Ascenso Ferreira em particular — é um autêntico declamador, melhor, um «cantor». Com seu retrato nesta página, devemos anunciar o próximo volume de versos do trovador do Norte, um repentista também, como os seus coestaduanos que dizem desafios à viola: «Vitral da Madrugada», eis o título de seu novo livro de poemas.

★

NOTICIÁRIO

TOMOU posse da cadeira Cláudio Manoel da Costa, da Academia Brasileira de Letras, o sr. Austregésilo de Ataíde, recentemente eleito. O discurso de recepção foi pronunciado pelo acadêmico Múcio Leão.

★

A morte recente do general Dilermando de Assis, que ainda há pouco publicou um livro, «A tragédia da Piedade», defendendo-se das acusações apaixonadas de que foi vítima, encerra o drama da morte de Euclides da Cunha, assassinado por aquêle oficial, então recém-saído da Escola Militar.

★

COMPLETOU seu primeiro ano de publicação o excelente suplemento de literatura e artes que se publica juntamente com o «Jornal do Povo», de Ponte Nova, Minas. O grupo pontenovense que vem sob a direção de A. Brant Ribeiro, renovando aquêle notável movimento da «Verde», de Cataguazes, dotando a zona da Mata, em Minas, tão fértil em iniciativas dêsse gênero, de um bem feito jornal de literatura e de arte, bem orientado, de espírito moderno, ágil e movimentado, está portanto de parabens. Entretanto, merece ainda cumprimentos, o povo de Ponte Nova, como suas autoridades, que possibilitaram a existência de um dos mais significativos órgãos de cultura do Brasil, neste momento.

★

LUIS JARDIM vai dar a representar peças de sua autoria. Mais um escritor que adere ao teatro, o que é muito bom para o teatro.

★

PEDRO BLOCH, cujo infatigável labor, êste ano, deu lugar a alguns de nossos mais assinalados sucessos, fêz estrear outra peça de sua autoria, com Procópio: «Um gato morreu na China».

★

CORRESPONDÊNCIA DA «SEMANA»

E. MASKIO — Sentimos muito, mas não sabemos o endereço do «Clube dos Inéditos».

Fora do Prelo

O LIVRO DA SEMANA:

"ODES"

VEM de São Paulo êste belo livro de versos — "Odes", de Edgard Braga. Belo, tanto pelo conteúdo, por êstes graves poemas, por estas odes de tão profundos acentos, como pela edição magnífica, em grande formato, de apurado gôsto artístico, com suas largas páginas deixando amplos claros de margens, como moldura aos versos, tudo encerrado na capa cinza, com ornatos severos, devida a Alarico, seu autor. De tal forma que êste livro, gràficamente, está em perfeita harmonia com os poemas que enfeixa, nos quais sentimos os mesmos tons graves e solenes. Trata-se, aliás, do primeiro volume de uma série que se denomina "Coleção Mão Aureolada", a que, evidentemente, se junta o cuidado e a propriedade da fatura dos livros ao seu espírito.

Estamos salientando êsses pormenores, para verificar que êste trabalho dos belos livros nem sempre preside às nossas edições, de apurado mau gôsto, em geral. Só de raro em raro aparece um exemplar assim, dando-nos conta de que se não existe, bem poderá existir, entre nós, uma arte do livro, capaz de atrair o leitor, desenvolver a bibliografia e predispor ao desenvolvimento de nosso comércio livreiro. E, aqui, passamos a apreciar os poemas e a poesia de Edgard Braga.

Da mesma forma que temos notado, na nova geração, um pendor decisivamente parnasiano, devemos assinalar em Edgard Braga, que a ela pertence, como em alguns outros poetas da sua idade, um neo-classicismo que, se não tem raizes no nosso modernismo, vai enriquecer-se do outro lado do Atlântico, na musa golcondesca de Fernando Pessoa, com os primores de seu aderêço. Realmente, ao ler os poemas dêste livro, Fernando Pessoa logo nos ocorre. Mas esta constatação não quer dizer mais do que um simples parentesco, um ar de família: Edgard Braga é um poeta feito, dono de seu meio ténico, original sob qualquer aspecto. E, por isso mesmo, porque é um poeta de largos vôos, é que se aparenta com Fernando Pessoa e com as vozes mais altas da poesia contemporânea, como por exemplo Rilke. Rilkiana — eis o que é a sua poesia. Rilkiana pela mesma fôrça de modernidade, de essência e de forma, pela alta jerarquia do movimento, da concepção, do lirismo e pelos profundos acentos que lastreiam êstes versos de uma leveza, de uma imponderabilidade ideais.

Não estamos citando nomes para simplificar a apreciação de um poeta difícil. Estamos preparando o leitor de "Odes", tanto para a descoberta do caminho desta poesia, como marcando a família espiritual do poeta, uma família que sobremodo lhe faz honra. Pelo contrário, Edgard Braga não é um poeta difícil. Sua poesia é clara, de uma transparência cristalina. Classicismo, — nem é à-toa que êle cita Lucrétius, no pórtico do livro. Todos êstes poemas são de admirável fluidez — de ritmos, de melodia, de vocabulário, de imagens. Tudo de uma serenidade única, de uma severidade que emociona. E tem uma grandeza que torna a reerguer da banalidade os velhos e grandes temas. Sente-se, nestas odes, a mão segura do poeta, trabalhando os seus versos e criando instantes imortais de beleza — em um momento de intensa e alta inspiração.

Edmundo Lys

"AVENTURAS DO ATOMIQUINO" — Aproveitando o interêsse pelos assuntos ligados ao atomismo, Álvarus de Oliveira escreveu, para as crianças e os adolescentes, um livro muito curioso e atraente, "Aventuras do Atomiquino", edição Pongetti.

TRADUÇÃO DAS CATILINÁRIAS — Cultura vasta, senso pedagógico e estilista límpido, o professor Maximiano Augusto Gonçalves é um dos mais ativos trabalhadores de nossos dias. Há pouco, deu-nos "Pro Archia", em primorosa adaptação ao vernáculo. Agora, com o mesmo vigor de erudito e a mesma clareza expositiva, oferece-nos "Tradução das Catilinárias, de Cícero", edição da Livraria H. Antunes. Texto latino, ordem direta, versão justalinear e literária, seguida de anotações, tal é a síntese do volume que mestres e alunos aproveitarão bastante.

CARRINHO DE BOIS — Em edição Pongetti, "Carrinho de bois", de Leônidas Bastos, é um livro dedicado aos pequenos leitores, por vários motivos. Primeiro, pela escolha feliz do tema. Segundo, graças à singeleza de linguagem. Terceiro, pelo fundo moral das histórias que formam o volume.

OS APUROS DO MACACO PIUM — Com ilustrações de Osvaldo Storni, as histórias de Hernani Donato, "Os apuros do Macaco Pium", vêm presentear o mundo de leitores infantis. Cabe destacar, inicialmente, a atividade incomum do autor. Logo após "Novas aventuras de Pedro Malasartes" e "Histórias dos meninos índios", também das Edições Melhoramentos, Hernani Donato produz esta curiosa obra, "Os apuros do Macaco Pium", a qual podemos situar entre as de maior interêsse para a meninada.

★

RECEBEMOS as seguintes publicações: «Escada», (nº 1), revista de cultura, direção de Batista da Costa e Ferro Lago, desta capital; «Sul» (nº 14) revista do Círculo de Arte Moderna, de Pôrto Alegre, direção de Anibal Nunes Pires; «Vocação» (nº 3), revista dos novos de Belo Horizonte, direção de Afonso Ávila, Fábio Lucas e Vera de Castro; «Revista da Academia Brasileira de Letras», (vol 79, ano 50); «Comédia» (nº 13), revista de teatro, direção de Brício de Abreu.

★

ANIVERSÁRIO DO SUPLEMENTO DO «JORNAL DO POVO»

Completou seu primeiro ano de publicação o excelente suplemento de literatura e artes que se publica juntamente com o «Jornal do Povo», de Ponte Nova, Minas. O grupo pontenovense que vem sob a direção de A. Brant Ribeiro, renovando aquêle notável movimento da «Verde», de Cataguazes, dotando a zona da Mata, em Minas, tão fértil em iniciativas dêsse gênero, de um bem feito jornal de literatura e de arte, bem orientado, de espírito moderno, ágil e movimentado, está portanto de parabens. Entretanto, merece ainda cumprimentos, o povo de Ponte Nova, como suas autoridades, que possibilitaram a existência de um dos mais significativos órgãos de cultura do Brasil, neste momento.

UMA PERSONAGEM



SIM, uma personagem, por mais que pareça um gato. E' um gato, isto é, uma gata e se chama Diana. E' a heroína de «The Proud Cat», um livro de Frances e Richard Lockridge, ilustrado por Elionore Blaisdell. Diana é uma gata siamêsa que recebe mal a vinda de crianças à casa em que sempre reinou, sòzinha. As crianças, encantadas com Diana, querem conquistá-la, porém ela permanece inabordável. Só depois que ela também tem filhos, dois lindos siamesezinhos, começa a admitir os filhos de seus donos. A história é principalmente destinada às pessoas que amam os gatos.

BALLET "JAPONÊS" . . .

(Cont. da pág. 8)

"ESCANDALO" NA FESTA

Todavia, percebemos que os vovôs nipônicos, mais conservadores do que os vovôs ocidentais, não estavam achando muita graça em verem as "netas do sol nascente" baloiçarem seus corpinhos bem talhados em pleno traje de "ballet" ou de indio, fazendo barulho com incompreensiveis guisos presos aos pés.

E quando um dêles, em sua lingua natal, comentou algo, em voz baixa, com um companheiro de imigração — primeira viagem — abanando a cabeça, o repórter "teve a coragem" de perguntar a um companheiro de um diário nipo-brasileiro o que diziam. E êste, sorrindo, explicou que o vovô perguntara se aquilo era festa do pêssego ou festa de pernas e de meninas bonitas, tendo, ao fim, suspirado: "ó! Que saudades das cornetas, das honestas e pudicas festas das cerejeiras!" No entanto, ficamos perto do vovô nipon e êle não arredou pé do privilegiado local que conseguira, no amplo auditório cujas cadeiras, tipicamente campestres, eram nossas próprias pernas.

ENTRADA PROIBIDA!

Quando o repórter fotográfico de outro jornal nos disse que seria impossivel devassar os camarins das bailarinas "niseis", buscamos uma forma que nos desse acesso aos bastidores, onde elas, atarefadas com a maquilage e com a troca de vestimentas, ofereceriam melhor material para fotografar.

Mas, a exemplo das Mesquitas orientais, os camarins estavam "rigorosamente policiados" e nós, com a inocência dos justos, entramos sorridentes, batendo afàvelmente nas costas de outro vovô, explicando-lhe que tudo estava bem, agradecendo-lhe as informações anteriores. Acrescentamos — a despeito de êle nunca nos ter visto mais gordos — que êle tinha sido muito bom para nós e que iniciariamos, prontamente, as fotos dos camarins, para o que já obtivéramos ordem. Efusivamente o abraçamos e foi quando êle solicitou a presença de uma das "niseis", pois nada ou pouco compreendia de português.

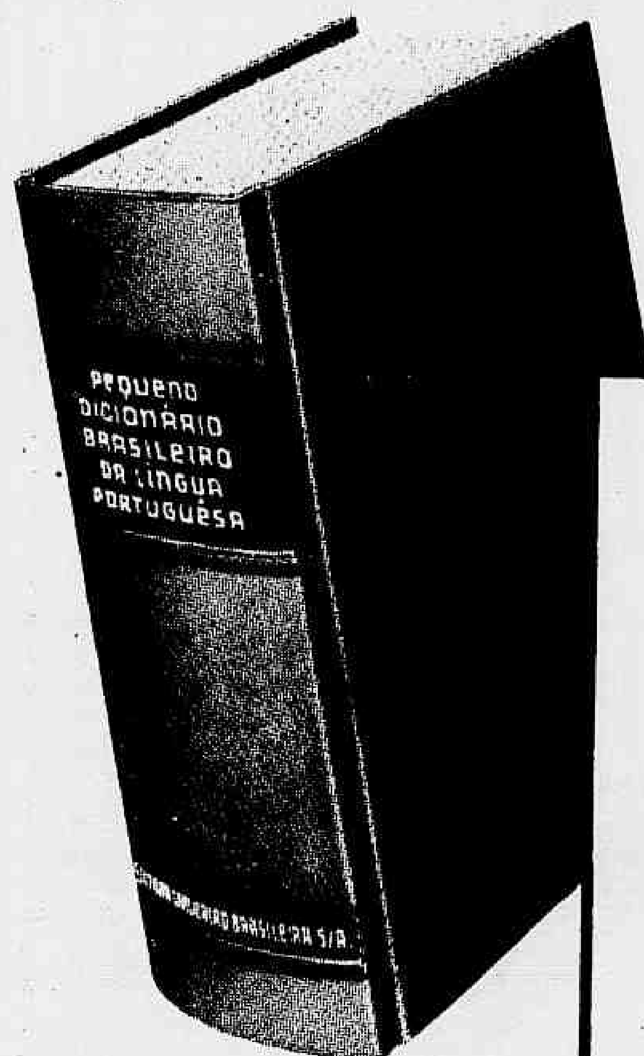
Fizemos outra encenação, baralhando os fatos e encompridando a conversa, enquanto Terini gastava lâmpadas e chapas no compartimento contiguo, entre os risinhos e gritinhos das bailarinas que, mesmo fingindo-se constrangidas com a invasão dos dois "bárbaros", mostravam-se contentes, pois iriam aparecer nas páginas da REVISTA.

E, quando vovô ficou bravo, saimos com as fotos no bôlso.

Porém, como se tratava de uma festa agricola, encerrados os bailados, já amigos das "niseis" buscamos o pátio, levando conosco todo o corpo de "ballet" entre os protestos de uns, os risos dos presentes e os olhares reprobatórios dos velhos nipônicos.

Depois disto, restou-nos encontrar a saida, por onde a camionete arrancou tonitroante, deixando atrás o adeus das belissimas "netas do sol nascente" e os olhares de reprovação dos vovôs que, todavia, já esboçavam um sorriso e estavam começando a gostar da festa.

compare com os outros...



Há dicionários com qualidades próprias, mas nenhum dicionário apresenta tôdas as qualidades dêste:

1 - Flexões regulares e irregulares de gênero, número e grau;
2 - Flexões irregulares dos verbos;
3 - Feminino dos substantivos e adjetivos terminados em "ão";
4 - Superlativo absoluto sintético;
5 - Maior número de brasileirismos perfeitamente definidos;
6 - Amplo registro de sinônimos;
7 - Registro da grafia etimológica e indicação da pronúncia de palavras não acentuadas, *a fim de evitar silabada;*
8 - Disposição em ordem alfabética dos adjetivos específicos, definidos no substantivo correspondente;
9 - Seriação dos verbetes, no caso de homônimos com étimos diferentes;
10 - Apêndice desenvolvido das palavras estrangeiras de uso corrente na língua portuguêsa;
11 - Indicação a respeito dos nomes próprios que aparecem na definição de certas palavras, com referência à nacionalidade e à época em que viveu a pessoa mencionada.

Volume com 1.344 páginas em papel importado, de primeira qualidade.
CARTONADO .... Cr$ 100,00
ENCADERNADO .... Cr$ 150,00

em tôdas as livrarias

PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

Atendemos pedidos pelo Reembôlso Postal

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua do Ouvidor, 102 - Rio de Janeiro
Rua 15 de Novembro, 144 - São Paulo
Rua Chile, 23 - Salvador - Bahia

ORLANDO ANTÔNIO DE AZEVEDO

Comissões — Consignações
Representações — Conta Própria



CIA. GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO (Cia. VELHA — PÔRTO) ★
M. SALDANHA & CIA. LTDA. (LISBOA) ★
H. M. BORGES, SUCRS. LTDA. (FUNCHAL) ★
ALBINO FELIPE BARBOSA (PÔRTO)



TRAVESSA DO COMÉRCIO, 26 — 1.º (Esq. da rua do Ouvidor) — TELEFONE 23-0691 — RIO DE JANEIRO.

FÁBRICA DE CANOS DE CHUMBO
METAIS: LINOTIPO — MONOTIPO — ESTEREOTIPO — ANTI-FRICÇÃO (PATENTES), ETC.

S. CRIVANO FILHO

TELEFONE 48-5630
ESCRITÓRIO e FÁBRICA:
RUA ANTUNES MACIEL, 25-25-A
RIO DE JANEIRO

METAIS MADUREIRA Ltda.

Metais não ferrosos — Canos de chumbo — Bobinas de cobre — Chapas de cobre, latão, alumínio — ZINCO PARA CLICHÊS.
(Metais em geral)
RUA FIGUEIRA DE MELO, 256-A
São Cristóvão ★ Fone 48-6344 ★ RIO

SOC. **HERMES** LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

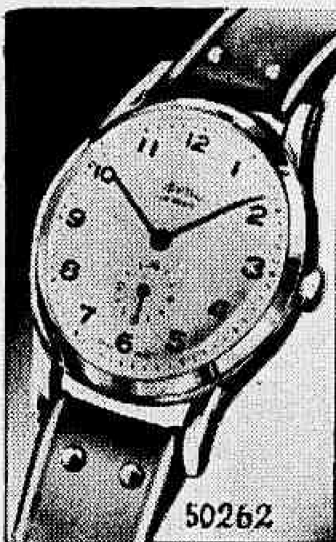
AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINÚAM

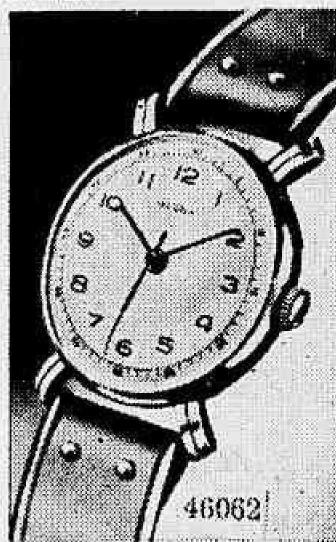
IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

CAIXA POSTAL 3411 - TELEGRAMAS: "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL









48.562 Bonito relógio suiço, bela apresentação, fundo fosco, máquina suiça, sistema Roskopf c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos, artigo de propaganda **160,00**

50.262 - Bonita caixa, fortemente dourada, c/ fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça com 15 Rubis, Oportunidade única! **240,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central Oferta de propaganda. Cr$ **150,00**

50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, com 15 Rubis, elegante mostrador claro, numeração dourada Oferta especial Cr$ **255,00**

82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda Certificado de Garantia Cr$ **370,00**

83.062 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Âncora com 15 Rubis, amplamente garantida Vidro lente Belo adôrno por preço todo especial Certificado de Garantia Cr$ **595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Âncora, de precisão, com 17 Rubis; ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia Um belissimo adôrno de grande utilidade! Cr$ **985,00**

36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. Cr$ **110,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. Cr$ **195,00**

36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos; com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. Cr$ **130,00**

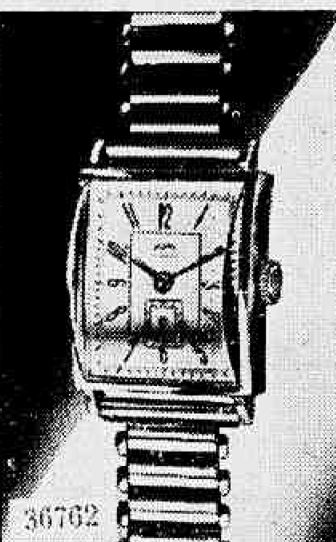
55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia Preço vantajosissimo. Cr$ **390,00**

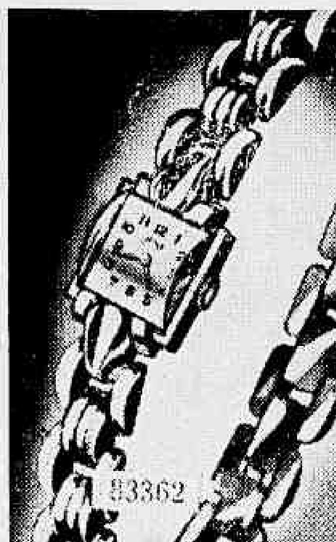
83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia Oferta de propaganda. Cr$ **490,00**

65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. Cr$ **230,00**

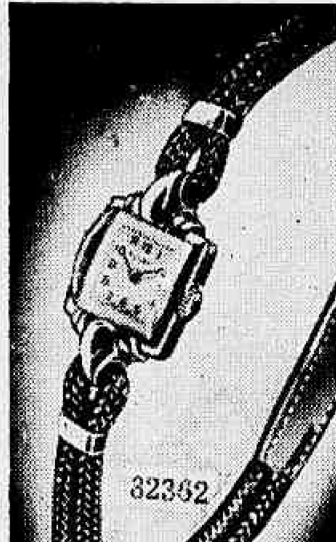
46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro Certificado de Garantia Oferta vantajosissima. Cr$ **430,00**

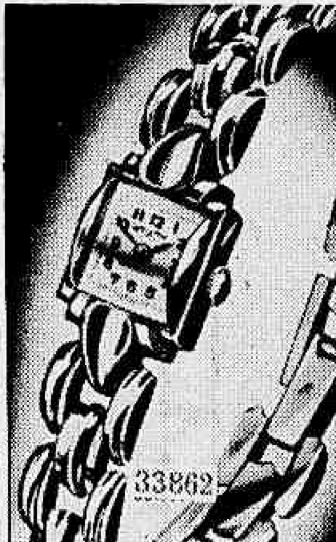




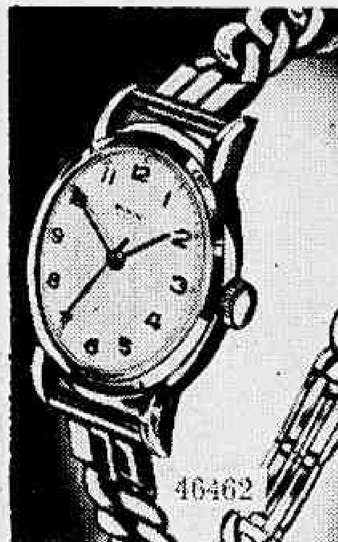




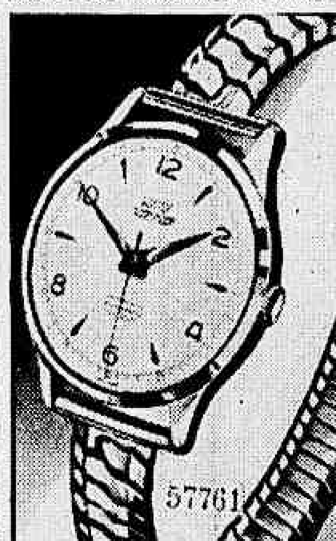












51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia Uma bela jóia por preço especial Cr$ **430,00**

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidavel, máquina finíssima de Âncora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMÁTICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior Certificado de Garantia Cr$ **890,00**

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com maquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTÂNCIA Preço de propaganda Cr$ **210,00**

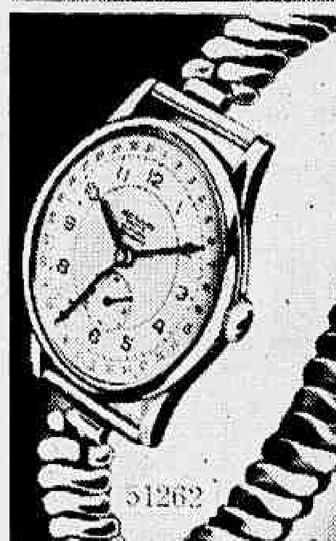
10.662 - Relógio de bolso, inteiramente cromado, boa máquina suiça, sistema Roskopf, oferta especial **90,00**

51.262 - Calendário! Indica hora e dia Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox. superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados; c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal, fundo de aço inoxidável Certificado de Garantia. Cr$ **620,00**

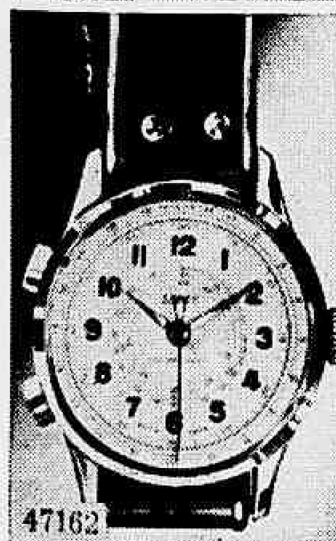
51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos, bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia. Cr$ **375,00**

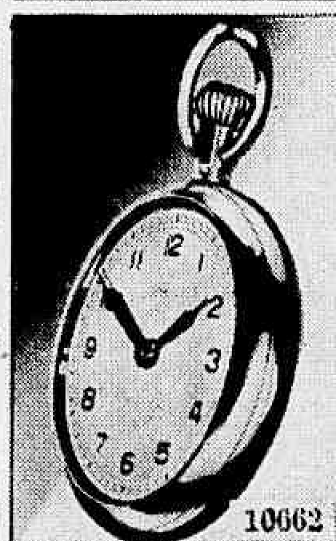
12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior máquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras Certificado de Garantia Cr$ **475,00**

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradável Dispositivo para colocar na mesa De grande utilidade Preço vantajoso Cr$ **250,00**









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPOM RS

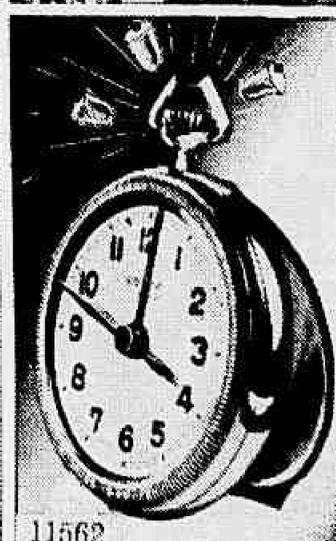
NOME ____________

RUA ____________

CIDADE ____________ ESTADO ____________

ENVIE NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERA GRATIS ESTA AGENDA DE 1951





PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS BIJOUTERIAS JOIAS-ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES



A MAIS RECENTE descoberta de Chaplin: chama-se Claire Bloom e fará o papel de Bailarina no seu próximo filme, "Limelight". Ela é inglêsa, tem 20 anos de idade e não está sendo enamorada pelo famoso cômico.



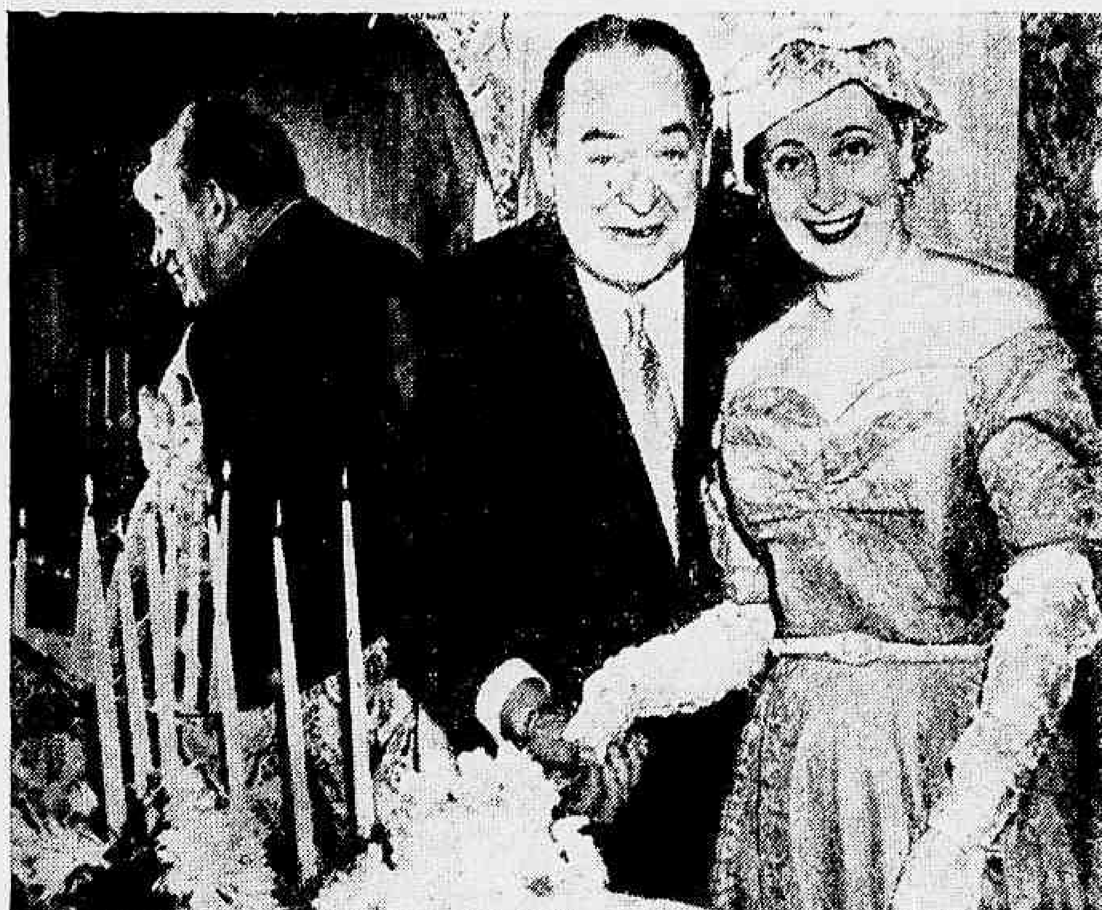
O PRÍNCIPE RUSSO Nestor Eristavi Eristoff, nascido na Geórgia (conterryneo de Stalin), festejou seu 80.º aniversário com uma recepção aos artistas da tela, em Hollywood. Há 30 anos êle figura na 20th. Centeury-Fox. Na gravura, o Príncipe beija a mão de Ann Blyth.

POR TRÁS DAS CAMERAS

AQUI estão alguns registros fotográficos de ocorrências em que participam ilustres figuras da tela, mas longe dos estúdios. Entre os episódios focados, desperta maior interêsse o do Príncipe russo Nestor Eristoff, que desde 1920 — três anos depois da revolução comunista em sua pátria — vive humildemente em Hollywood, na condição de extra. Mantendo a linha de irrepreensível elegância dos seus bons tempos, homem polido, cortês e realmente nobre, soube fazer-se estimado por tôda a colônia cinematográfica. Recentemente, ao ser festejado o seu 80.º aniversário — e trinta de permanência no cinema onde nunca alcançou um papel de qualquer destaque — deu uma recepção (financiada pela Fox, onde trabalha) e teve as honras da presença de Ann Blyth. A graciosa atriz dispensou ao velho figurante o melhor de suas atenções. E o velhinho sentiu-se feliz, muito venturoso com a presença de uma tão famosa "estrêla" na sua recepção. A registrar também, o casamento do sexagenário Edward Arnold com a muitíssimo balzaqueana sra. Cloe Mc Clain (que nada tem a ver com o cinema). Ela é 17 anos mais moça e declarou aos rapazes da imprensa: — "Mr. Arnold não é apenas um ator notável: é um homem de raros predicados de coração. E quanto ao mais... "Well", não tenho porque me preocupar."



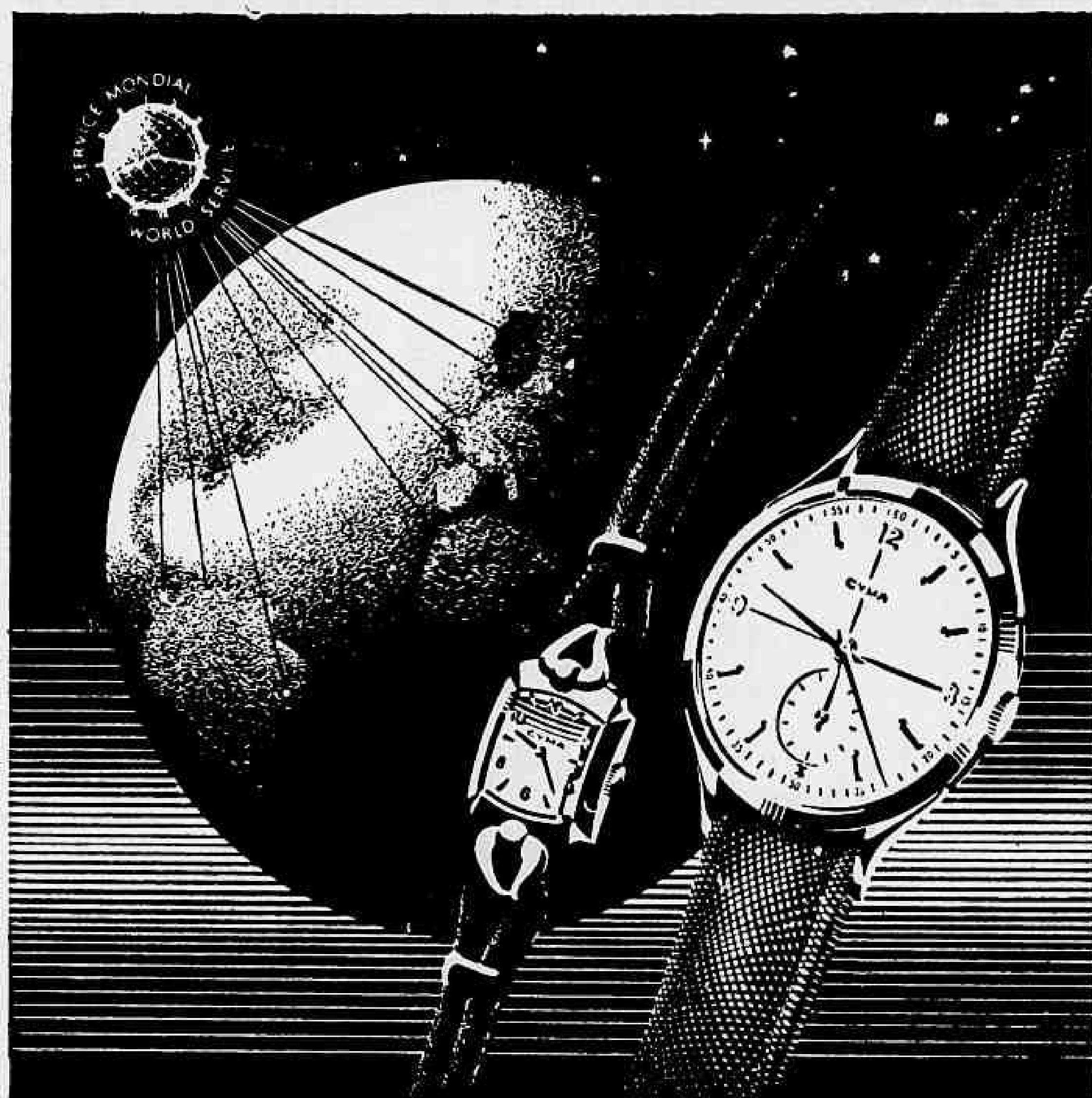
NO WALDORF ASTORIA, um grupo de "astros" festeja o 50.° aniversário do cinema norte-americano. Apagam o bôlo do jubileu, da esquerda para a direita: Henry Fonda, Elizabeth Taylor, John Payne, Irene Dunne, Dennis O'Keefe e Teresa Wright, mas estão ausentes muitas dezenas.



EDWARD ARNOLD, com 60 "primaveras", vem de consorciar-se com a sra. Cloe Mc Clain (43 anos de idade). Arnold nasceu em Nova York e estêve no teatro até 1932 quando iniciou sua carreira de ator cinematográfico. Seu recente casamento despertou grande interêsse em tôda Hollywood.



RICHARD WIDMARK na intimidade, com a espôsa (ex-professôra de Chicago) e a filhinha. Longe da tela, Widmark é um rapaz tímido, nada antipático nem odioso como nos filmes.



Entre as fábricas de importância mundial, CYMA ocupa um dos primeiros lugares. De geração em geração, milhões de freguezes satisfeitos, testemunham sua confiança na perfeição técnica dos relógios CYMA.

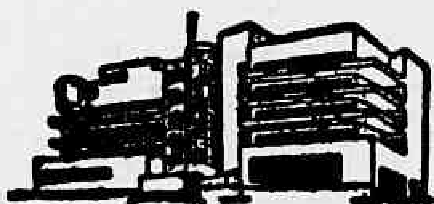
Uma poderosa organisação assegura a venda e a manutenção dos relógios CYMA em todos os pontos do globo terrestre. É o «SERVIÇO MUNDIAL CYMA».
A precisão CYMA e o «serviço mundial CYMA», são as caracteristicas dessa grande marca, que de agora em diante contará tambem com o prestigio de sua confiança.

CYMA

UM DOS MELHORES RELÓGIOS SUIÇOS

MATERNIDADE ARNALDO DE MORAIS

Direção do Prof. ARNALDO DE MORAIS



OPERAÇÕES DE SENHORAS — PARTO SEM DOR — Clínica aparelhada com todos os recursos modernos.



Serviço especial de assistência ao parto, com internação por seis dias em quarto de Cr$ 180,00, incluindo a assistência médica, por Cr$ 2.500,00 mediante pagamento no ato da inscrição e exame obrigatório com um mês de antecedência.



CONSULTÓRIO PREVENTIVO DA MULHER — Exames de seio e útero pelos métodos mais modernos (transiluminação dos seios, colposcopia e colpocitologia), por médicos especializados do Instituto de Ginecologia da Universidade do Brasil.



Aceitam-se doentes de médicos estranhos à Maternidade.



RUA CONSTANTE RAMOS, 173
COPACABANA — Tel.: 27-0110.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL O CONTINENTE QUE MAIS PRODUZ MARFIM:

— África?
— Ásia?
— Oceânia?

2 — DE QUE LETRA SE DERIVA O «J»:

— Do Y grego?
— Do hebráico?
— Do I latino?

3 — DURANTE UMA INVASÃO ROMANA, FOI A BIBLIOTECA DE ALEXANDRIA DESTRUIDA POR:

— Um incêndio?
— Uma inundação?
— Um assalto?

4 — QUAL O DEUS DA GUERRA NA MITOLOGIA GRECO-ROMANA:

— Mercúrio?
— Marte?
— Apolo?

5 — QUAL O OCEANO QUE BANHA A ILHA DE JAVA:

— O Atlântico?
— O Pacífico?
— O Índico?

6 — EM QUE CIÊNCIA SE DISTINGUIU THOMAS HUXLEY:

— Na Biologia?
— Nas Matemáticas?
— Na Mecânica?

7 — A QUEM SE DEVE A GUARDA DOS DOMINGOS:

— A Moysés?
— A São Paulo?
— Ao Imperador Constantino?

8 — DE QUE PAÍS EUROPEU ERA O FAMOSO GUILHERME TELL:

— Da Áustria?
— Da Suiça?
— Da Itália?

9 — A FORMIGA É UM:

— Himenóptero?
— Um diptero?
— Um ortóptero?

10 — A QUE POVO DA ANTIGUIDADE DEVE-SE O USO DOS HINOS:

— Aos romanos?
— Aos egípcios?
— Aos gregos?

11 — QUE NOME TEM O ESTUDO DOS PEIXES:

— Itiologia?
— Litosofia?
— Psitologia?

12 — EM QUE DIA EXATO NASCEU JESUS CRISTO:

— 25 de dezembro?
— 5 de maio?
— Ou não se sabe ao certo?

13 — DESDE QUE ANO COMEÇOU-SE A CHAMAR DE TIO SAM AOS ESTADOS UNIDOS:

— 1776?
— 1812?
— 1900?

14 — QUAL DESTAS AVES A QUE CROCITA:

— O corvo?
— O pato?
— O pelicano?

15 — QUAL O PAÍS QUE TEM POR APELIDO O NOME DE «JOHN BULL»:

— A Alemanha?
— A Inglaterra?
— A Suécia?

(Respostas na página 75)


Nada tenho com Eddie; mas não o tolero, como tambem não tolero isto aqui, e você sabe disso!


Tanto pior para você, "Srta. Importância". Oscar não aprecia as suas idéias e fantasias. No dia em que as autoridades permitirem, você irá servir mesas lá em baixo!


Eu já ouvira algumas colegas falarem a respeito dêle. Julgava-se o tal, mas eu o achava vulgar.
Espere!


Quantos livros! Vou na mesma direção e terei prazer se permitir que eu ajude a levá-los!
Na mesma direção? Vou para Pepper Street!


E é melhor deixar Eddie de mão! Êle vai ser sócio de Oscar, e não chegará para seu namorado ou marido!
Eu nunca tive namorados, mas quando tiver não será Eddie!


Pensando nas palavras de mamãe sôbre minha educação, eu voltei ao estudo disposta a seguir uma carreira. Depois da aula...
Olha! Que bela pequena! Deve ser nova na cidade! Quero conhecê-la, Bill!
Não creio que possa!


Ouvi o que aquêle seu colega lhe disse a meu respeito. E é verdade. Por que me segue e quer ser amável? Ou isso é uma maneira de zombar de mim?


Sinto que outros a desprezem, e sinto também acêrca do meu pai. Segui-a porque a acho muito linda, e suponho que é tão camarada quanto é bonita.


Não esperei pelo ataque...
Ela vem da escola. E' Babette Yates. Seus pais têm uma casa de tavolagem em Pepper Street e vão deixar a cidade.


Não quero ouvi-los. Aquêle deve ser Don Cuyler, filho do ministro.


Disse que ouviu o que Bill disse, e leio o desgôsto em seus olhos. Estou de volta para casa e espero fazer algo por você, Babette!


Receio que seja tarde e que venha a ter complicações por isso.

A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

— Diz o senhor que eu posso casar-me. Mas, se eu não quero casar-me, justamente para poder trabalhar?

— Sim. Entretanto é possível que haja outras razões.

— Quais, por exemplo?

— O amor...

— Quer o senhor dizer o gênero de amor "honrado e obediente". Mas eu não quero ter dêsse amor se eu casar-me. Espero que um homem ainda me diga: "Venha. Nós iremos lutar juntos pela vida. Se houver um fracasso, seremos ambos derrotados; se alcançarmos uma vitória, a glória será de nós dois".

Roger achou aquela linguagem muito estranha; mas reconheceu que havia nela algo de maravilhoso. Contudo, êle insistiu com ares doutorais:

— Há por êsse mundo muitos homens capazes de tomar conta de mulheres, e estas deveriam deixar aos mesmos o papel que lhes cabe.

— Não. Elas não devem agir assim. Deverei eu ficar às espensas de Barry ou de Constance e viver como tia Isabelle, a comer o pão da dependência?

— Mas, a senhorita? Enfim, não é preciso olhá-la muito para chegar-se à conclusão de que o seu romance terá o seu dia, e um dia muito feliz, como poucos.

— Era também assim que muitos pensavam a respeito de tia Isabelle. Mas um dia ela perdeu aquêle a quem amava verdadeiramente, e se acabou a possibilidade de tornar a amar a outro em sua vida. Penso que, se ela possuisse uma ocupação, não teria sido forçada a humilhações e a desolações sentimentais, como sucedeu.

Então Mary narra a Roger a história da tia, de forma tocante. Ao terminar, diz:

— E imagine o senhor, que foi justamente, aí, em nosso jardim, ao pé da fonte, que ela o viu pela última vez.

Gelados pelo sôpro espectral de um idílio morto, ficaram os dois, uns momentos, no maior silêncio, recomeçando Mary a palestra:

— Eis aí o motivo por que eu preciso aprender alguma coisa que me permita ganhar a vida. Eu posso cantar e tocar piano; mas não para ganhar dinheiro com isso.

Mary suspira e o rapaz procura um meio de ajudá-la:

— O meio mais prático para adquirir rapidez em estenografia é escrever trechos ditados por outro.

— Tia Isabelle, às vêzes, os dita; mas se fatiga fàcilmente.

— Então deixe que eu dite. Não me fatigarei nunca.

— Oh! Mas será que isso não vai aborrecê-lo? Poderiamos fazer alguns exercícios agora mesmo?

E foi assim que começou aquela amizade, em que era êle um servidor a adorar a criatura servida. Roger leu lentamente, gostando daquela tarefa, recostado em sua grande poltrona à luz da lareira, a refletir sua silhueta e a iluminar-lhe o rosto absorvido. E assim o tempo passa ràpidamente, até que, subitamente, Mary interrompe:

— Não sei o que está a reter tanto assim a Barry.

Roger lhe disse, então, o que estava hesitando dizer-lhe:

— Eu o vi lá na cidade. Penso que se dirigia ao Country Club. Jantara com alguns amigos.

— Que gente era essa?

— Ouvi que chamava a um dêles de Jerry.

Roger percebeu que Mary enrubescia.

— Detesto êsse Jerry Tuckerman, e Barry havia prometido a Constance que jamais tornaria a sair com êsse rapaz.

Sua voz havia tomado um tom agudo. Roger notara que ela estava lutando contra temores avassalantes. Estaria alí uma das causas do pesado fardo que perturbava a vida dessa moça? Que brava jovem era Mary, fazendo face, assim, às contrariedades, com a cabeça erguida!

— Gostaria que eu telefonasse ao Country Club? Talvez que seu irmão ainda estivesse lá e me atendesse.

— Oh! Se não lhe é incômodo...

Mas não foi preciso ir ao telefone pois, no mesmo instante em que Roger se dispunha a ligar, entra Barry e sua irmã corre ao seu encontro.

Um pouco mais tarde ouviram-se passos hesitantes a subir os degraus, enquanto uma voz cantava uma estranha canção, da qual, cada verso, terminava por uma exclamação. Roger dirigiu-se, na obscuridade, ao hall superior e se debruçou sôbre o parapeito. Mary subia com seu irmão a escada do andar superior. Barry tinha um braço em tôrno dela, mas a jovem evitava seu rosto e inclinava a cabeça.

Viu então Roger, que ela guiava os passos trôpegos do irmão na direção do quarto do mesmo. Abriu a porta e a fechou em seguida, ficando Mary sòzinha. Mas, lá no interior do aposento continuavam a cantar aquela canção estranha. Mary ficou por uns momentos em pé, as mãos nos quadris; em seguida apoiou o rosto na porta fechada, o braço encurvado a esconder os olhos.

Capítulo VIII

Se faltava a Delilah Jeliffe alguma cousa, não seria isso originalidade. O apartamento, que havia escolhido para o inverno em Washington, parecia-se com todos aquêles que havia visitado, e as alterações que adotara no mesmo — coisas introduzidas ou supressas — levavam bem os toques de sua personalidade.

Cortinas de penas de pavão diante da chaminé, cochins de safira, de esmeralda e de ouro velho sôbre o divã, a lareira despojada de todos os ornamentos, excetuada a presença de um candelabro de sete braços, davam a primeira impressão. Depois é que os olhos iam até a uma mesa antiga sôbre a qual descansava um vaso de cristal, sustentado por três macacos de bronze e que parecia recolher misteriosamente todos os reflexos da luz da chaminé, das velas e tôda a riqueza das côres. No outro lado da mesa se via um jarro baixo, cheio de pequenas rosas da côr de açafrão. Neste aposento, uma certa manhã, estava Leila Dick sentada, parecendo deslocada e fora do mundo.

Leila não gostava de cortinas descidas, nem de obscuridade. Lá fora o sol brilhava, resplandecia, e o céu era de um azul profundo e delicioso. Ela não gostou quando lhe vieram dizer que Lilah mandou chamá-la:

— Mademoiselle pede que a senhora vá até a seu quarto, anuncia a camareira.

— Céus! Que menina! — Exclama Delilah, que estava ocupada a pentear a cabeleira. — Não prometi acordar com os passarinhos!

— Há muito tempo que os passarinhos despertaram.



(RESUMO DA PARTE JA PUBLICADA)

MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara das Tôrres», sendo fechado o negócio O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão mais jovem que ela, Barry. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, mas em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça, com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal, estava Roger sòzinho em seu apartamento com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, tralhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública.

Tradução de

RENATO DE ALENCAR

★

Ilustração de

JERÔNYMO RIBEIRO

Leila se estirou sôbre uma preguiçadeira.

— Devemos almoçar antes de ir ao Fort Myer, e já é quase uma hora.

Lilah boceja.

— E' possível?

E continua a pentear os cabelos, com a mesma negligência de quem tem ainda várias horas de folga. Trazia um "negligé" de sêda côr de rosa vivo, condizente com o meio.

O quarto de dormir de Delilah era como o sul sob um sol ardente; o salão, era a meia noite sob a luz das estrêlas. Ela gostava de vestir sua roupa noturna de acôrdo com seu quarto, para dar certo contraste.

Tendo, enfim, dividido a cabeleira em duas metades magníficas, Delilah, com ar atento, examina seu rosto ao espelho. Em seguida, tendo verificado que não precisava de todos aquêles vasos alinhados pela camareira em sua penteadeira, volta-se para sua amiga:

— Que devo vestir, Leila?

— Se eu lhe disser, você não o porá, foi a resposta calma da outra.

Delilah começou a rir.

— E' exato. Compete exclusivamente a mim tal questão. Mas eu desejava saber que gênero de vestuário: vestido ou esporte?

— Porter nos levara em seu carro. Você vai precisar de um "manteau" quente, e alguma coisa de chique por baixo, para o almôço, compreende?

— Mary Ballard também vem?

— Naturalmente. Nós não teríamos o carro de Porter se ela não viesse.

— Sim; mas Mary não estava conosco quando tomamos chá lá no Parque, com Porter.

— Sei; mas fôra convidada. Porter não a esquece nunca.

— Já são noivos?

— Nada! Mary não quer.

— Não teria ela maior partido.

Delilah refletiu um momento.

— Mary não é bonita, e tem um gênio algo antiquado.

Leila enrubesceu.

— Eu a acho muito bela.

— Isso é você, minha gatinha, porque a ama. Mas a maioria dos homens não dirá que Mary Ballar é assim tão bela.

— Acho graça. Um homem medíocre talvez o diga; mas Mary não poderia interessar-se por um homem vulgar.

— Não há homem vulgar quando êle é amoroso.

— Oh! Para você, — diz Leila em tom de desprezo — para você o amor não passa de um jôgo.

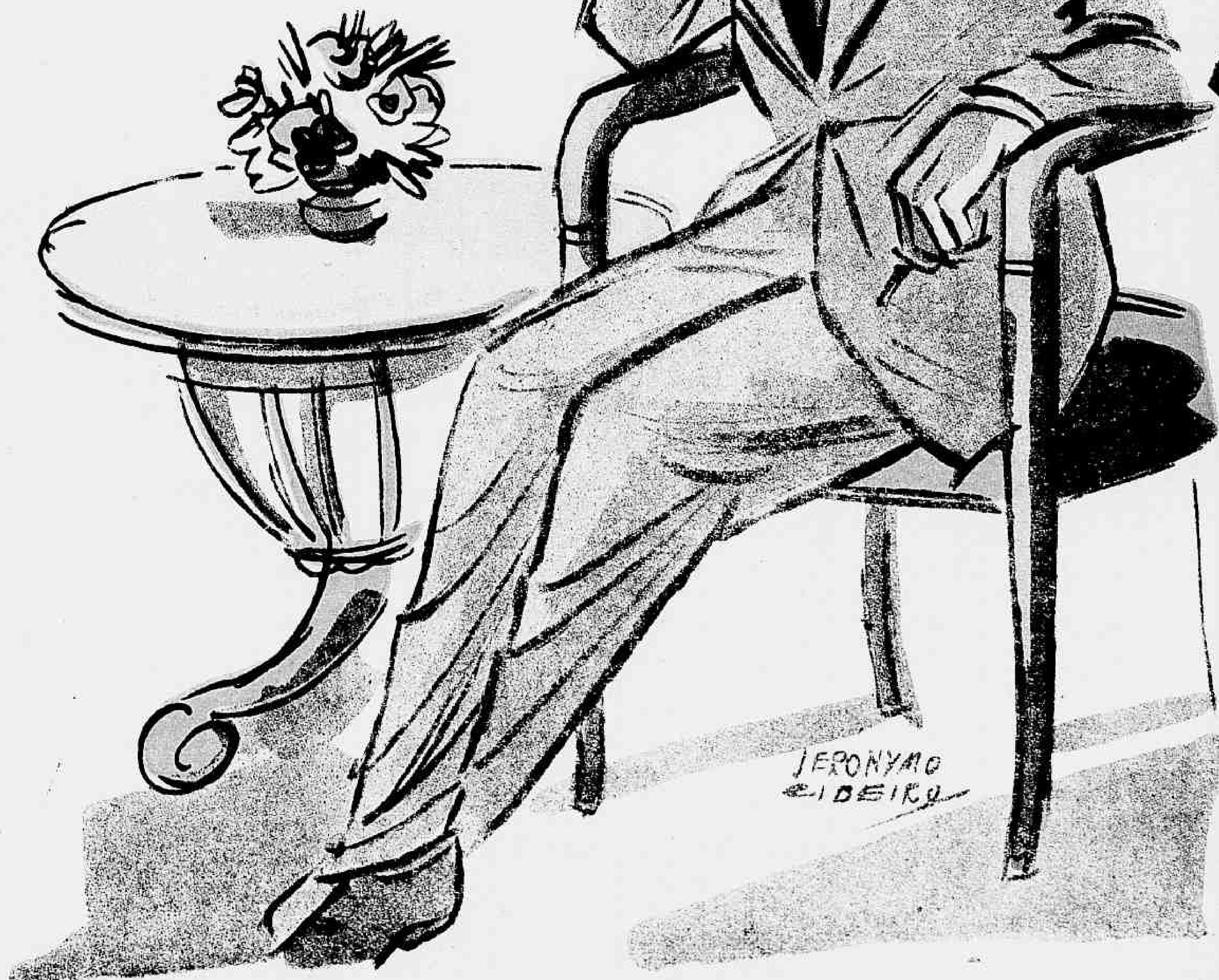
Lilah se ergue, atravessa o quarto com passo rápido e a vem beijar.

— Não me deixe obscurecer sua plumagem, pequena andorinha — diz ela — que esta manhã eu estou como um pavão depenado!

— Que há, então?

— E' que não sou o sucesso perfeito que desejava ter sido. Oh! Eu bem o vejo. Há três meses que estou aqui e todo mundo me olha como a um animal curioso; mas não me vêm ver aquêles a quem eu desejaria receber. E' porque estou muito mal amanhada, dentro dos meus exageros. Em Nova York é preciso exagerar e se deseja alguma coisa. De outra maneira, estaremos perdidas entre as multidões. Eis o motivo por que a Quinta Avenida está cheia de mulheres que vestem "toilettes" sensacionais. Ninguém distingue uma mulher apenas porque tenha um rosto belo, pois há centenas de lindas criaturinhas. E' preciso que a mulher se singularize de maneira que possa atrair a atenção sôbre ela. Mas vocês tôdas, as mocinhas

(*Continua na pág. 62*)



O NATAL CANADENSE



A TÔRRE DA PAZ DO PARLAMENTO, EM OTTAWA, EMOLDURADA NUM CENÁRIO DE NEVE TÍPICO DE NATAL.



EXCURSIONAR no trenzinho de brinquedo é um dos folguedos prediletos desfrutados pelas crianças canadenses, na seção especializada dos grandes estabelecimentos comerciais do país. Pela vida adiante, quando já homens feitos, êles hão de recordar as primeiras e tão gratas emoções que o Natal lhes deu!

SEIS MILHÕES DE PINHEIROS EXPORTADOS ANUALMENTE PARA OS ESTADOS UNIDOS ★ NEVE, FRIO, AGASALHOS E VENERAÇÃO PELAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS ★ "SANTA CLAUS", "ST. NICHOLAS", "PÈRE NOEL", TRÊS NOMES DISTINTOS, UMA SÓ PERSONAGEM VERDADEIRA

Texto de M. F. MATOS

À semelhança do que ocorre no Brasil e em todos os países dêste hemisfério, tão ciosos de suas tradições ocidentais, o Natal no Canadá é data inteiramente reservada à família, e às vêzes a uns poucos amigos íntimos que se reunem, sob o mesmo teto acolhedor, para alegre confraternização e recolhida meditação sôbre a mensagem espiritual que todos os anos se renova, ao célebrar-se a festa magna da Cristandade. Pelo Natal brotam do coração dos homens sentimentos de cálida fraternidade que habitualmente se traduzem em generosos e singelos presentes, segundo a tradição estabelecida pelos Reis Magos, no humilde estábulo de Belém. Nas meias, ansiosa e febrilmente penduradas na noite anterior, vão as crianças canadenses ter a alegre revelação de que não foram esquecidas pelo Espírito do Natal, embora lhe chamem, por todo o imenso país coberto de neve, do Atlântico ao



ANTES DE TUDO, o Natal é uma festividade religiosa. Sob as vistas dos anjos, êsses jovens canadenses brincam aos pés do tradicional pinheiro e são felizes.



PARA AS CRIANÇAS, a emocionante inspeção dos presentes, sob a árvore, na manhã de 25 de dezembro, é uma evocação que o tempo há de acalentar!



O BEIJO SOB o ramo de agárico é um costume da terra e a decoração festiva da árvore uma tradição memorável. Mais de 6 milhões de pinheiros são exportados.



O NATAL CANADENSE



ÀS VÉSPERAS do Natal, acorrem às casas de brinquedos crianças de olhares sonhadores e sequiosas numa antecipação da felicidade que lhes trará a

Pacífico,, por diferentes nomes: umas vêzes "Père Noël", outras "Santa Claus" e "Saint Nicholas". Como acontece em tantas outras manifestações da vida do povo daquele país, o Natal foi-se enriquecendo e tornando mais característico no Canadá pela contribuição que recebia dos diversos povos que ali se radicaram. Assim é que da Grã-Bretanha veio o pudim de ameixas, a árvore profusamente decorada, os melodiosos cânticos à porta dos lares iluminados e o beijo da meia-noite. Da França veio o encantador presepe, a festa do "réveillon" depois da Missa do Galo, com as saborosas tortas de carne ou "tourtières"; e o "guignolée", pitoresca coleta de presentes para os pobrezinhos, feita de porta em porta. Da Alemanha também veio a feérica "árvore



..EM PRESEPES como êste a Sagrada Família é venerada em todos os lares canadenses por ocasião da Natividade. Crianças e adultos respeitam essa tradição.



a visita de Santa Claus. Cada ano surgem novos brinquedos eletrificados e a família vai sentir primeiro a reação dos filhos. Depois... compra o brinquedo.

de natal", hoje em dia um dos traços mais característicos do Natal em todos os países. A Escandinávia, os Países Baixos, a Polônia, a Ucrânia, a Itália e os países ibéricos, de tão acendrada fé cristã, também contribuíram, em maior ou menor escala, para a singular mistura de vivas tradições de que resultou o Natal Canadense. Ao aproximar-se mais um Natal do após-guerra, esperam os canadenses que êle venha, de fato, anunciar nova era de "paz no mundo aos homens de boa vontade". Entretanto, não importa o que o futuro haja de reservar ao mundo, uma coisa é certa: o Natal será celebrado no Canadá, uma vez mais e como sempre, à maneira e segundo o espírito que a tradição de muitos países ali implantou.

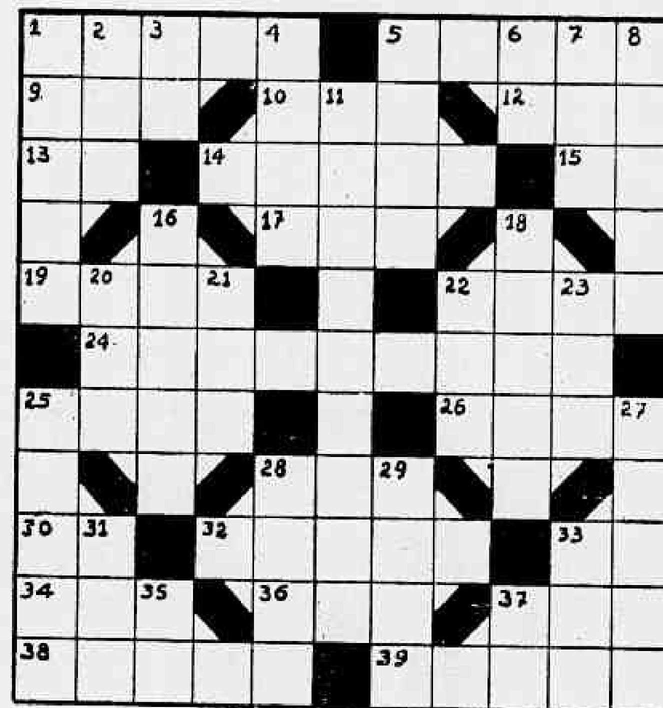


ÊSTE MENINO canadense explica emocionado a Santa Claus, o que realmente desejaria receber pelo Natal. E sua encomenda, certo, não será esquecida!

PALAVRAS CRUZADAS

Problema N.: 83 para Veteranos

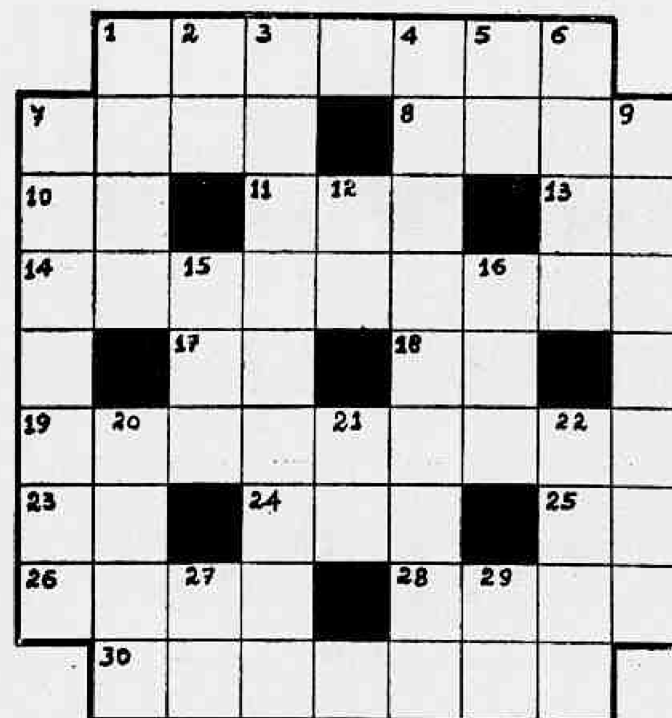
HORIZONTAIS: — 1. Intriga — 5. Récua de mulas — 9. Duração sem fim — 10. Cidade da Itália, na Ligúria — 12. Sem sal — 13. O parceiro que não compra cartas no jôgo do voltarete — 14. Mergulhão da família dos Sulídeos — 15. Prefixo que traz a idéia de tendência, direção — 17. Elemento grego que significa caminho — 19. Seguimento — 22. Trovão, entre os índios — 24. Indivíduo perverso — 25. Aparência — 26. Pessoa que dança mal — 28. Embriaguês — 30. Circular — 32. Coisa que ameaça a ordem social — 33. Duplamente — 34. Trilha — 36. Hora do ofício divino — 37. 10ª letra do alfabeto hebraico — 38. Proteção — 39. O mesmo que músculo.



VERTICAIS: — 1. Conversão de almas — 2. Nome de um peixe grande — 3. Contração — 4. Capaz — 5. Cabedal — 6. Variação pronominal — 7. Atrela — 8. Chapada — 11. Cavalo que tem inchações crônicas nos machinhos e nos joelhos — 16. Situação transitória de um negócio — 18. Rústico — 20. Província do Peru — 21. Floresta virgem — 22. Bagatela — 23. Simétrico — 25. Traquinas — 27. Quintal — 28. O ponto mais alto — 29. 5º filho de Sem — 31. Sumagre — 33. Jôgo de cartas de origem italiana — 35. Num instante — 37. O Senhor, o Absoluto, na filosofia hindu.

*

Problema N.: 83 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Instrumento cortante para rachar lenha — 7. Privado da vista — Interjeição de surprêsa ou dor — 10. Elegância, donaire — 11. Despida — 13. Siga — 14. Edificar — 17. Interjeição de espanto — 18. Caminhava — 19. Fazer carícias - 23. Enxerguei — 24. Segue — 25. Batráquio — 26. Canoa de casca de madeira — 28. Gostas — 30. Observaram.

VERTICAIS: — 1. Introduzo — 2. Símbolo da prata — 3. Guardar com cuidado — 4. Animar — 5. Preposição — 6. Escutei — 7. Dizia em voz baixa — 9. Mulato alourado (pl.) — 12. Antiga nota musical — 15. Descalça — 16. Interjeição de espanto — 20. Remam para atrás 21. Andava — 22. Lavram — 27. Variação pronominal — 29. Perversa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 82 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Tijolo — Gip-gip — Adur — Bôes — Aro — Rórida — Ocular — Éculo — Araiú — Mamar — Iran — Aea — Ovém — Najá — Ers — Paca — Xeta — Sho — Aruá — Taful — Marel — Ébano — Onusto — Amarra — Ner — Ruir — Izar — Alunas — Tisana.
VERTICAIS: — Tarima — Pomona — Ido — Aela — Anel — Jurema — Caruru — Órica — Marés — Duro — Ultra — Obal — Vexa — Ous — Erê — Geo — Imst — Bart — Iscar — Atam — Urano — Anais — Galana — Sforza — Iraí — Jehu — Ran — Poruca — Olcara.

PARA NOVATOS

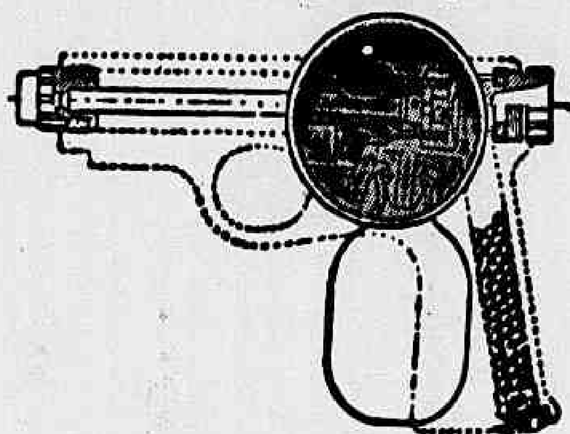
HORIZONTAIS: — Irmão — Adiaram — Au — Ara — Ar — Iso — Ate — Atro — Amam — Ira — Aga — Aa — Aia — Ar — Lamaçal — Limão.
VERTICAIS — Id — Ria — Maré — Ara — Ao — Austral — Matagal — Alaia — Remar — Ora — Ama — Miam — Ami — Aça — Al — Ao.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAISES

A Pistola metralhadora atira 500 balins sem necessi dade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

FABRICADA POR
ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA
RUA URUGUAIANA, 104
Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, uma desentupidor, uma alça de mira 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250.00 pelo REEMBOLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15.00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMATIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....
Enderêço ....
Cidade .... Estado ....



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFECÇÕES
DO COURO CABELUDO

O PEQUENO CONTO

SUMIU O BRILHANTE

GEO WILLIAM



A ELEGANTÍSSIMA dama, irradiando caríssimo e suave perfume, desceu do luxuoso automóvel frente à grande joalheria da Quinta Avenida, sendo recepcionada pelo gerente da firma, que se dobrava em solene curvatura.

— Desejo ver uns brilhantes de água puríssima...

— Pois não, madame! Temos uma coleção maravilhosa, das mais belas pedras do Transwall.

Deu ordens e logo depois um estojo de veludo prêto, cintilante de gemas maravilhosas, era aberto aos olhos da elegante e jovem senhora, cuja belesa atraia todos os olhares.

Como conhecedora profunda ela foi verificando uma a uma. Havia um brilhante de 15 quilates, uma jóia de altíssimo custo. Brilhava, com cintilações de arco-íris, como ôlho gigantesco de um bonzo mandchuriano, perscrutando o infinito, esvurmando o Cosmos. A dama sopesou a jóia. Quis saber de sua procedência, do preço, de sua história — tôdas as grandes jóias têm uma história, veridica ou inventada — e da forma com que ficaria melhor engastada. Trouxeram-lhe desenhos, fizeram-lhe exibições.

Enquanto isso a dama, retirando de sua rica carteira um cigarro egípcio e um isqueiro cravejado de pedras preciosas, retirou também uma pelota de massa de vidraceiro que colocou, ràpidamente, sob a beirada do balcão. Em seguida, aproveitando uma ligeira distração do gerente e assistente, grudou, na massa, o grande brilhante. Em seguida, fechando o estojo ficou para voltar e resolver. Ninguem percebeu o golpe e a dama sumiu, acompanhada até o carro pelo gentilíssimo gerente.

★

Ao fazer a verificação costumeira, deram pela falta da jóia. Houve reboliço. Juraram, porém, que a dama jamais poderia ter furtado o brilhante. Começou a história de um mistério que jamais seria desvendado pelas vítimas. Mas tudo quanto era mistério para elas, não o era para o sócio da bela dama, que entrou na joalheria, pedindo um objeto comum. Escolheu e mandou embrulhar. Enquanto aguardava, passou a mão com displicência pela borda do balcão. Tocou a saliência de massa e brilhante, empalmou tudo, meteu a mão no bôlso de onde saiu com um maço de cigarros, enquanto que no fundo ficava a prêsa!

Depois calmamente saiu, pagou o objeto adquirido e no noturno para Chicago, naquela mesma noite, em cabines separadas, mas muito juntos no empreendimento audacioso e inteligente, viajaram a bela dama, o senhor em aprêço e o brilhante. ***(IPA)***.



Dê a si mesmo o presente de uma viagem a PARIS pela

AIR FRANCE

RIO DE JANEIRO
AIR FRANCE - Av. Rio Branco, 257-A
Tel.: 42-8838 - Teleg.: AIRFRANS

SÃO PAULO:
AIR FRANCE - Rua Libero Badaró [illegible]
Tel.: 32-3902 - Teleg.: AIRFRANS

RECIFE:
AIR FRANCE - Av. Guararapes, 210
Tel.: 7549 Teleg.: AIRFRANS

PORTO ALEGRE:
AIR FRANCE - Rua dos Andradas 1089



O elemento feminino, como sempre acontece, forneceu a nota de maior realce às reuniões da temporada turfista de 1951.





Grandes personalidades internacionais visitaram, no correr dêste ano, o nosso Hipódromo, recebendo a tradicional homenagem do Jockey Clube Brasileiro.

O GRANDE ANO TURFISTA

PRESTES a terminar o ano turfista de 1951, um dos mais brilhantes do elegante esporte hípico entre nós, é interessante reviver os fatos de maior relêvo ocorridos à sua passagem. Centro de convergência das atenções de grande parte da população carioca, o Hipódromo Brasileiro viveu, durante o ano que agora se extingue, memoráveis jornadas, arrastando multidões, quebrando "records", alcançando êxitos sociais e esportivos sem precedentes. Através de magnífica temporada de corridas, marcada por notáveis índices técnicos, mundanos e financeiros, mercê de realizações vultosas, que mais ainda enriqueceram o patrimônio turfista da metrópole, robusteceu-se o prestígio e reafirmou-se o progresso do turfe local, hoje colocado em plano de igualdade com os maiores do mundo.

No terreno das realizações, podemos citar em primeiro lugar a iluminação das pistas de corrida para reuniões noturnas, perfeita obra da engenharia eletricista. O totalizador de apostas foi outro melhoramento de indiscutível vantagem inaugurado recentemente, sendo o Brasil o primeiro país da América do Sul a possuí-lo. Facultando ao apostador acompanhar passo a passo o movimento das apostas, permite ainda o engenhoso aparelho que as corridas tenham início mais tarde, comportando os programas maior número de páreos sem prejuízo do encerramento à hora habitual. Numerosas cocheiras foram construídas, para atender à crescente afluência de potros, oriundos dos haras de todo o país. Aumentou o Jockey Club Brasileiro os auxílios e subvenções às sociedades congêneres do interior, doando às mesmas inúmeros animais adquiridos direta-



1951 assinalou também o «record» do movimento de apostas, marcando, no dia memorável do Grande Prêmio Brasil, um total de mais de vinte e um milhões.



O Grande Prêmio Brasil, do qual saíram laureados os turfistas Rocha Faria e o jóquei Luiz Diaz, foi a nota culminante da série internacional de 1951.

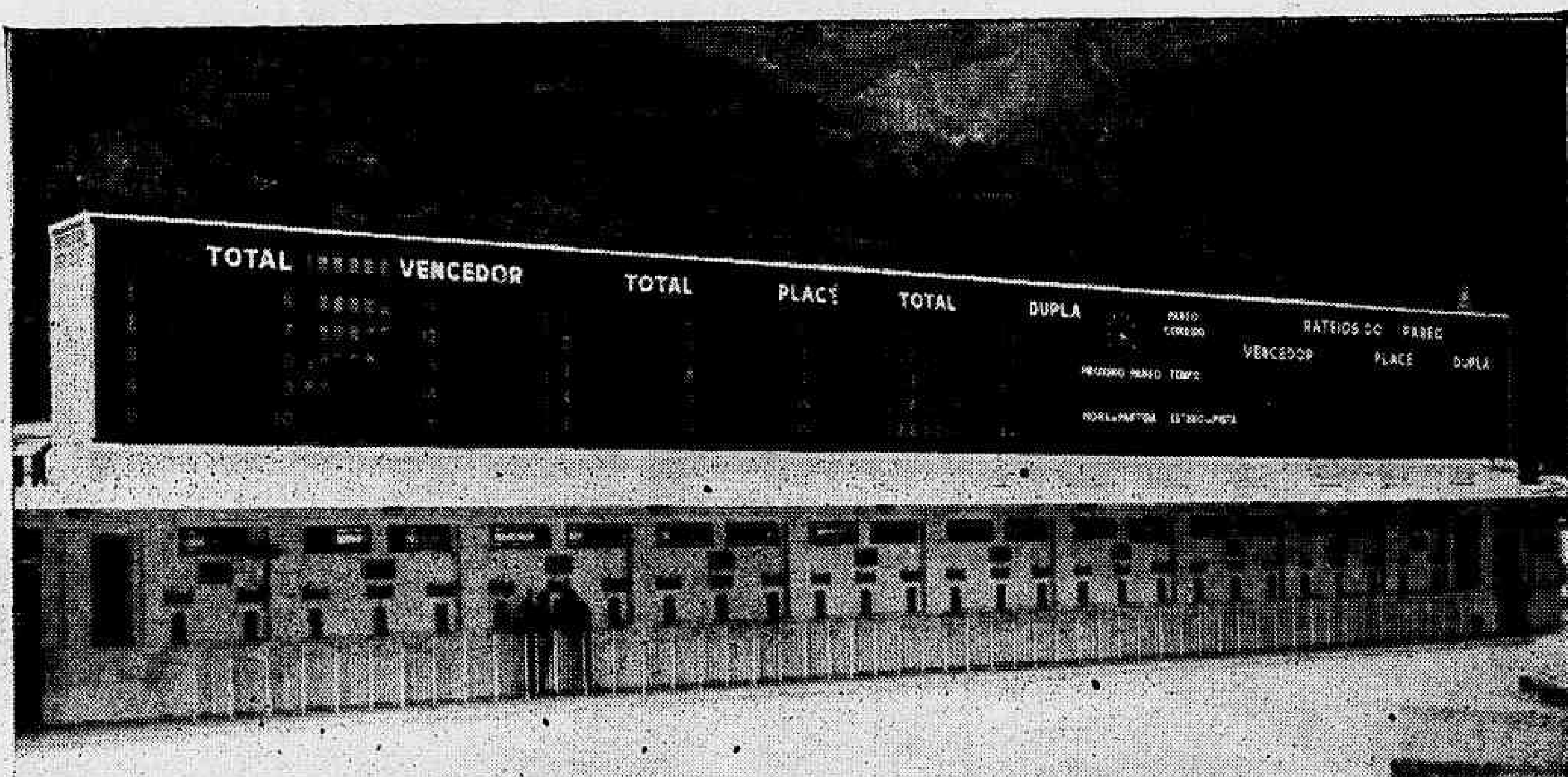


AS GRANDES ASSISTÊNCIAS NO HIPÓDROMO FAMOSO. UM ESPETÁCULO SOBERBO, TANTAS VÊZES REPETIDO EM 1951

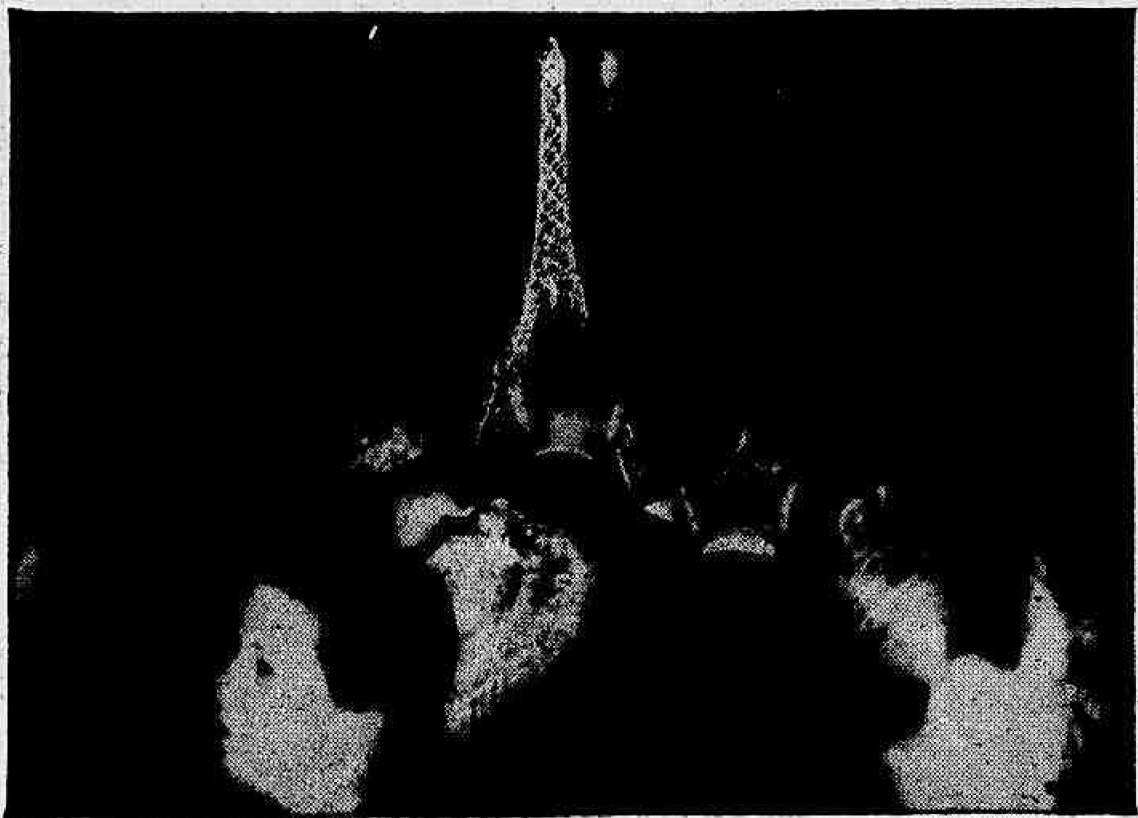
DE 1951

mente ou através dos páreos compulsórios. Importantes deliberações foram introduzidas no regulamento das exposições-leilão, melhorando as dotações das eliminatórias para potros e criando novas provas especiais para os mesmos, em 1952. No setor esportivo e social, vamos encontrar o Grande Prêmio Brasil, como o acontecimento máximo da temporada, batendo todos os "records" de assistência e de apostas, cujo total ascendeu a mais de 21 milhões. A formidável campanha da égua Tiroleza, que acumulou sucessivos triunfos clássicos, guindando-se à posição de recordista sul-americana em prêmios levantados, com um montante superior a 5 milhões, destaca-se no soberbo índice técnico de 1951. Essa égua bateu os parelheiros mais graduados do turfe carioca, inclusive Pontet Canet, para o

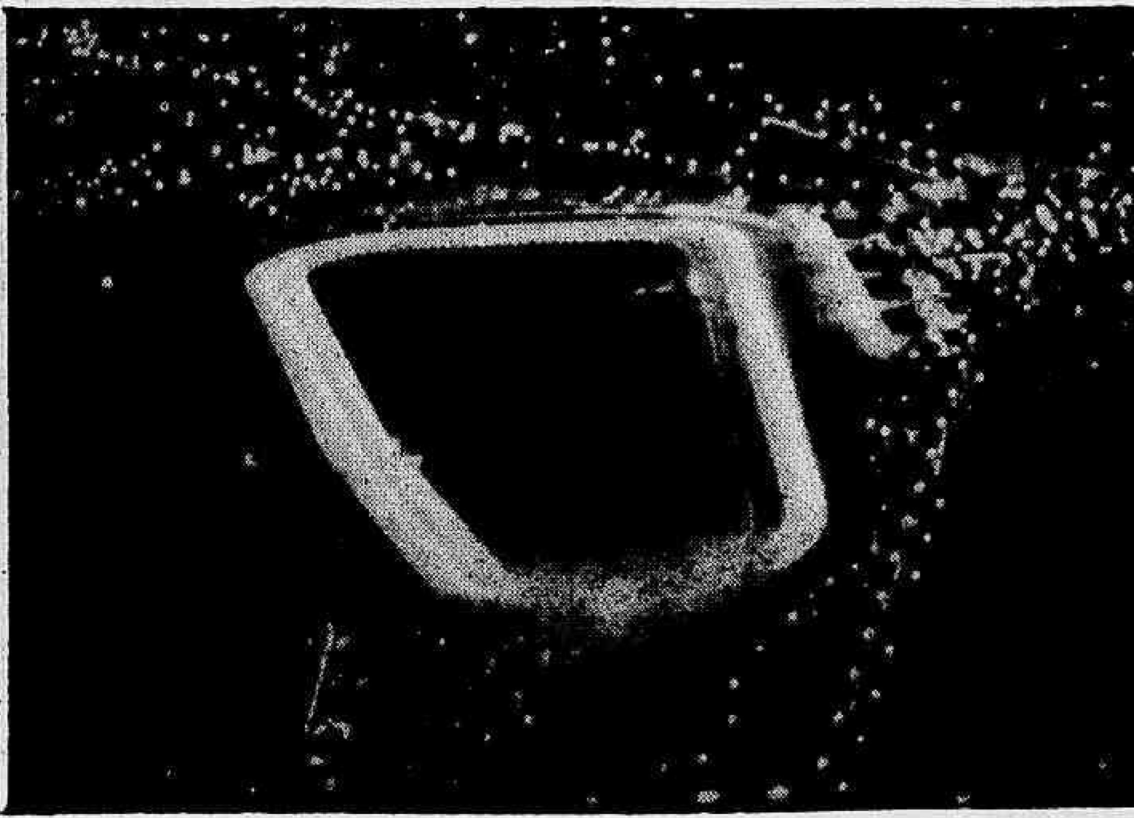
(Cont. na pág. 82)



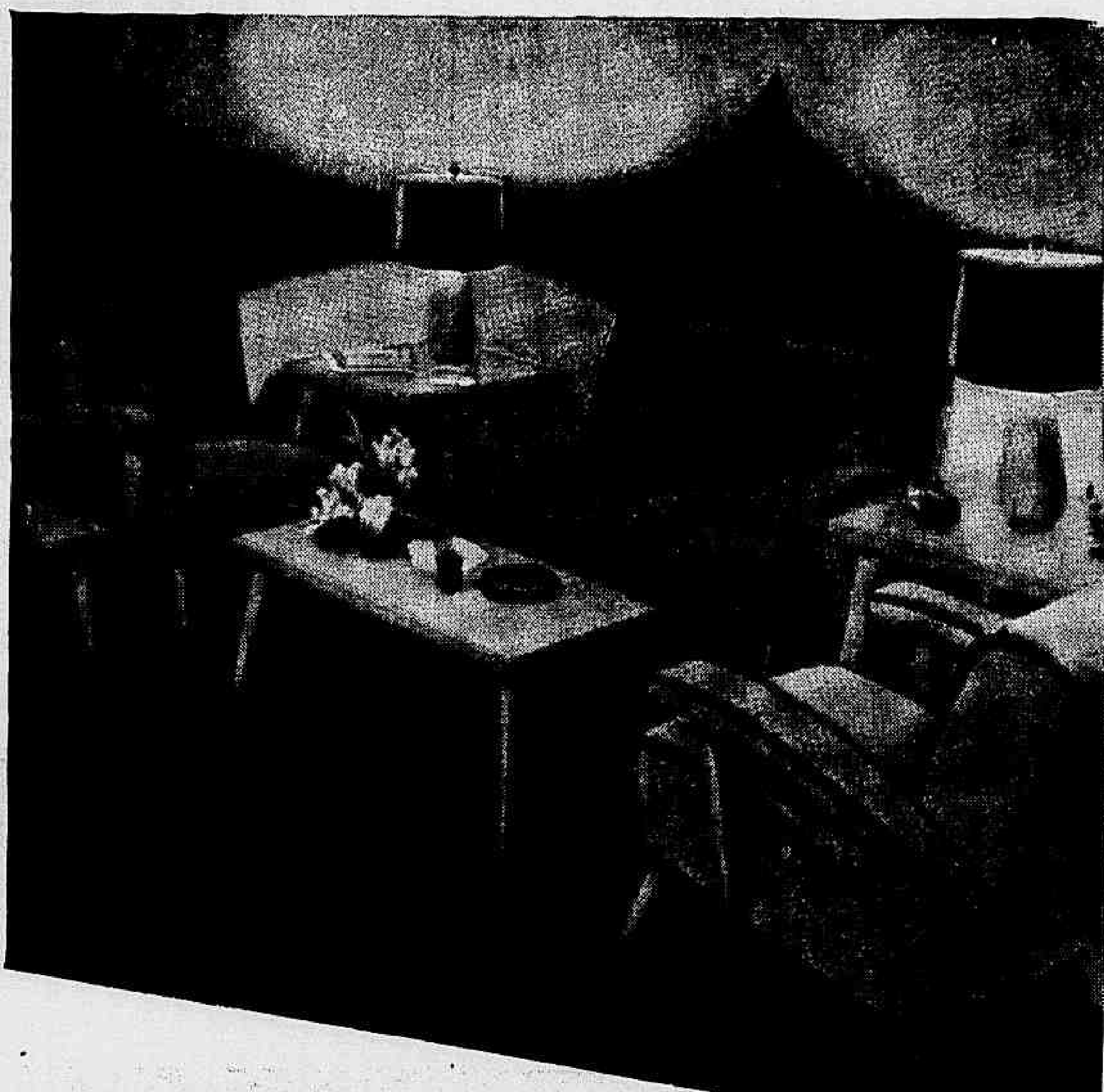
O totalizador de apostas conta-se entre os grandes melhoramentos introduzidos no Hipódromo, no ano agora findo. Permite ao apostador acompanhar o movimento financeiro dos páreos, bem como reduz o tempo de duração das provas.



A Noite de Saint Cloud foi a mais bela festa noturna que o Rio de Janeiro já assistiu. Uma féerie de luzes e de côres que jamais poderá ser esquecida.



Do alto do Corcovado tem-se esta esplêndida visão da pista iluminada do Hipódromo Brasileiro. Uma grande realização, talvez a maior do ano de 1951.





TAPÊTES

feitos à mão

PASSADEIRAS

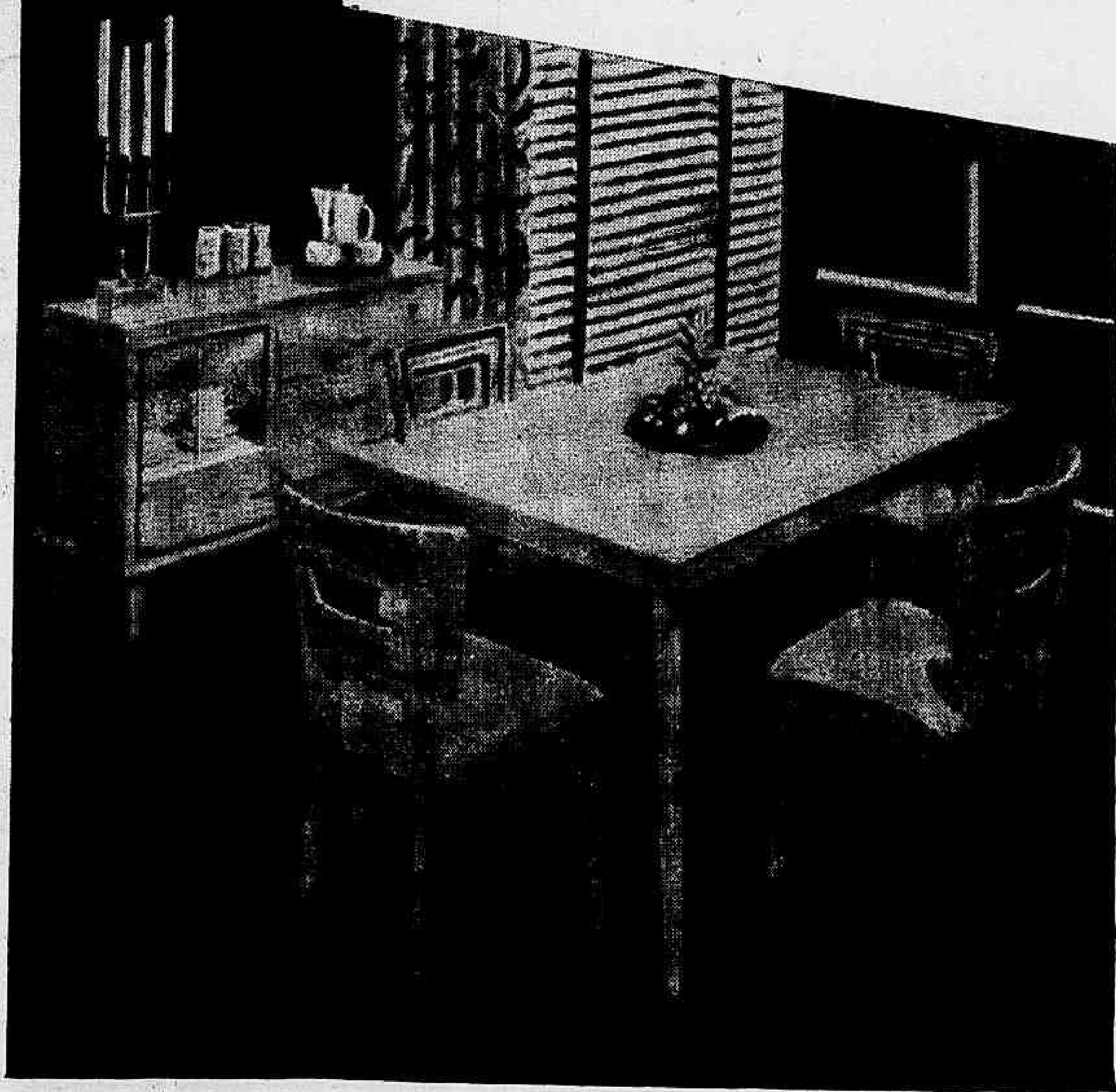
de forração em
côres lisas e com flores

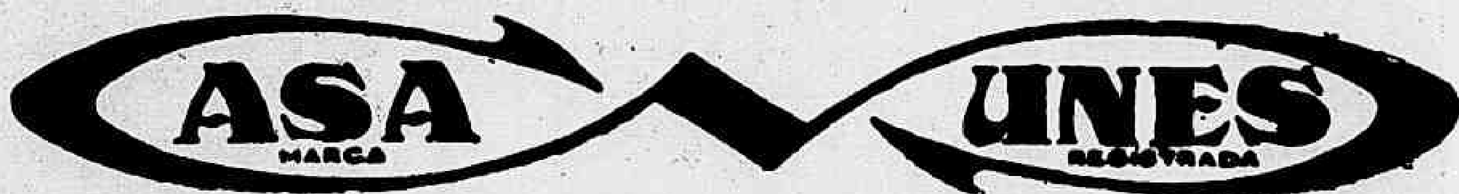
MÓVEIS
e
Decorações

orçamentos e projetos
executados por técnicos
especializados

Grupos Estofados

uma especialidade
de nossas oficinas





65 rua da CARIOCA 67 — RIO

PAPAI NOEL É INGÊNUO!



Herodíade

Conto de **GUSTAVE FLAUBERT**
Ilustração de **JERÔNYMO RIBEIRO**

A cidadela de Machaerus se levantava a leste do Mar Morto, sôbre um pico de basalto em forma de cone. Cercavam-na quatro valados profundos, dois nos flancos, um à frente, o quarto para além. Contra a sua base se agarravam casas, no círculo de uma muralha que ondulava de acôrdo com as desigualdades do terreno; e, por um caminho em zigue-zague que talhava o rochedo, a cidade se ligava à fortaleza, cujas muralhas eram altas de 126 côvados, com inúmeros ângulos, ameias nas bordas e, aqui e ali, tôrres que eram como que florões desta coroa de pedras, suspensa acima do abismo.

Havia no interior um palácio ornado de pórticos e coberto por um terraço cercado por uma balaustrada de madeira de sicômoro, em que havia mastros dispostos para nêles se estender um velário.

Certa manhã, antes de nascer o sol, o tetrarca Herodes-Antipas descansou os cotovelos sôbre essa balaustrada e olhou.

As montanhas imediatamente abaixo começavam a descobrir as suas cristas, enquanto a sua massa, até ao fundo dos abismos, estava ainda na sombra. A neblina flutuava, mas se rasgou e os contornos do Mar Morto apareceram. A alvorada, que se levantava por trás de Machaerus, espalhava a sua vermelhidão e em breve iluminava as areias da praia, as colinas, o deserto e, mais ao longe, todos os montes da Judéia, inclinando as suas superfícies tôscas e cinzentas. Engaddi, no meio, traçava uma barra negra; Hebron, ao longe, se arredondava em cúpula; Esqual tinha romãs, Serek vinhas, Karmel campos de sésamo; e a Tôrre Antônia, com o seu monstruoso cubo, dominava Jerusalém. O tetrarca voltou a vista para contemplar, à direita, as palmeiras de Jericó; e pensou nas outras cidades da sua Galiléia: Capharnaum, Endor, Nazaré, Tiberíade, para aonde talvez não voltasse. Entrementes, o Jordão corria sôbre a planície árida. Todo branco, reverberava como um lençol de neve. O lago parecia, agora, desenhado a lápis-lazúli; e, na sua ponta meridional, do lado de Yemen, Antipas avistou o que temia perceber. Tendas pardas estavam dispersadas; homens com lanças circulavam entre os cavalos e as fogueiras, extinguindo-se, brilhavam como faíscas ao nível do solo.

Eram as tropas do rei dos árabes, cuja filha êle repudiara para casar com Herodíade, casada com um dos seus irmãos, que vivia na Itália, sem pretensões ao poder.

Antipas esperava socorro dos romanos; e Vitellius governador da Síria, tardava em aparecer e êle se roía de inquietude. Sem dúvida, Agripa o teria intrigado com o imperador? Felipe, seu terceiro irmão soberano da Batânia, armava-se clandestinamente. Os judeus estavam desgostosos com os seus costumes idólatras e com todos os outros do seu domínio, tanto que hesitava entre dois projetos — abrandar os árabes ou concluir uma aliança com os partas·

JERONYMO RIBEIRO

e, sob o pretexto de festejar o seu aniversário, convidara para um grande festim, neste mesmo dia, os chefes das suas tropas, os administradores dos seus campos e os principais da Galiléia.

Revistou, com olhar agudo, tôdas as estradas. Estavam vazias. Águias voavam acima da sua cabeça; os soldados ao longo do parapeito, dormiam encostados à muralha; nada se movia no castelo.

De repente, uma voz longínqua, como escapada das profundezas da terra, fêz empalidecer o tetrarca. Inclinou-se para escutar; desaparecera. Outra vez a voz. E, estalando as mãos, gritou:

— Mannaei! Mannaei!

Um homem se apresentou, nu até à cintura, como os massagistas dos banhos. Era muito alto, velho, descarnado, e trazia sôbre a coxa um alfanje numa bainha de bronze. A sua cabeleira, levantada por um pente, exagerava-lhe o comprimento da fronte. A sonolência descoloria-lhe os olhos, mas os seus dentes brilhavam e os seus artelhos pousavam de leve sôbre as lajes, pois todo o seu corpo tinha a agilidade de um símio e o seu rosto a impassibilidade de uma múmia.

— Onde está? — perguntou o tetrarca.

Mannaei respondeu, indicando com o polegar um objeto atrás dêles:

— Continua ali!

— Pensei que o tivesse ouvido!

E Antipas, depois de respirar profundamente, se informou de Iackanann, o mesmo que os latinos chamam São João Batista. Tinham-se visto novamente os dois homens, admitidos por indulgência, o mês passado, no seu calabouço, e sabia-se, já, o que tinham vindo fazer?

Replicou Mannaei:

— Trocaram com êle palavras misteriosas, como os ladrões, à noite, nas encruzilhadas. Em seguida partiram para a Alta Galiléia, anunciando que trariam uma grande notícia.

Antipas baixou a cabeça e, depois, com ar de espanto:

— Prende-o! Prende-o! Não deixes entrar ninguém! Fecha bem a porta! Cobre a fossa! Nem mesmo se deve supor que êle vive!

Sem ter recebido estas ordens, Mannaei as cumpria, pois Iaokanann era judeu e êle abominava os judeus como todos os samaritanos.

O seu templo de Garizim, destinado por Moisés para ser o centro de Israel, não existia mais, desde o rei Hyrcan; e o de Jerusalém os levava ao furor como um ultraje, uma injustiça permanente. Mannaei se introduzira ali, a fim de enlamear o altar com os ossos dos mortos. Os seus companheiros, menos rápidos, tinham sido decapitados.

Êle o percebeu por entre duas colinas. O sol fazia resplender as muralhas de mármore branco e as lâminas de ouro do seu teto. Era como uma montanha luminosa, alguma coisa de sobrehumano, esmagando tudo com a sua opulência e o seu orgulho.

Então estendeu os braços na direção de Sion; e, aprumando o corpo, o rosto inclinado para trás, os punhos cerrados, lhe atirou um anátema, crendo que as palavras tivessem um poder efetivo.

Antipas escutava, sem parecer escandalizado.

O samaritano disse ainda:

— Há momentos em que se agita, quer fugir, espera uma libertação. Outras vêzes tem o ar tranqüilo de um animal doente ou então caminha nas trevas, repetindo: "Que importa? Para que êle se engrandeça, é preciso que eu diminua!"

Antipas e Mannaei se entrolharam. Mas o tetrarca estava cansado de refletir.

Todos êsses montes em tôrno, como degraus de grandes ondas petrificadas, os negros abismos sôbre os flancos das penedias, a imensidade do céu azul, o brilho violento da luz do dia, a profundidade dos abismos o perturbavam; e uma desolação o invadia ante o espetáculo do deserto, que figura, no desarrumado dos seus terrenos, anfiteatros e palácios derruídos. O vento quente trazia, com o odor do enxofre, como que a exaltação das cidades malditas, enterradas mais abaixo da ribeira, sob as águas pesadas. Êstes sinais de uma cólera imortal apavoravam-lhe o pensamento; e Antipas se quedava de cotovelos sôbre a balaustrada, de olhos fixos, as têmporas nas mãos. Alguém o tocara. Voltou-se. Herodíade estava diante dêle.

Uma samarra de púrpura leve a envolvia até às sandálias. Tendo saído precipitadamente do seu quarto, não trazia colares nem argolas; uma trança de cabelos negros lhe caía sôbre um braço e se metia, de ponta, no intervalo dos seios. As suas narinas, arrebitadas, palpitavam; a alegria de um triunfo illuminava-lhe o rosto; e, com voz forte, sacudindo o tetrarca:

— César nos ama! Agripa está na cadeia!

— Quem to disse?

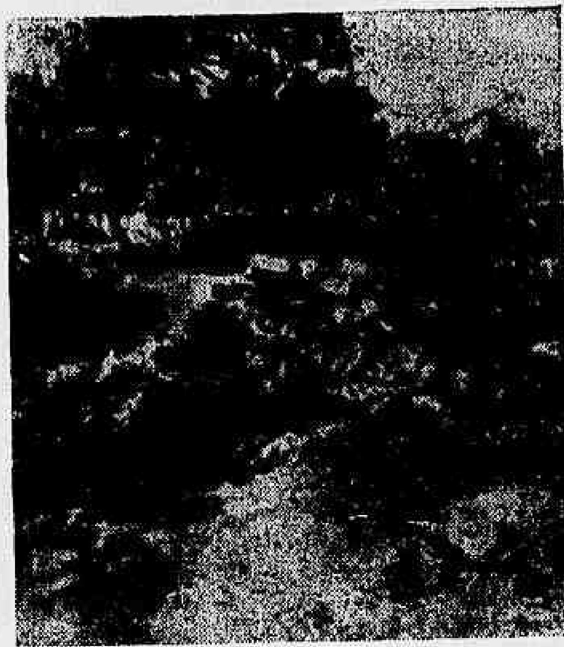
— Eu sei!

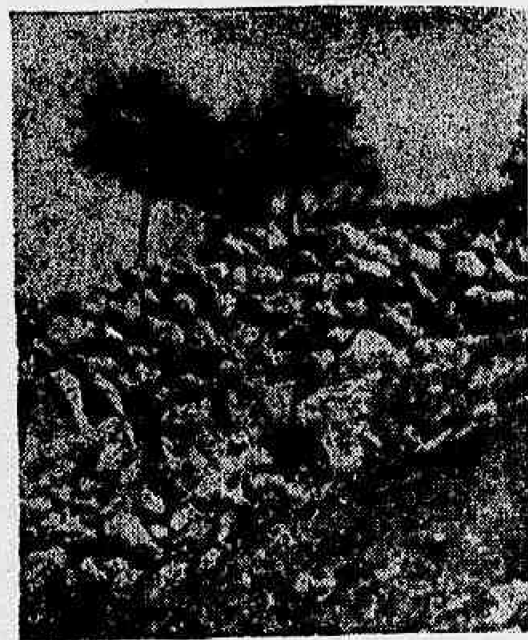
(Cont. na pág. 62)





COMO ACONTECEU
O MILAGRE DE FÁTIMA





EXATAMENTE NESTE local deram-se as aparições em 1917, na Cova da Iria. Era um lugar rústico, primitivo, onde os pastores receberam as graças da santa.

COSTA Brochado relata no seu livro "Fátima à luz da história", o seguinte:

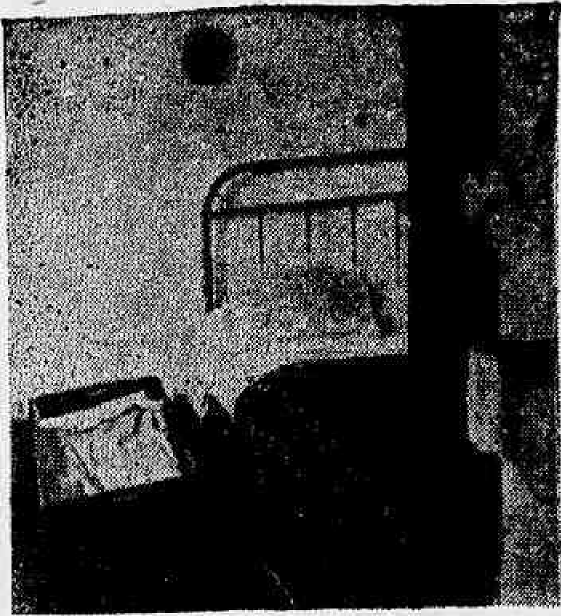
— O dia 13 de maio de 1917 despontara risonho e suave e o sol, desfeito em ouro pelas quebradas da Serra de Aire, veio acordar de mansinho, pelas frinchas das portas, os três primos de Aljustrel. Era um domingo florido e perfumado, e as três crianças, feita a rápida "toilette" da inocência, saíram para a "missa das almas" que na paróquia de Fátima era às primeiras horas da manhã, como aliás sucede em quase todo o país.

Ouvida a missa, voltaram a casa os três pastorinho a fim de receber de seus pais a merenda costumada e partir para o monte com o rebanho doméstico. Nesse dia, como era domingo, levaram mais bem providos o saquitel, figurando o ingênuo queijo de ovelha na ementa melhorada.

Postos a caminho, quando chegaram à extrema do lugar, no desvio para Gouveia, Lúcia decidiu que naquele dia o local escolhido para a pastagem seria a Cova da Iria, no planalto da serra, onde seus pais possuíam umas leiras cujas margens produziam ricas ervagens para o dente cobiçoso das suas ovelhinhas. Como era ela quem mandava, nem sequer se discutiu, e os três retomaram o caminho levando na sua frente, em andamento vagaroso, o rebanho que ia limpando as bermas



OS PAIS da pequenina Jacinta, ao tempo em que se realizou o milagre. Era um humilde casal de camponeses e nem êles próprios acreditavam na aparição.





INTERIOR DO QUARTO onde nasceu a vidente Lúcia, à esq. À dir., o quarto em que nasceram seus primos, Jacinta e Francisco, que também viram o milagre.



ASSIM ERAM Lúcia, Jacinta e Francisco, quando, em 1917, tiveram as graças de assistir ao famoso milagre de Fátima. Lúcia era a vidente, mas todos foram os protagonistas das gloriosas aparições. A princípio poucos acreditavam na palavra dos meninos. Mas hoje, trinta e três anos depois, o mundo se convenceu.

dos carreiros desougando-se à vontade. Neste passo, quando chegaram à Cova da Iria, já o sol a pino inundava aquêles sítios, iluminando a manta policrômica da paisagem onde os lírios e as rosas albardeiras se erguiam, entre o amarelo e côr de rosa do linho bravo, num mar de gipsófilas floridas que o branco e rosa dos sargaços realçavam ainda mais. Por sôbre o alecrim e rosmaninho, e na roda da madressilva inflorada, miríades de insetos, que iam da abelha amiga ao besouro insuportável, bailavam frenèticamente à luz do sol forte e criador dessa Primavera adiantada.

Mal os três zagais se tinham acomodado, numa saliência do terreno, onde hoje se ergue a basílica do Santuário, quando os sinos da matriz entraram de tocar para a missa do meio-dia, advertindo-os de estar próxima a hora da merenda. Pouco depois os pastorinhos benziam-se e, abrindo a saca, comeram vagarosamente, rezando, no fim, o "Têrço", como era seu costume. Em seguida, enxotaram as ovelhas para sítio onde havia com que entretê-las muito tempo, e foram "brincar às casinhas", infantil diversão muito vulgar entre as crianças do campo. Francisco era o arquiteto-construtor, trabalhando as raparigas de serventes, carregando-lhe as pedras e a terra necessárias. Já quando a parede circular do palácio encantado ia a boa altura, um clarão de viva luz, rápido e penetrante, que

(Cont. na pág. 74)



"O SÉCULO", de Lisboa, publicou em sua edição de 13 de outubro de 1917, a primeira grande reportagem sôbre os milagrosos acontecimentos da Cova da Iria. O redator do jornal destacado para essa incumbência, era quem menos acreditava no milagre, mas ao assistir o fenômeno, afirmou: "E' sobrenatural!"

O Sr. já viajou à BAHIA pela Nacional?



É o caminho mais curto... mais cômodo... mais confortável para a sua viagem

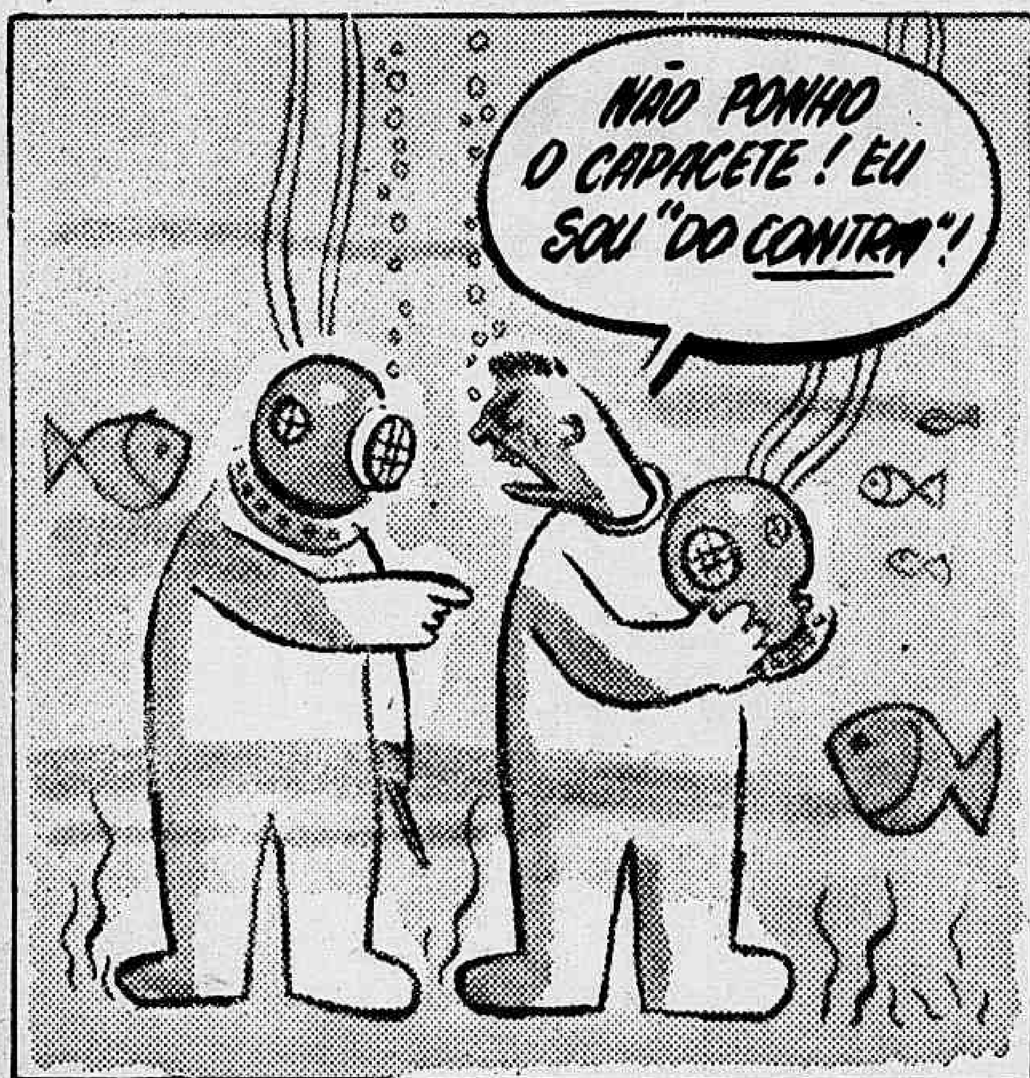
RIO - SALVADOR

via G. Valadares e Ilhéus

Visite a Bahia servindo-se da nova linha da Nacional. Três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras, às 10 horas.

Reservas e informações:
Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119

Nacional
TRANSPORTES AÉREOS



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar - para garantir o seu bom humor diário.

''SAL DE FRUCTA''

ENO

EM FÁTIMA

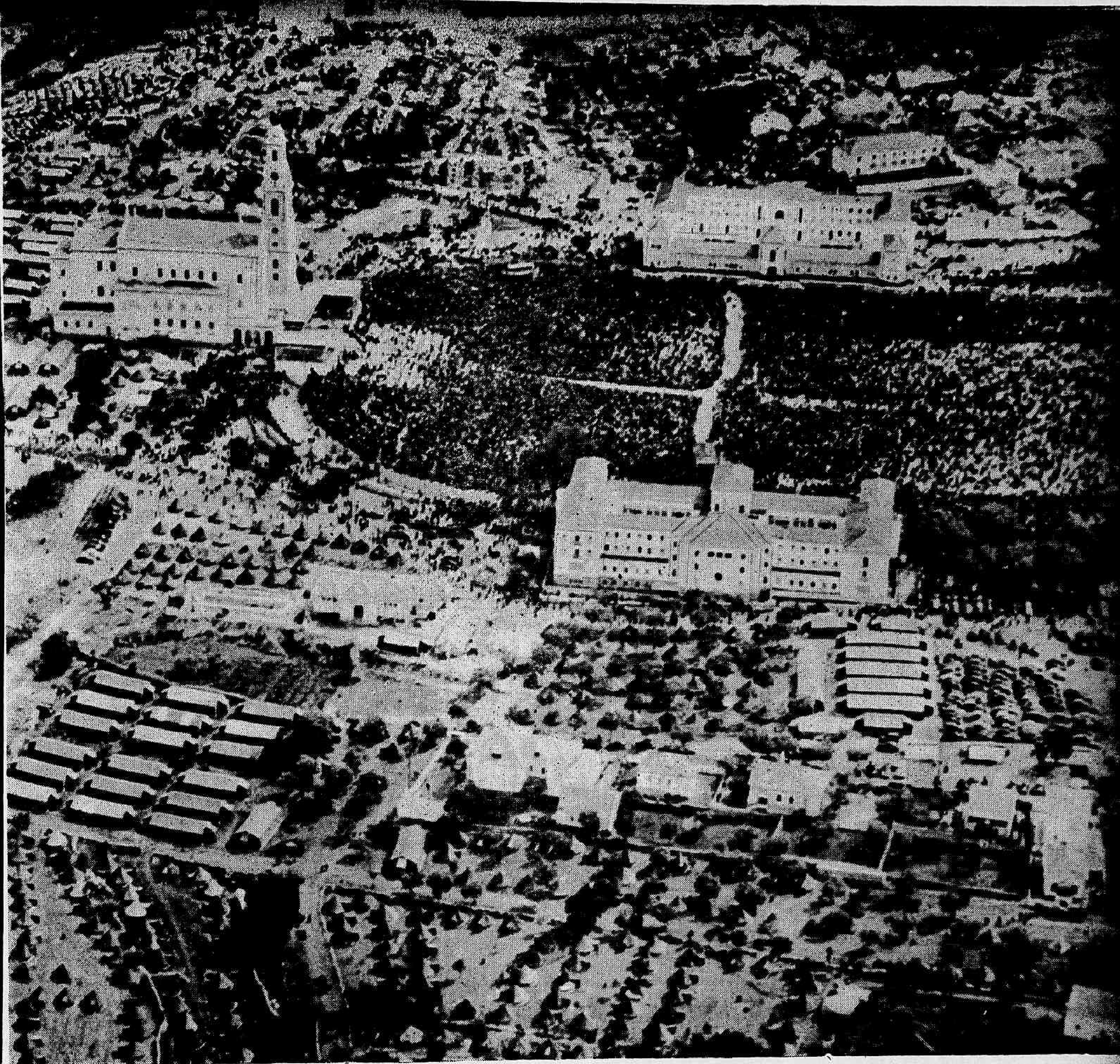
VISTA AÉREA da Cova da Iria no dia 13 de outubro último, mostrando parte da

O ENCERRAMENTO

UM MILHÃO DE PESSOAS, DE TODO PORTUGAL E DE VÁRIOS PAÍSES, NA COVA DA IRIA, EM FÁTIMA ★ GRANDE DEMONSTRAÇÃO DE FÉ E HUMILDADE ★ A MAJESTOSA PROCISSÃO

OFICIALMENTE, o Ano-Santo terminou no dia 13 de outubro último, com as imponentes solenidades realizadas na Cova da Iria, por determinação de S. S. o Papa.

E o último dia da grande peregrinação, a maior e mais fervorosa que já se fêz a Fátima, decorreu com enorme elevação, culminando em apoteose, com o impressionante adeus à Virgem, de centenas e centenas de milhares de lenços a agitarem-se nas mãos febris que se despediam da Virgem em ternura e gratidão, num cenário subjugante de beleza. Durante a noite de 12 para 13, realizou-se a clássica Procissão das Velas. Manifestação de Fé a que a presidência do Chefe da Igreja, representado pelo seu Cardeal-Legado Tedeschini, deu um aspecto de maior envergadura, essa jornada foi um magno acontecimento internacional, nota expressiva de Paz num mundo atormentado por tôda a sorte de angústias e receios. Portugal foi visitado por milhares de peregrinos idos de



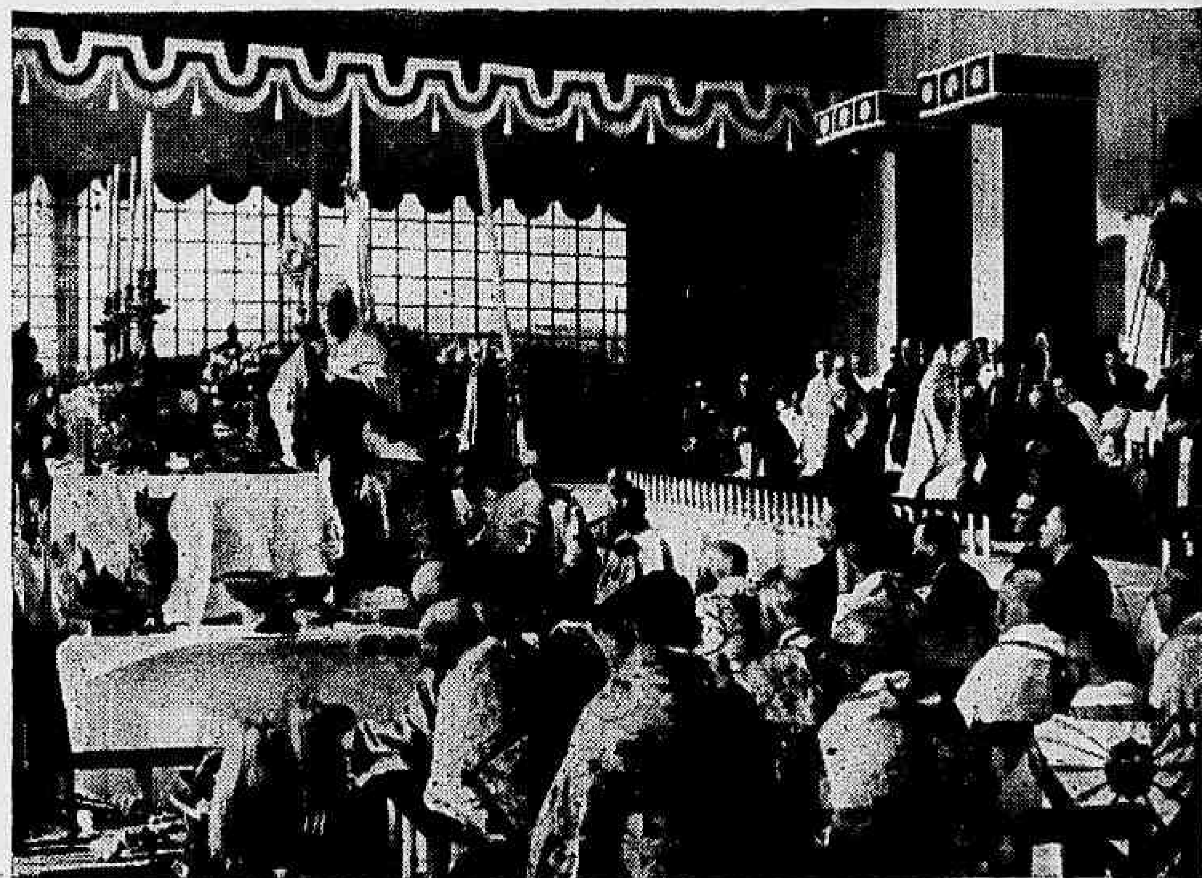
multidão no recinto do santuário. No primeiro plano, o acampamento em que se instalaram 30.000 peregrinos e o parque de automóveis onde muitos também dormiram.

DO ANO SANTO

DAS VELAS ★ NOITE DE VIGÍLIA E SACRIFÍCIO ★ ADEUS À VIRGEM ★ EVOCAÇÃO DE ANTERO DE FIGUEIREDO ★ O GRANDE MILAGRE QUE SE REPETE EM CADA SOLENIDADE

tôdas as partes do mundo, e na Cova da Iria reuniram-se para cima de um milhão de peregrinos. Todos guardaram a impressão dêsse espetáculo sem precedentes, com gente das mais distantes terras e das mais diversas raças, fraternizando nas orações feitas em língua portuguêsa e em muitas outras.

A adoração noturna do Santíssimo acabou às cinco horas da manhã de 13. Não se via já então uma pessoa de pé: os que não estavam ajoelhados, acompanhando o têrço e os cânticos, tinham-se enrodilhado no chão ainda úmido da chuva, junto dos edifícios ou nos degraus da escadaria do Santuário. A chuva cessara após a procissão das velas. Por todo o terreiro, nos espaços livres, restos de velas, pegados ao solo, ardiam ainda. Mas ao alvorecer, um nevoeiro cerrado fêz desaparecer aos olhos dos peregrinos, a serra de Minde e os campos fronteiros. A Cova da Iria foi também dominada pela neblina. A poucos passos, o horizonte fechava-se. Ninguem



O CARDEAL-LEGADO Tedeschini, representante do Papa nas solenidades de Fátima, no momento da elevação, durante a missa assistida por 1 milhão de fiéis.



GENTE DE TÔDAS as categorias sociais e procedente de tôdas as partes do mundo, confraternizam nessa demonstração de fé. Não havendo alojamentos para o milhão de peregrinos que alí compareceu, muitos dormiram em automóvens, ou mesmo ao ar livre, acompanhando, durante a noite, as solenidades ininterruptas.



DETALHE DA PROCISSÃO do Adeus à Virgem, com o qual terminaram as comemorações. Autoridades eclesiásticas, inclusive o Cardeal-Legado, abriam o desfile.



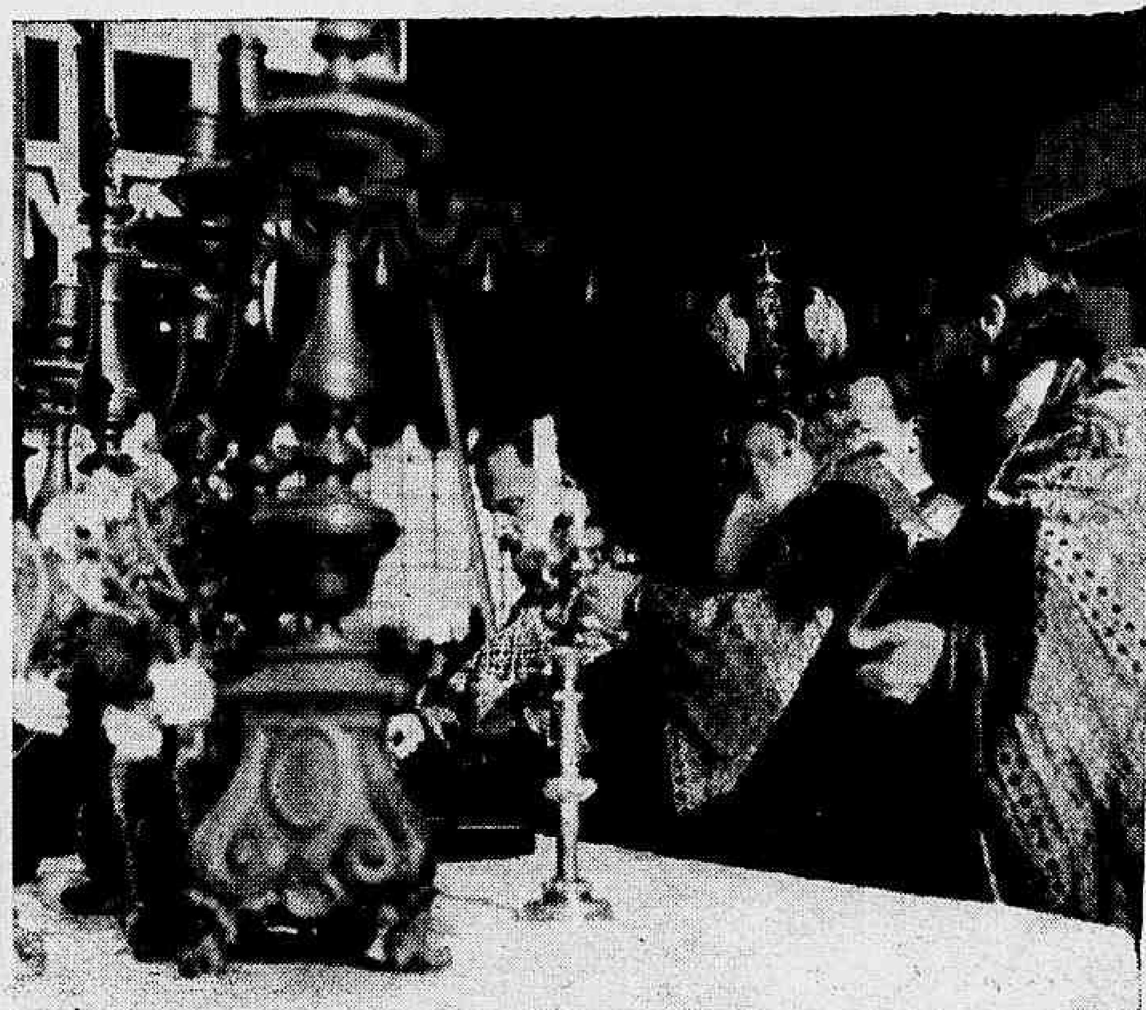
BANDEIRAS DA MOCIDADE Portuguêsa e estandartes das confrarias religiosas, ao fundo da escadaria da Basílica, durante as cerimônias de rara imponência.



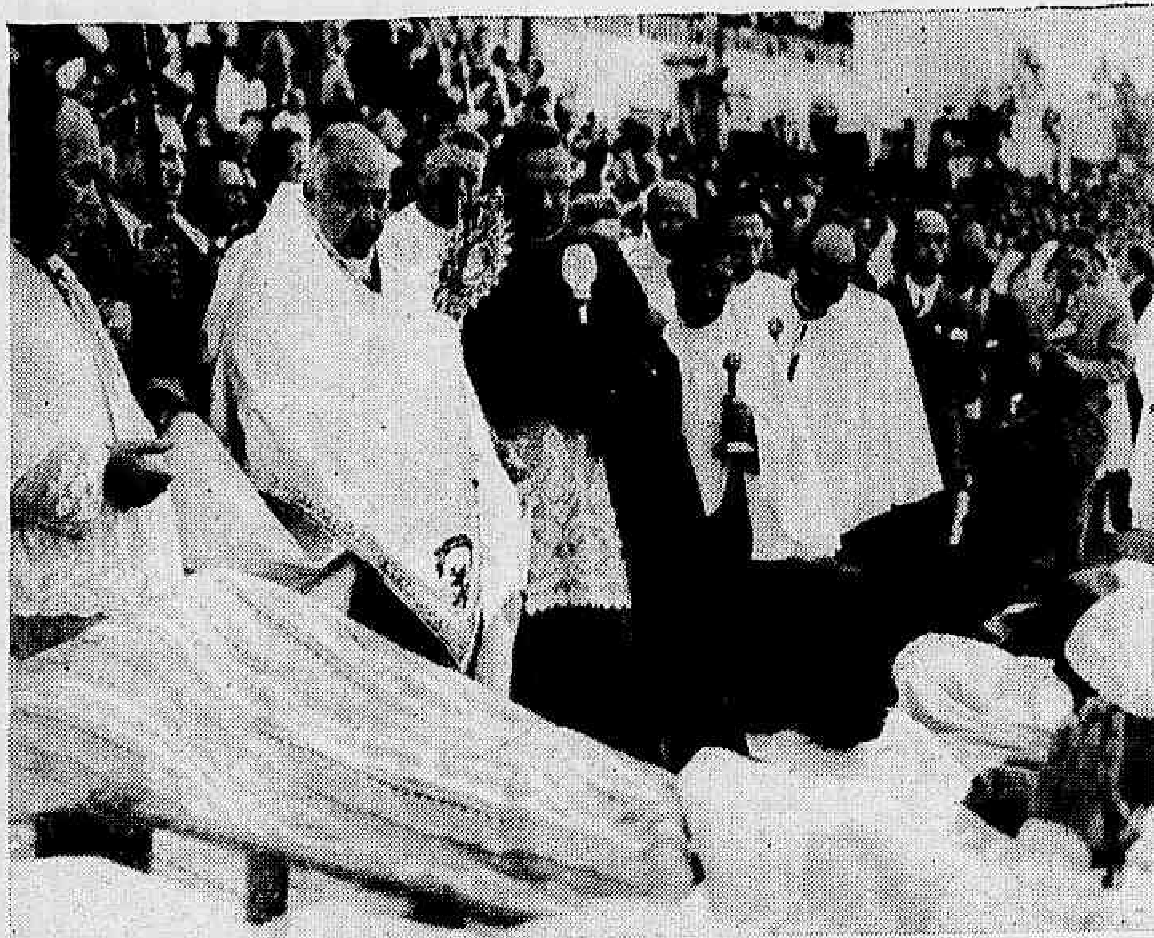
RESISTINDO às constantes oscilações do tempo, suportando o sol e a chuva que se revezavam lembrando o fenômeno de outubro de 1917, tôda essa multidão mantinha-se de pé, durante horas e horas. Só quando as solenidades foram encerradas, o povo se lembrou que não havia almoçado, e passava das três horas da tarde!



S. E. O CARDEAL Tedeschini procede à leitura, em português, da homília enviada pelo Papa, e de que foi portador: "Também a Virgem aqui falou em português".



O PRELADO RUSSO celebrou missa na Basílica de Fátima, no ritual de Heracleopis. Seu Pontifical de 13 de outubro foi acompanhado por coros magníficos.



A BÊNÇÃO AOS enfermos, dada ao ar livre, no tôpo da escadaria da Basílica pelos cardeais. Aí vemos o Cardeal-Legado dirigindo-se a um dos doentes.



A COMUNHÃO ERA dada por centenas de sacerdotes, às centenas de milhares de peregrinos, ao ar livre. Uma solenidade simples mas de alto valor espiritual.



DOS MAIS REMOTOS pontos da terra portuguêsa, de Trás-os-Montes e Beira-Alta, chegavam humildes criaturas, ungidas de fé e oferecendo seu sacrifício à Virgem.

pode avaliar agora, que o espetáculo terminou, o efeito surpreendente das litanias de sacerdotes e crentes, soando perto, por detrás da cortina de névoa. Já pelos microfones, tinham desfilado os sacerdotes internacionais explicando aos seus compatriotas, nos idiomas respectivos, os mistérios do têrço. Até um padre católico chinês proferiu na língua nativa uma alocução, para marcar presença, visto é claro que poucas pessoas o entenderam. E foi também notada a presença de um sacerdote católico russo.

O murmúrio das rezas e a música suave dos cânticos foram interrompidos às 5,45 por estranhos ruídos: anunciava-se a alvorada e os motoristas de milhares de carros e camionetas, tocando buzinas e "klaxons", despertavam o povo adormecido em todos os acampamentos. O povo preparava-se para o encerramento do Ano-Santo.

Eis como Antero de Figueiredo descreve a última fase dessa clássica cerimônia de Fátima, o Adeus à Virgem:

— Após, uma vez ainda, ampla bênção de amor à multidão colossal prostrada e concentrada em absoluto silêncio, Jesus regressa à sua moradia terrestre — ao Sacrário que é o presbitério de onde, sobrenatural Cura de almas, a qualquer hora do dia ou da noite, acode, com sua Graça, ao rico, ao pobre, ao culto, ao ignorante, ao justo, ao pecador: a quem o chama. Pastor infinito, a sua vigília pelo rebanho é permanente, é eterna!

Nossa Senhora vai também regressar à sua humilde capelinha das Aparições — uma cabana miraculosa na serra êrma. Durante todo o tempo da Missa dos Doentes que tinham nela os olhos súplices, como os que, vivendo longe, se lhe dirigiam em suas preces através do Espaço; e enquanto, em



A PENITÊNCIA era cumprida por pobres e ricos, que foram de longínquas terras estranhas, para cumprir promessas feitas em horas de sofrimento e angústia.



EM CADA CANTO, um confessor escuta as revelações dos fiéis. De joelhos dobrados em terra, os homens relatavam seus pecados e recebiam a absolvição.





QUADROS DE HUMILDADE e abnegação iguais a êstes, repetiam-se aos milhares, na grande planície da Cova da Iria. Mulheres do povo, elevam o pensamento à Virgem, a paralítica espera o milagre da cura, o casal de velhos cumpre uma promessa, êle palmilhando a terra, ela arrastando-se de joelhos. E todos rezam.







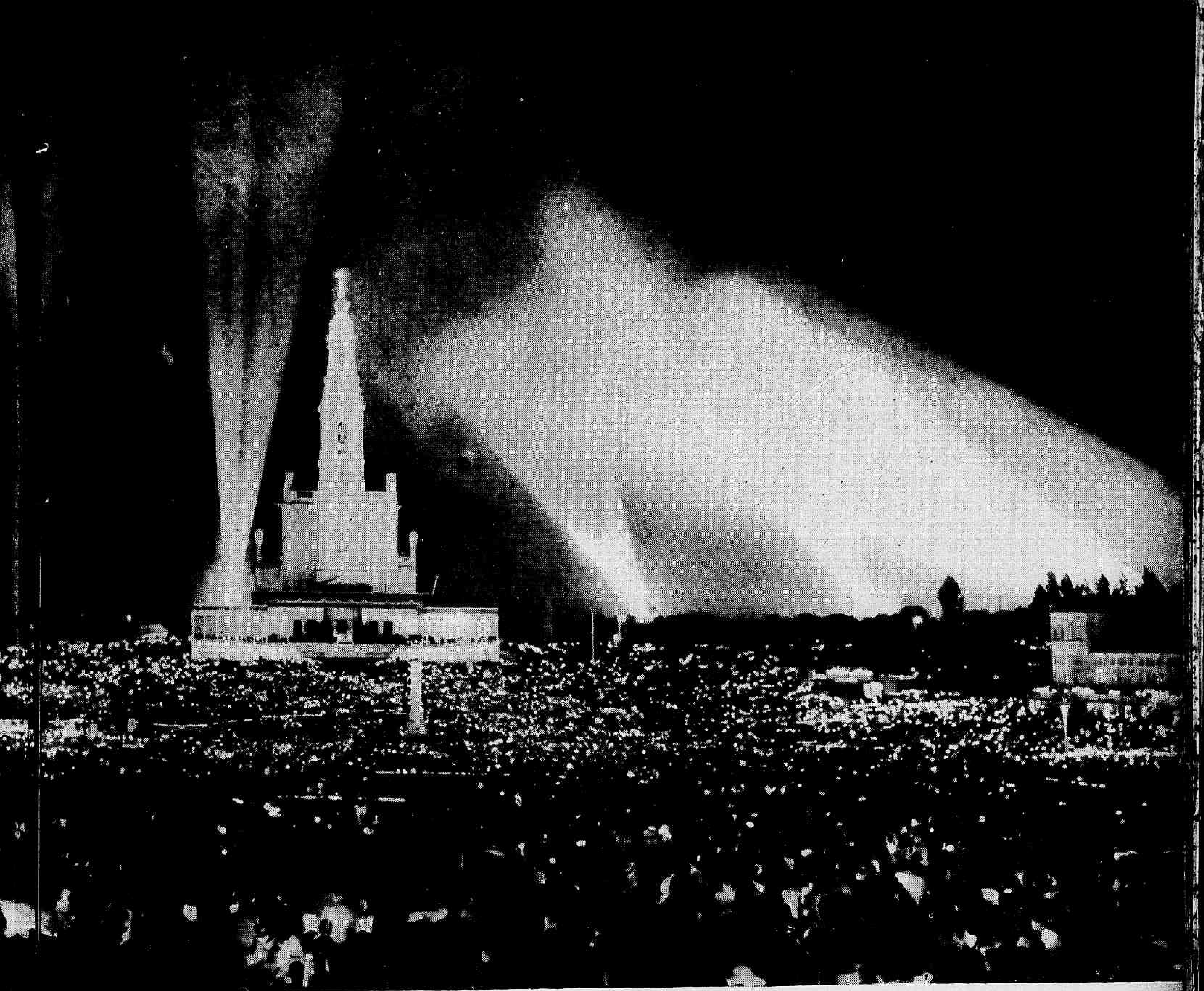


FOI a procissão das velas o maravilhoso espetáculo de sempre, mas acrescido de certa beleza nova e imprevista. Sôbre o imenso campo de Fátima, em redor da Cova da Iria, por tôdas as avenidas que a urbanização ali criou — incidiram, de súbito, os focos dos projetores vindos de longe. Eram cinqüenta, ao todo, iluminando a Virgem por êsse clarão. Um oceano de luz azul-clara, uma nebulosa de estrêlas que se arrancou do seu mistério cósmico, derrama-se por sôbre as cabeças. Os cânticos enchem o ar. O cheiro da cêra queimada dilui-se, ficando apenas o aroma de um frasco antigo — o perfume das rosas de Nossa Senhora. São flagrantes dêsse espetáculo feérico — os pontos luminosos das velas, os reflexos dos projetores, a Basílica iluminada — o que nos oferecem êstes flagrantes batidos na noite de 12 de novembro do corrente ano.

MAGNIFICENTE E







E GLORIOSA — A PROCISSÃO DAS VELAS







A IMAGEM é retirada da Capela das Aparições, em procissão, dá um giro pelo terreiro da Basílica e dirige-se para o altar exterior da mesma. E' um grandioso quadro de fé no cenário grandioso, sob um sol de esplendor e de festa. Surgem os primeiros lenços brancos a acenar para a Virgem — e a multidão canta...





AS BARRACAS do acampamento, em redor da Basílica, estendem-se a perder de vista. Nelas passaram a noite os peregrinos, com seus doentes e a sua grande fé.

baixo, Jesus andava, compassivo, nos carreiros dessa Horta de chagas e misérias, a Virgem, de mãos postas, rogava ao Filho atendesse aos que sofriam ali e distante dali. E com que infinita solicitude e ternura o fazia!

Ei-la que se recolhe ao tugúrio maravilhoso. A multidão, pelo meio da qual a Virgem Santíssima avança, não arreda pé, — entalada, abafada, guarda-sóis fechados, sob a soalheira ardente, — para, mais uma vez a olhar com os seus olhos insaciáveis, lhe falar com os lábios sôfregos — coração na bôca! — nesta despedida em que a alma se exaure. E Nossa Senhora vai passando sôbre o seu andor dourado. Entre brancas servitas, cercam-na Bispos, Cónegos, muitos padres e muitos seminaristas, e todos lhe vão entoando festivos cantos de louvor:

— Ave, Ave, Ave, Maria!

A multidão agita-se; fremem nela entusiasmos sacros, estremecem nelas as comoções das despedidas lacrimosas, das saudades, dos soluços que se enodam na garganta. As almas não se podem ter em si: atiram-lhe olhares, palavras, beijos; e porque lhe não podem atirar o coração, erguem os braços como se alçassem o espírito, e, com as mãos no ar, agitam os seus lenços brancos — símbolo da brancura do seu puro sentimento cristão, lenços que lhe levam, no aceno colorido e religioso, todos os suspiros amorosos, todos os adeuses das suas almas cativas de semelhante Formosura e Graça. E' um movimento colossal de maravilhosa beleza!

A Cova, multicor, nas tintas várias dos lenços brancos, castanhos, amarelos, escuros e cinzentos das mulheres; dos chapéus negros, dos barretes pardos, das carapuças verdes debruadas de vermelho e dos bonés azuis dos homens. A Cova, essa extensão ondulada de mil variegados tons, transformou-se numa enorme campina onde surgiram, de repente, grandes pétalas brancas de magnólia, ou de lírios, agitadas por estranho vento religioso que a tudo comunica piedade e devoção em frémitos místicos!

O que se ouve não é borborinho, é comoção. Desde a escadaria da Basílica até ao portão de entrada no cimo do outro pendor; desde, pela direita, as



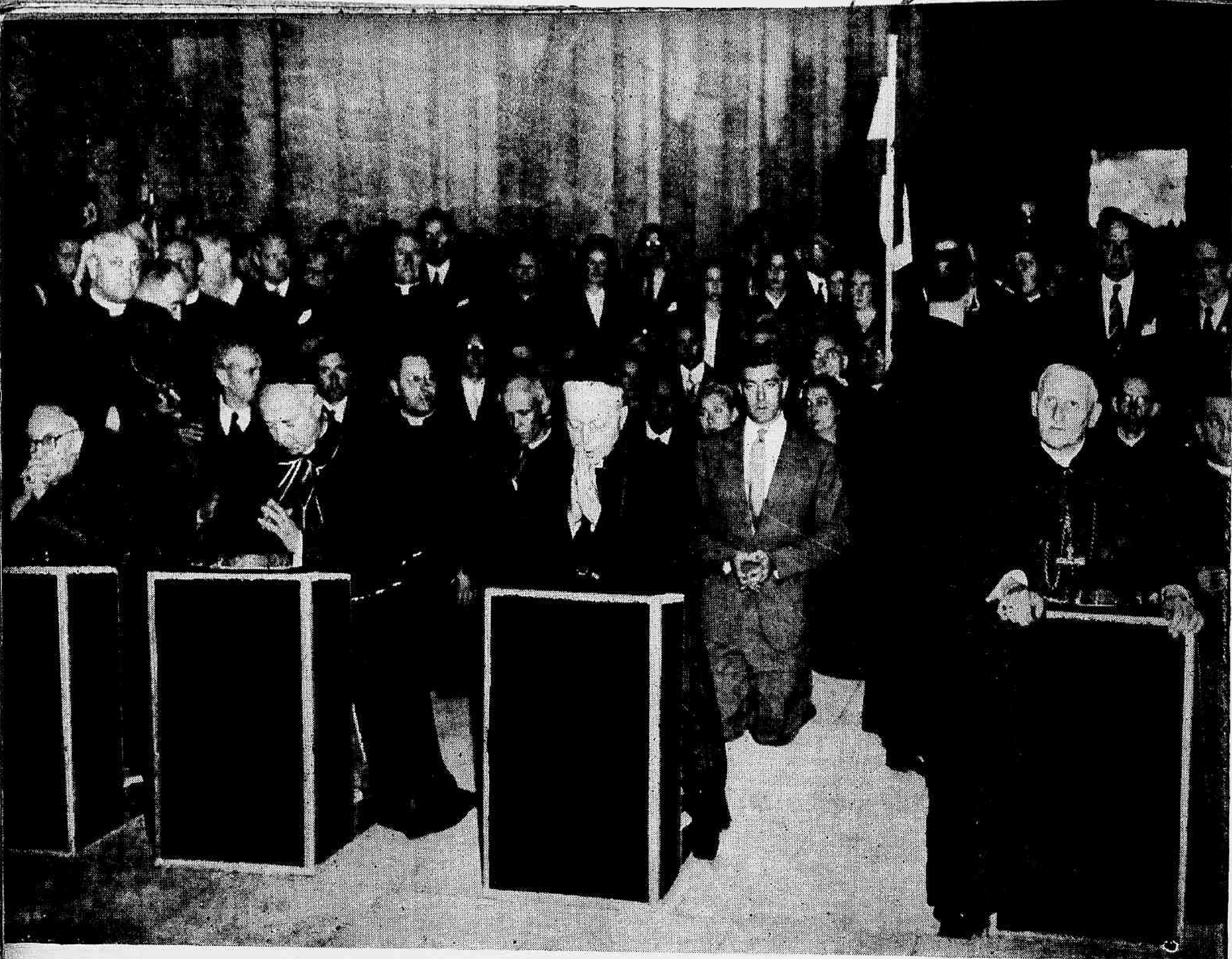
A INFANTA de Bragança, D. Duarte Nuno, Humberto, ex-rei da Itália e a Condessa de Barcelona, entre outros nobres, assistem à solenidade em lugar de honra.



O EMISSÁRIO do Papa Pio XII, cardeal-legado Tedeschini, antes de seguir para Fátima, visitou o Presidente do Conselho, Sr. Oliveira Salazar, que se vê acima.



MARQUESA de Pacelli, irmã do Papa, também peregrina de Fátima, em companhia da Sra. General Craveiro Lopes, espôsa do Presidente da República.



O LEGADO PONTIFÍCIO. Mons. Tedeschini, e os cardeais Gerlier, Cerejeira e Flay Daniel, fazem suas orações na Básilica, antes de serem iniciadas as últimas solenidades em Fátima, na manhã de 13 de outubro. O regresso do cardeal Tedeschini, enviado especial do Papa, a Roma, deu-se 48 horas mais tarde, em Lisboa.

alturas do Hospital, até, pela esquerda, as bandas da povoação, tôda a Cova é uma nevada de lenços, que entusiasmados como as almas dos seus donos, fremem fiéis, sua alvura, sua candura em aplauso à Virgem Santíssima que passa serena e risonha por sôbre êste colorido mar de piedade cristã. Ó incessante estremecimento branco das almas repletas de devoção branca! Ó agitada Cova primaveril! Ó sublevada Cova pomar! Ó Cova alada! Febre espiritual, os lenços não param; e até, fora dos portões, no largo e do outro lado da estrada, em cima dos automóveis cujos tejadilhos brilham como chuveiros de estrêlas, há centenas de lenços brancos que acenam; e nos aeroplanos, a zumbirem e a voltejarem no espaço azul, de onde já choveram flores, vêem-se agora saudosos lenços brancos a despedir-se.

A Fé!

Que fôrça extraordinária, que espiritual potência!

Se esta multidão soerguesse as costas, levantaria cordilheiras; se esbracejasse, afastaria continentes! Brado do espírito nos gestos brancos, é êste o mais nobre movimento das almas extravasadas de congratulação e unidas, em solidariedade santa. E' neste instante único, que tem realidade a ideologia (aliás socialmente falsa) da Revolução: "Liberdade" na escolha da crença. "Igualdade", na devoção. "Fraternidade", na piedade.

A Fé!

Espetáculo raro da unidade do pensamento e do sentimento católico. Uma só luz, uma só côr, um só ritmo! Alma única alada por único propósito, única vibração, única prece. Ah como seria belo ver engrossar, avolumar êsse tropel humano; vê-lo rolar por tôda a terra, para, em seguida, sempre cada



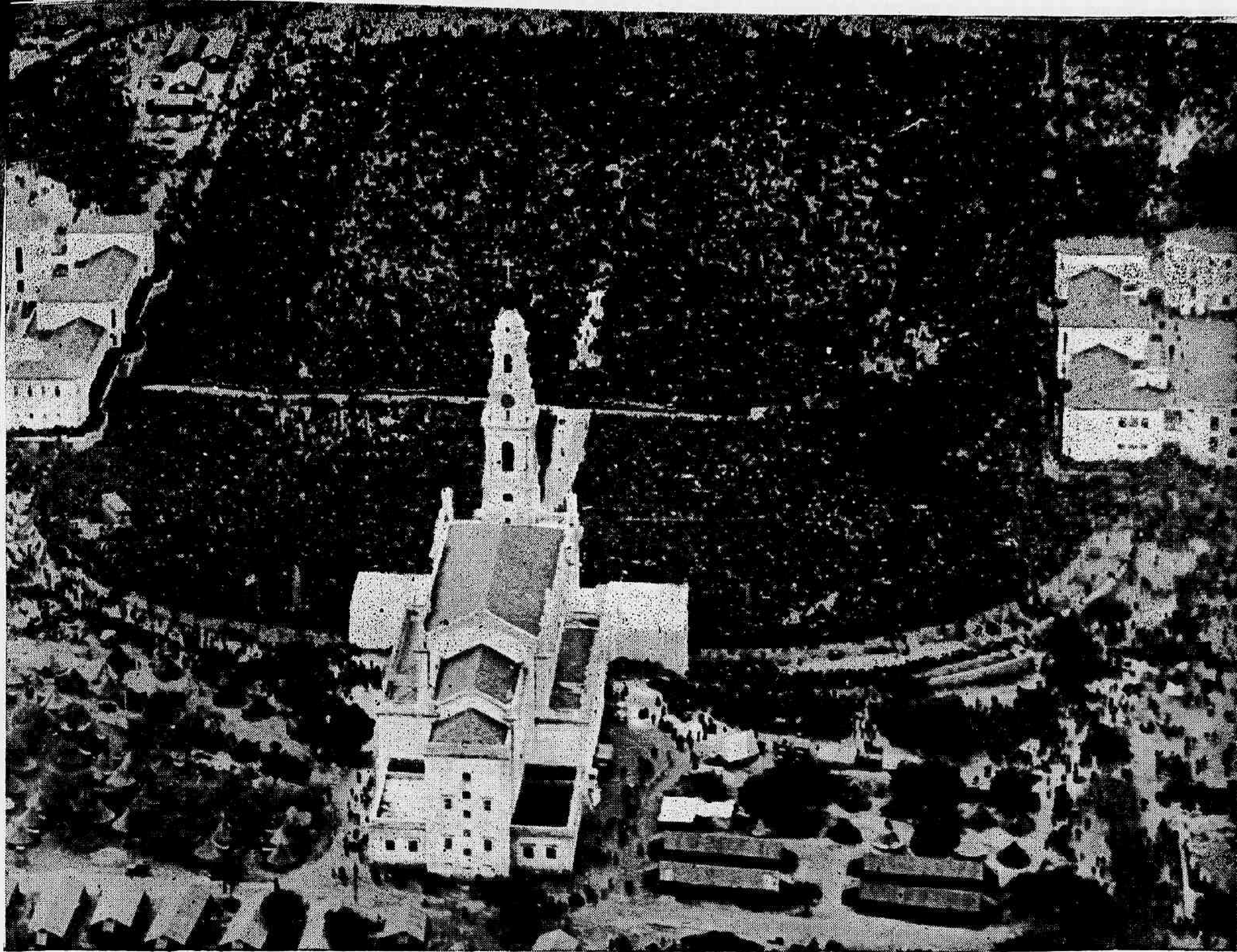
MUITOS CASAMENTOS foram celebrados durante as festividades. Êsse par de noivos é de Moncorvo.



CINEGRAFISTAS portuguêses e de outros países filmaram os momentos culminantes do Ano Santo.



A EMISSORA Nacional de Lisboa instalou cabines de onde foram feitas transmissões para o estrangeiro.



NINGUÉM PODERÁ dizer ao certo o número exato de pessoas que assistiram às cerimônias de encerramento do Ano Santo em Fátima. Tôda essa mancha escura que transborda da planície, defronte da Basílica, é formada de povo. Os pontos brancos que vemos, formam-se com as batas das servitas e filiados da Ação Católica.

vez maior, constituir o universal sentir e pensar da humanidade religiosa!

No alto, o céu infinito de anil puríssimo, a tudo assiste regozijando-se em sua grandeza com a grandeza da crença. O ar ilumina-se religiosamente deslumbrado. Tudo pasma na terra absorta: os montados, as pedras sôltas, os rosmanos lilases, os trevos vermelhos, as copas verde-ervilha das carrasqueirinhas moças, como deve ter acontecido nos minutos deslumbrantes das Aparições. E' o preito e a reza da essência mística das coisas... No horizonte, a mancha azulina das serras extáticas, leve e tranquila, é a mesma dos fundos dos painéis religiosos na luz estilizada das ouradas atmosferas outonais.

★

A Virgem Santíssima já chegou à Galiléia milagrosa, e não tarda a entrar na sua capelinha e a instalar-se no seu nicho velado por levíssima gaze branca, como bruma, que a luariza. Os seminaristas, com vozes juvenis, entoam-lhe cantos de despedida — salmos de amor saudoso, ao mesmo tempo que a multidão, em místico frenesi, agita ainda os seus lenços brancos, num derradeiro aceno:

— Adeus, adeus!

Êsses milhares de lenços-lírios, que tremulam na atmosfera límpida, são como milhares de cartas que fremem no ar o recado do seu lírico amor a Maria; são como gaivotas brancas que, acossadas pelos temporais negros da vida, vieram buscar abrigo no sorriso celeste da Virgem Santíssima; são "memoriais" de não esquecimento para que a Santa Mãe dos homens, de longe, não deixe de os amparar em seus cuidados: são "petições" para que possam

(Cont. na pág. 74)



NÃO PODENDO assistir à procissão de mistura com a massa humana que enchia a planície, muitos peregrinos se instalavam no tôpo dos muros, sob o rigor do frio.



FOI JUNTO a uma azinheira que a Virgem apareceu, em 1917. E junto a uma árvore igual, ali mesmo na Cova da Iria, os fiéis resguardam-se do sol. E descansam.

O DIARIO DE JAMES FORRESTAL

FORRESTAL ASSEDIADO POR TRUMAN E A JUNTA COMPETENTE POR CAUSA DO ORÇAMENTO MILITAR ★ O PRESIDENTE FICA FIRME NOS QUINZE BILIÕES

Tradução de OCTAVIO A. DE AZEVEDO

(Exclusividade para o Brasil adquirida pela RIVISTA DA SEMANA — Interditada a reprodução no todo ou em parte)

20. A BATALHA DO ORÇAMENTO

NA vespera da eleição de 1948 Forrestal estava empenhado em arranjar um orçamento militar adequado para o ano fiscal de 1949/50 quando se viu assediado pela insistência do Presidente nos 15 biliões e a recusa da Junta orçamentária quanto à sua sua concessão. Diante da situação nada mais tinha a fazer que assumir a responsabilidade de alguma coisa dentro dos limites estipulados. Os planos das Administrações segundo as necessidades orçavam em uns $30 biliões e desde agôsto que uma comissão de altas patentes, sob a chefia do general Joseph T. McNarney vinha trabalhando para reduzir êsse total embora já tivesse conseguido reduzí-lo a $23 biliões e seiscentos. Procurava-se reduzir ainda mais, mas não se sabia como.

Forrestal sabia que o Presidente não concordava com isto, mas conhecia a necessidade premente que havia de aumentar o nosso poderio militar. Esperava, no entanto, conseguir pelo menos $18 biliões e meio. No dia 5 de outubro Forrestal explicou ao Presidente que com a permanência da importância "teto", as fôrças armadas, em caso de guerra, só poderiam fazer a guerra aérea partindo da Inglaterra. O Mediterrâneo não seria controlado, mas na base de um orçamento de $18 biliões e meio seria possível a manutenção de uma linha de comunicação naquele mar. O Presidente respondeu que desejava primeiramente ouvir Marshall e que já o mandara chamar em Paris.

COMO SE FORMA A POLITICA

FORRESTAL contava com o apoio de Marshall porque a aspiração do Secretário do Estado era ver os seus esforços diplomáticos mais fortemente amparados. Mas, Marshall com a idéia fixa no TMU, (Treinamento Militar Universal) e na importância do fornecimento de armas aos europeus, achou que não havia pressa em aumentar as fôrças regulares americanas e não ajudou. Forrestal apelou para a Junta. Sua estratégia é aparente. Queria primeiramente concessão para um orçamento dentro da base de $25 biliões do Presidente, pois com isso poderia mostrar claramente que assim as fôrças seriam fracas e a capacidade das mesmas seria mínima. Depois apelaria para $18 biliões e meio mostrando maiores probabilidades que serviriam para convencer o Presidente. No dia 15 de outubro êle reuniu os chefes no seu gabinete. No diário está taquigrafada uma parte da conferência havida, que nos dá uma rápida idéia dos verdadeiros processos para a formação da política no nosso sistema.

Forrestal começou com os $15 biliões estipulados pelo Presidente: — "Certamente que sôbre o assunto as opiniões diferem, mas a minha intenção é primeiramente ver o que se pode fazer com os $15 biliões". Explicou que o problema podia ser resolvido de duas maneiras, aliás recusadas pelos Chefes da Junta. Uma delas era a funcional, isto é, o plano ficaria limitado à instalação da ofensiva atômica na Inglaterra e depois verificar se vão tentar mais coisa, mas aposto que não há nada resolvido por enquanto. A segunda maneira é principiar com o limite monetário empírico e depois tratar dos cortes. "Esta é mais fácil, disse Forrestal, "mas não me agrada, por se tratar apenas de 6€% do que é indispensável a bordo dos navios de guerra. Dá para respirar, mas não é a solução. Eu quero ter a capacidade de vôo da Marinha e da Fôrça Aérea, por meio de um exame mais demorado... Quanto dos seus uniformes Bradley, são sete para cada homem. Na Marinha vocês os terão, mas no Exército creio que..." e a frase não está terminada.

DISCUSSÕES POR UMA CIFRA INTERMEDIARIA

UMA vez decidido o orçamento baseado nos $15 biliões, Forrestal sentia a necessidade de "dar um outro passo", que na sua opinião "era indagar dos Serviços Administrativos quais as necessidades de cada um. Era preciso calcular se entre a verba de McNarney e a de $15 biliões havia possibilidade de aquisição de recursos militares suficientes para o caso de guerra. Gostaria de reunir as duas verbas numa só. Não sei se isso seria possível ou não, mas posso garantir que o nosso esfôrço tem sido tremendo no intuito de conseguirmos o que queremos dentro dos $15 biliões. Com tal importância pouco se obtem quando se pretende poderio militar; o máximo que se pode fazer é uma colcha de retalhos que por isso não terá perfeição. Quanto à outra cifra, não se poderá fazer tudo aquilo que se tenciona, mas, em todo o caso, oferece mais recursos". Forrestal, que compreendeu o problema político muito melhor que os militares, começou a insistir para que êles sugerissem uma cifra intermediária.

"Se é possível aprontá-la dentro de duas semanas não sei. Espero que sim e neste caso você poderá se apresentar com a Junta Diretora declarando que estamos de acôrdo quando à idéia de $17 biliões e 500 ou $18 biliões e iremos à Câmara para defender a nossa proposta. Para o país o efeito será tremendo e uma grande vitória para Junta Administrativa dos Serviços, que acho ainda mais



Solenidade do juramento de Forrestal como Secretário da Defesa, perante o Ministro da Justiça, Vinson, em 1947.

importante. Dentro de um ou dois meses não estarei mais aqui e como cidadão acho que é uma questão vital que o conceito da Junta não seja diminuido perante a nação. Se tal acontecer, será para nós um perigo. Vocês admitem, até a um certo ponto, que não sentem coragem para abandonar o pôsto de responsabilidade que ocupam e tudo encaram à luz do interêsse nacional. Esta é a interpretação do público.

O que Forrestal realmente pedia aos outros que fizessem, era assumir uma responsabilidade conjunta para a política militar como num todo, pois a nação estava supondo que êles estivessem se esquivando disso. Bradley foi o primeiro a responder declarando que o exército poderia fazer um corte na sua quota da verba de $23 biliões e 600 proposta por McNarney, perfazendo uma quantia intermediária. Seu pessoal já tinha instruções para aplicar tudo que se obtivesse das estimativas de McNarney na compra dos sete uniformes, mas creio que podemos dispensá-los. Os novos fuzis automáticos serão muito úteis se tivermos de marchar para a guerra, mas não vejo meios para adquirí-los no orçamento deste ano. Deixemo-los para o fim. As tropas não receberão reforços desde que nos abastenhamos de comprar fardamentos extras e uma parte de equipamento. Forrestal foi de opinião que não se devia economizar demais em equipamento, mas Bradley achou que era possível, dizendo: — "E' provável que Louie Donfeld possa dispensar o melhor destroyer e eu o melhor canhão. Coisas assim podemos conseguir se apertarmos as cifras e ainda mantermos um exército de 800,000 homens".

SÔBRE A INSTALAÇÃO DA OFENSIVA NA INGLATERRA

FORRESTAL os estimulou para que dissessem com mais clareza o que pensavam. Se êle sugerisse que o plano baseava-se simplesmente numa ofensiva aérea com base na Inglaterra, seria que o Exército e a Marinha conseguiriam o que pediam? A discussão tornou-se um tanto confusa. Bradley contestou dizendo que a idéia de um plano apenas para uma ofensiva aérea era o mesmo que arriscar-se tudo num só negócio. O assunto foi desviado para outras considerações, mas Gruenther voltou ao ponto inicial declarando que a tal ofensiva aérea com base na Inglaterra nunca foi, nem por um momento, como iniciativa aceitável, pois nada mais é que um esfôrço mínimo dentro de recursos de $15 biliões.

Aqui estava o ponto que interessava Forrestal e foi justamente para que vissem o absurdo, que êle levantou a questão da verba presidencial, que ao ser discutida, conforme seu desejo, seria considerada improdutiva pela pròpria Junta. Com os $15 biliões podia-se instalar uma base aérea na Inglaterra e nada mais; tôdas as outras atividades militares ficariam inativas. Não podia haver absurdo maior a não ser que se fizesse, como disse Gruenther: "Os senhores estão dispostos a acabar com a guerra com uma ofensiva aérea apenas".

Forrestal persistiu na demonstração dizendo: — "Quero apenas dizer aos senhores que vou tentar tratar deste assunto até enquanto for possível e terei, portanto, muito prazer em comparecer às reuniões da Junta. Aqui não venho para espionar, meu papel é mostrar ao Presidente e ao seu sucessor, se houver, que nós tudo fizemos, tirando o maior proveito possível, trabalhando de baixo para cima, quando seria preferível trabalharmos da

superfíce para o fundo. Não somos membros da Gestapo rebuscando provas. Estamos apenas discutindo três pontos que são: — o conceito máximo, isto é, os $23 biliões e 600 de McNarney; e intermediário, que é justamente o que procuro e o mínimo, que se baseia nos $15 biliões.

Forrestal procurou sempre nas reuniões obter propostas concretas que abrangessem resultados militares vitais: — "Meu desejo é que possamos conseguir o que queremos dos $15 biliões o que demais concordam com a distribuição por nós feita, pois nada fizeram nesse sentido. Gostaria de conhecer quais os resultados na base de $15 biliões e a segunda questão é a verba intermediária que nos dará fôrça para respondermos à Rússia na altura.

Finalmente a Junta elucidou o caso votando unanimimente a favor de uma cifra orçamentária "intermediária" de $16 biliões e 900.0 dito orçamento foi apresentado ao Presidente depois da eleição. Forrestal declarou que tinha autorização para dizer em nome do Secretário do Estado que as fôrças favorecidas teriam doravante muito mais eficiência nos períodos deficies das negociações internacionais futuras.

Apesar de tudo, o Presidente não se abalou: permaneceu a cifra máxima de $15 biliões e com ela o marasmo resultante até que rompeu a guerra na Coréia.

21. TERMINA O DIÁRIO

DEPOIS de algum tempo de intervalo, Forrestal, uma semana antes da eleição, fêz uma anotação no diário referente a probabilidade dos republicanos sairem vitoriosos no pleito eleitoral, mas, qualquer que fôsse a apuração final, Forrestal parecia estar decidido a retirar-se da vida pública, embora ainda tivesse muita coisa para fazer. Em carta dirigida a Robert E. Wood êle explica muito bem o conceito que faz do problema máximo:



O Secretário da Defesa James Forrestal, o senador Chan Gurney, Symington, Secretário das Fôrças Aéreas e generais da aeronáutica, em conferência a 7 de abril de 1948.

18 de outubro de 1948 — Para Robert E. Wood

SÃO difíceis de solução os problemas que o país enfrenta: — como assegurar a formação de capital para ser aplicado no plano de restauração; como conseguir um sistema de impôsto que dê iniciativa e ao mesmo tempo oportunidade ao indivíduo para a aquisição de capital e como formar uma organização militar de grande vulto sem causar a nossa ruina e capaz de assombrar qualquer país, obrigando-o à contemplação e à meditação... São êsses pontos capitais de um assunto muito complexo que traz preocupações para qualquer indivíduo que o estude.

Forrestal, grande conhecedor do assunto, passou oito exaustivos anos lutando contra as tais complexidades, embora sempre contando com a probabilidade de uma solução simples para o eterno dilema que o atormentava — a renúncia, que era a retirada de uma luta que êle considerava perdida. Estamos no dia 2 de novembro, Truman é inesperadamente reeleito, voltam os democratas ao Congresso e a situação de Forrestal fica novamente em suspenso. As divergências que tivera com o Presidente e com a Administração orçamentária muito concorreram para enfraquecer-lhe o pulso. Incompatibilizara-se com políticos eminentes e até mesmo com os democratas que ficaram sentidos quando Forrestal recusou-se a tomar parte na batalha partidária e a imprensa começou a propalar que o Presidente, ao renovar o gabinete em janeiro, não o convidara para fazer parte do mesmo e por fim o problema da sua permanência ou não entrou na fase mais aguda.

Uma semana após a eleição, Forrestal partiu de avião para uma viagem pela Europa. Entrevistou os grandes estadistas, obteve novas idéias a respeito da rápida unificação do Atlântico e da ajuda militar, voltando "muitíssimo impressionado com o fato de que a única alternativa contra o insuperável material humano russo e portanto a maior arma contra a guerra é a ameaça imediata de represália com a bomba atômica".

FORRESTAL DECIDE CONTINUAR

UM ano antes, Forrestal andou muitíssimo preocupado por causa da Fôrça Aérea e sua missão: realizar com precisão um ataque atômico eficiente e, embora nada de concreto houvesse sôbre o assunto, êle agora acreditava no êxito do empreendimento. Depois de uma semana de ausência, encontrava-se novamente em Washington, mas o Presidente estava em Key West gozando uns dias de férias depois da eleição. Forrestal solicitou um encontro e no dia 18 de Novembro para lá se dirigiu de avião para um almôço-conferência e à noite já estava de volta.

No diário nada há com relação à dita conferência, mas sabe-se que o intuito da mesma era a solução de sua permanência no secretariado. Em caminho, êle resolveu esperar que o Presidente tocasse no assunto, mas tal não aconteceu. O caso não foi absolutamente abordado e Forrestal voltou com a mesma incerteza de continuar ou não, sem o estímulo e apoio que contava ter e de que, na opinião de muitos, êle era merecedor. Embora em situação precária, resolveu ficar.

De volta a Washington, seu diário sofreu sensível mudança, passando a ser um mero livro de notas para os afazeres diários, tornando-se, em compensação, mais trabalhoso; as comunicações são mais fluentes e mais apuradas porque Forrestal continuava trabalhando na liquidação do problema do orçamento, na terminação das alterações que propunha fazer na lei de segurança nacional, isto é, assegurar maior autoridade para o Secretário da Defesa, e completar outros trabalhos que o vinham preocupando.

A OPINIÃO DE TRUMAN SÔBRE A ELEIÇÃO

No diário constam duas notas, feitas depois da eleição, e ambas são interessantes.

26 de Novembro de 1948 — Palestra com o Presidente

O Presidente fêz, hoje à noite, um paralelo interessantíssimo sôbre a eleição de 1948, lembrando que, em 1940, quando êle estava preparando-se para a reeleição ao mandato de senador pelo Estado de Missouri, compareceu a uma reunião em St. Louis e que alguns chefes democratas procuraram dissuadi-lo da idéia porque não seria eleito. Declarou o Presidente que os ouviu até às três da manhã e, por fim, acabou dizendo que não ia desistir e que estava disposto a lançar a maior campanha eleitoral que já fizera, ainda mesmo que obtivesse um só voto, que seria o seu mesmo. Disse ainda que a dita campanha foi financiada com um empréstimo de $.000, que conseguiu na Associação dos ferroviários e que andou por quase tôdas as cidades do seu Estado fazendo discursos e o resultado foi que venceu por grande maioria.

Mais interessante ainda é a nota que Forrestal escreveu no diário como adendo no mês seguinte.

20 de dezembro de 1948 — Conversa com o Presidente

O Presidente declarou ter recebido uma carta do Senador Taft cumprimentando-o pela eleição e dizendo que, embora discorde dêle sôbre certos asuntos, estava disposto a cooperar com a Presidência no que fôsse possível.

Taft se referiu também ao fato de que o Presidente talvez não tivesse suspeitado de que êle e sua senhora não tiveram surprêsa com o resultado da eleição.

DESINTEGRAÇÃO NA CHINA

NO diário há uma nota sôbre uma última tentativa mal sucedida que procura convencer o Presidente da necessidade de expandir a verba do orçamento militar, mas desta vez, trata-se de empregar a verba adicional principalmente em bombardeiros de longo raio de ação. Há outras notas relativas à rápida desintegração da situação chinesa. Os comunistas de Mao Tse-tung tinham iniciado o avanço que os levaria no ano seguinte em direção ao território chinês. As autoridades em Washington estavam bem informadas e atentas à seriedade da situação, mas Forrestal não faz referência alguma que indique que alguém tenha encontrado uma solução para o dilema que enfrentava.

Assim decorreu o ano e com a entrada do novo, Forrestal respondeu por carta a um amigo que o tinha cumprimentado pela publicação do seu primeiro relatório na pasta de Secretário da Defesa, como se vê a seguir:

O próximo artigo: A BENÇÃO (conclusão)

Seja uma das primeiras!





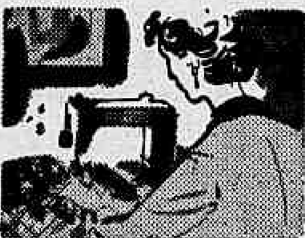
Durante uma temporada especial a Sra. poderá adquirir a sua ELNA - SEM ENTRADA INICIAL. Seja uma das primeiras a inscrever-se no nosso plano de pagamento oferecido pela ELNA. Visite uma de nossas lojas e peça uma demonstração sem compromisso.



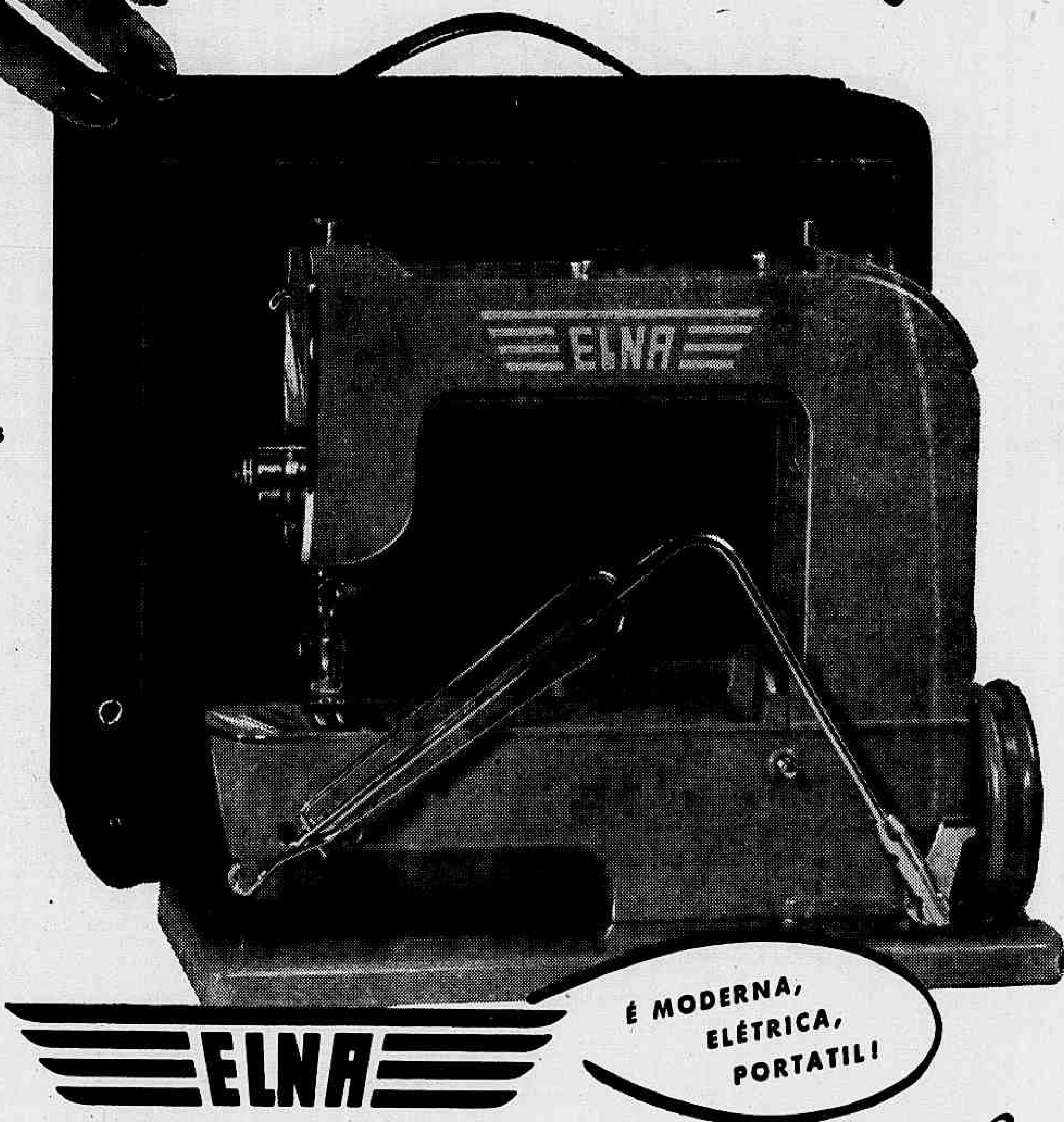
O "braço livre" sirze e borda sem acessorios.



A luz embutida lhe permitirá costurar a qualquer hora.



ELNA costura qualquer tecido: fino ou espesso.



ELNA

É MODERNA, ELÉTRICA, PORTATIL!

COMPANHIA DE MÁQUINAS ELNA DO BRASIL

Rio de Janeiro	Av. Calógeras, 23 - Tel. 32-6642
São Paulo	Rua 7 de Abril, 248 - Tel 34-8151
Belo Horizonte	Rua Tamoios, 90 - Tel. 2-1930
Porto Alegre	Rua dos Andradas, 1538 - Tel. 9-1643
Recife	Rua da Concordia, 143
Curitiba	Rua Barão do Rio Branco, 41 - sala 515 - Tel. 4174
Juiz de Fora	Rua Marechal Deodoro, 385 - sala 103 - Tel. 1636
Santos	Rua João Pessoa, 16 - 4.º andar - Tel. 2-7458
Salvador	Ed. Sul América - Trav. Bonifacio Costa, 2 - salas 513/515

Solicite-nos sem compromisso uma demonstração de ELNA em sua residencia.

Nome: ....

Endereço: .... Tel.: ....

Cidade: ....

Estado: ....


Para as grandes noites do ano
Ramón

Para as diferentes horas do dia



A silhueta da mulher moderna é flexível, composta de linhas retas e verticais, sem enchimentos nem reforços anatômicos. Esportiva por excelência, a mulher de 1952 faz prevalecer os músculos abolindo as gorduras, que nem sequer seduzem os homens do seu tempo. Mademoiselle, aprenda uma grande verdade: êles preferem as magras — e não há nisso qualquer referência, mesmo indireta, à escassez dos gêneros de primeira necessidade alimentícia...



MÃES E FILHAS

MODELINHOS singelos, bem simples, de acôrdo com a estação que atravessamos, próprios para mamãe e suas galantes filhinhas. O estampado continua em grande moda e, depois que "toilettes" a rigor, trabalhadas em algodão nacional, se destacaram ruidosamente em "soirées" de Veneza e Paris, ninguém mais sente a diminuição de vestir os panos brasileiros. Madame e mademoiselle têm, aqui, o que escolher para a renovação de seu guarda-roupa.

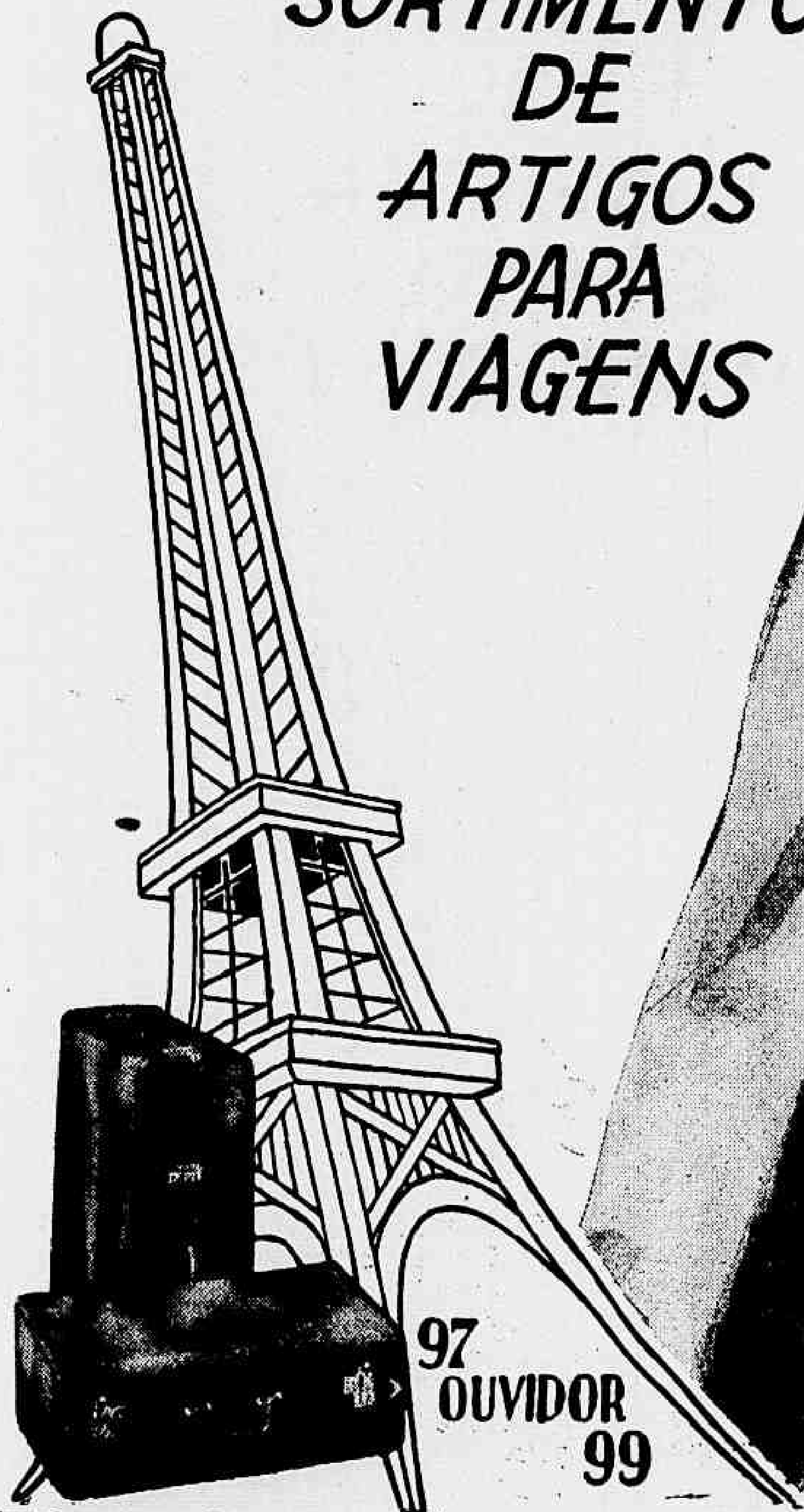






ARTIGOS FINOS
PARA CAVALHEIROS
DE BOM GOSTO

COMPLETO
SORTIMENTO
DE
ARTIGOS
PARA
VIAGENS









Para Soirée

ÊSTES seis figurinos, próprios para as grandes noites de fim-de-ano, estão dentro da estação e mantém a linha de elegância imposta pela sua finalidade. Alguns modelos — o primeiro, à esquerda, e o último, à direita — são mais aconselhados para Senhoras, enquanto os dois primeiros da página ao lado, pelo seu aspecto mais juvenil, destinam-se às debutantes. Mas com pequenas adaptações, que a arte e o senso de bom gôsto das nossas leitoras sempre inspiram, qualquer dêles pode ser usado por madame ou mademoiselle. Os tecidos variam, de acôrdo com a preferência da pessoa a quem se destina a "toilette". Êste ano houve o predomínio até mesmo do tecido brasileiro, que fêz bonito em grandes festividades européias. A padronagem é sempre discreta. O corte, singelo, realçando a cintura, que voltou em muitos casos a impor o uso de cintas ou espartilhos. Porque o perfil da mulher moderna, que pratica esportes e dispensa os tecidos adiposos, é sumamente flexível e esguio.









Nas 5 Lojas da Perfumaria Meyer
V. S. encontrará o que desejar!..



A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

★

A INSATISFEITA

(Cont. da pág. 25)

de Washington, são como um bando de rodinhas inocentes, naturais e sinceras, sem muita afetação. Penso que estou um pouco enciumada de Mary Ballard esta manhã.

— Por causa de Porter?

— Por causa de ninguém. Mas é que há nela certas coisas que eu não posso conquistar. Eu tenho dinheiro, vestidos, individualidade. Mas há nela uma tal simplicidade, qualquer coisa de direto, provindo de uma combinação de coisas que se operaram no decurso de anos e anos e que eu nunca possuí. Antes de vir aqui, pensava eu que o dinheiro a tudo compraria. Mas o fato é que eu não pude comprar tudo. Mary Ballar não poderia ser outra que não ela mesma. E eu posso ser não importa o quê, na escala social da mulher; porém não posso ser uma dama, um gênero de senhora que você é; você e Mary Ballard. Você tem razão quando diz que Mary Ballar seria amada por um homem acima do ordinário. Porter Bigelow a ama, e êle ultrapassa a todos os homens a quem tenho encontrado. Mas jamais cairia de amor por mim. Êle se divertiria comigo, riria, mostrar-se-ia satisfeito, se não estivesse apaixonado por Mary; até poderia flirtar comigo. Mas eu não sou o seu tipo, e êle o sabe.

Delilah suspira e ergue os ombros.

— Há outros peixes no mar, é claro. Porter Bigelow pertence a Mary. Mas eu lhe dou minha palavra, Leila Dick, que, ao ver sua bela cabeleira loura acima de tôdas as outras, — como um Ricardo Coração de Leão — não pude ver mais ninguém.

Pela primeira vez, desde que a conhecia, Leila se sentiu atraida para ela por um sentimento de compreensiva simpatia.

— Está apaixonada por êle, Lilah? — Perguntou ela timidamente.

Lilah se levanta e ergue as mãos acima da cabeça.

— Quem sabe? Estar apaixonada e amar são, talvez, duas coisas bem diferentes, minha pequena.

Com essa observação obscura ela passa ao guarda-roupa, onde os mais deslumbrantes vestidos estavam suspensos em longas filas.

Ficando sôzinha, Leila apanha uma revista, que estava sôbre a mesa ao seu lado, repassa os olhos em suas páginas e torna a depositar lá. Toma um bombom de uma caixa ao alcance da mão e descobre uma fotografia.

Nesse instante, exclama lá do outro quarto Lilah:

— Que sucedeu com você, ó ratinho. Porque está assim tão quieta? Descobriu algum bom livro?

Não. Leila não havia achado nenhum livro interessante, e a fotografia ela já havia recolocado em seu lugar, sob a caixinha de chocolate. Estava agora de pé junto à janela, com o véu sôbre o seu chapéu de abas fechadas, a fim de que lhe não viessem a perturbação reveladora de seus olhos. Debruçou-se para fora, como que desejando receber em cheio o calôr dos ráios do sol brilhante.

Mas Delilah nada percebeu. Vestiu-se com elegância e esméro, metida num "manteau" côr de açafrão, enfeitou-se com rosas, empunhou uma pele de leopardo e meteu na cabeça um pequenino chapéu da mesma natureza. Ao examinar-se pela última vez ao espelho, disse com acentuação um tanto caustica:

— Quando eu chegar lá em baixo e vir Mary Ballard, sentirei o efeito de ser um enfeite ilustrado de Beardsley, ao lado de uma simplicidade de Helleu.

Depois do almôço, Porter conduz tia Isabelle e Barry ao Fort Myer com as três jovens senhoras. O general e Sr. Jeliffe os encontraram na sala de exercícios. Quando êles entraram foram acolhidos pelo perfume das mulheres elegantes. Ao se sentarem na fila onde estavam suas cadeiras, Barry segurou Leila e ambos se acomodaram por detrás.

— Vamo-nos sentar alí, diz êle; tenho algo a lhe falar.

Através de seu véu, ela lhe lança um olhar de reprovação.

— Não, responde a moça, não!

Barry a fixa com surprêsa. Nunca, dan-

HERODÍADE

(Cont. da pág. 37)

Ela acrescentou:

— Foi por ter desejado o Império para Caio!

Vivendo das suas esmolas, pretendera o título de rei, que ambicionavam como êle. Mas, no futuro, nada de receios!

— Os calabouços do Tibre se abrem com dificuldade e muitas vêzes a existência não está segura ali!

Antipas compreendeu; e, embora Herodíade fôsse irmã de Agripa, a sua intenção atroz lhe pareceu justificada. Êsses assassinatos eram uma conseqüência das coisas, uma fatalidade das casas reais. Na de Herodes, nem se contavam mais.



O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

★

A INSATISFEITA

tes, a encantadora e pequena Leila havia recusado tão preciosa companhia.

— Sente-se junto de Delilah, diz-lhe ela nervosamente. Além de tudo, ela é a sua convidada.

— Ela é convidada de Porter, declara êle. Não vejo motivo algum para que você m'a esteja impondo.

Depois, quando a moça procurava passar diante dêle, Barry a puxa pelo braço:

— Que é que há? — Pergunta.

— Nada... — Diz ela fracamente.

— Nada!... Eu posso ler em você como num livro. Que sucedeu?

Mas a jovem move simplesmente a cabeça e se senta. Nesse instante se ouve o clangor dos clarins, a orquestra começa a tocar e os cavalos entram: uma luzidia companhia de cavaleiros atravessa a porta iluminada de sol, alinha-se majestosamente para o lado da tribuna e se detém um instante a fim de fazer a saudação, com absoluta perfeição. Em seguida têm início as manobras, com homens a cavalo sem sela, montando quatro animais, formando pirâmides, executando saltos perigosos sôbre os animais bem adestrados e inteligentes.

Um dos homens escorrega, cai do seu cavalo ao chão e alí fica inanimado, enquanto os outros cavalos vão passando sôbre seu corpo sem tocá-lo. Torna a erguer-se e ocupar o seu lugar nos exercícios, sem ter sofrido um arranhão. Laila, diante do "acidente", oculta seus olhos com a manga do casaco.

— Não gosto disso! — diz ela. — Jamais gostarei de ver isso. E se êsse homem morresse!

(*Continua no próximo número*)

HERODÍADE

Depois, descobriu a emprêsa: os amigos comprados, as cartas descobertas, espiões por tôdas as portas, a maneira por que conseguira seduzir Eutychius, o denunciante.

—Não me custava nada! Por ti, já não fiz mais? Abandonei a minha filha!

Depois do divórcio, deixara em Roma essa filha, na esperanca de ter outros filhos do tetrarca. Jamais falara da filha. Herodes se perguntava por que êste acesso de ternura.

Estabelecimentos Ch. Lorilleux S. A. (Tintas)

(Capital: Cr$ 15.700.000,00)

no Rio de Janeiro
RUA PEREIRA DE ALMEIDA, 27 — Tel. 28-2606

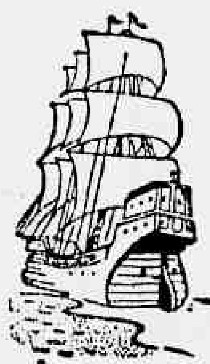
e em São Paulo
RUA DOM FRANCISCO DE SOUZA, 188 — Tel. 4-09-14

trabalham em estreita cooperação com a organização mundial LORILLEUX, cuja sede existe em Paris desde 1818.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Editôra Paulo de Azevedo, Ltda.
LIVREIROS E EDITORES
ARTIGOS DE PAPELARIA E MATERIAL ESCOLAR
Rua do Ouvidor, 166
RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
292, rua Líbero Badaró
BELO HORIZONTE
Rua Rio de Janeiro, 655

CONFEITARIA COLOMBO



A COLOMBO caracterisa a vida social do Rio de Janeiro na sua expressão de fina e requintada elegância. Os seus salões de almôço, chás, lunchs, e «cocktaills» acolhem diàriamente o escól da sociedade carioca para os sutis prazeres do espírito, do coração e do paladar.

LÍQUIDOS, COMESTÍVEIS FINOS E FRUTAS — FABRICANTES DAS AFAMADAS FARINHAS ALIMENTÍCIAS MARCA "COLOMBO" — ESPECIALIDADE EM DOCES, GELÉIAS, ETC. ETC..

★

MATRIZ:
Rua Gonçalves Dias, 32/36
Anexo à Rua 7 de Setembro, 94/96

FILIAL:
Avenida N.S. Copacabana, 890

FÁBRICA:
Rua Livramento, 174/184
Fone: 43-6925 — Rio

FRANÇA & CIA. LTD.

Tinha-se estendido o velário e grandes coxins foram logo trazidos. Herodíade se deixou cair sôbre êles e chorou, voltando as costas. Depois, passou a mão pelas pálpebras, disse que não queria mais pensar nisso, que estava feliz; e lembrou-lhe as suas palestras no átrio, os encontros nas estufas, os passeios ao longo da Via Sacra e as noites nas grandes "villas", ao murmúrio dos repuxos, sob arcos de flores, diante da campanha romana. Olhava-o como outrora, esfregando-se contra o seu peito, com gestos meigos. Êle a empurrou. O amor que ela procurava reanimar estava agora tão longe! E tôdas as suas infelicidades decorriam daí, pois, havia 12 anos, a guerra continuava. Envelhecera o tetrarca. As suas espáduas se dobravam numa toga sombria, de bordados violeta; os seus cabelos brancos misturavam-se-lhe à barba e o sol, que atravessava as cortinas, banhava-lhe de luz a fronte pesarosa. A fronte de Herodíade também tinha rugas; e, um diante do outro, se consideravam de maneira pouco amável.

Os caminhos da montanha começavam a povoar-se. Vaqueiros tocam bois, crianças traziam asnos pela rédea, palafreneiros conduziam cavalos. Os que desciam as elevações além de Machaerus desapareciam por trás do castelo; outros subiam a ravina à frente e, chegados à cidade, descarregavam as suas bagagens nos pátios. Eram os fornecedores do tetrarca, e criados que precediam os seus convivas.

Mas, no fundo do terraço, à esquerda, apareceu um essênio, em vestes brancas, pés descalços, ar estóico. Mannaei, da direita, se precipitava, levantando o alfanje.

— Mata-o! — gritou-lhe Herodíade.

— Pàra! — disse o tetrarca.

Êle ficou imóvel, o outro também. Depois se retiraram, cada qual por uma escada diferente, aos recuos, sem se perderem de vista.

— Eu o conheço! — disse Herodíade — Chama-se Phanuel e tenta avistar-se com Iackanann, pois tens a cegueira de conservá-lo!

Antipas objetou que êle podia ser útil algum dia. Os seus ataques contra Jerusalém conquistavam para êles o resto dos judeus.

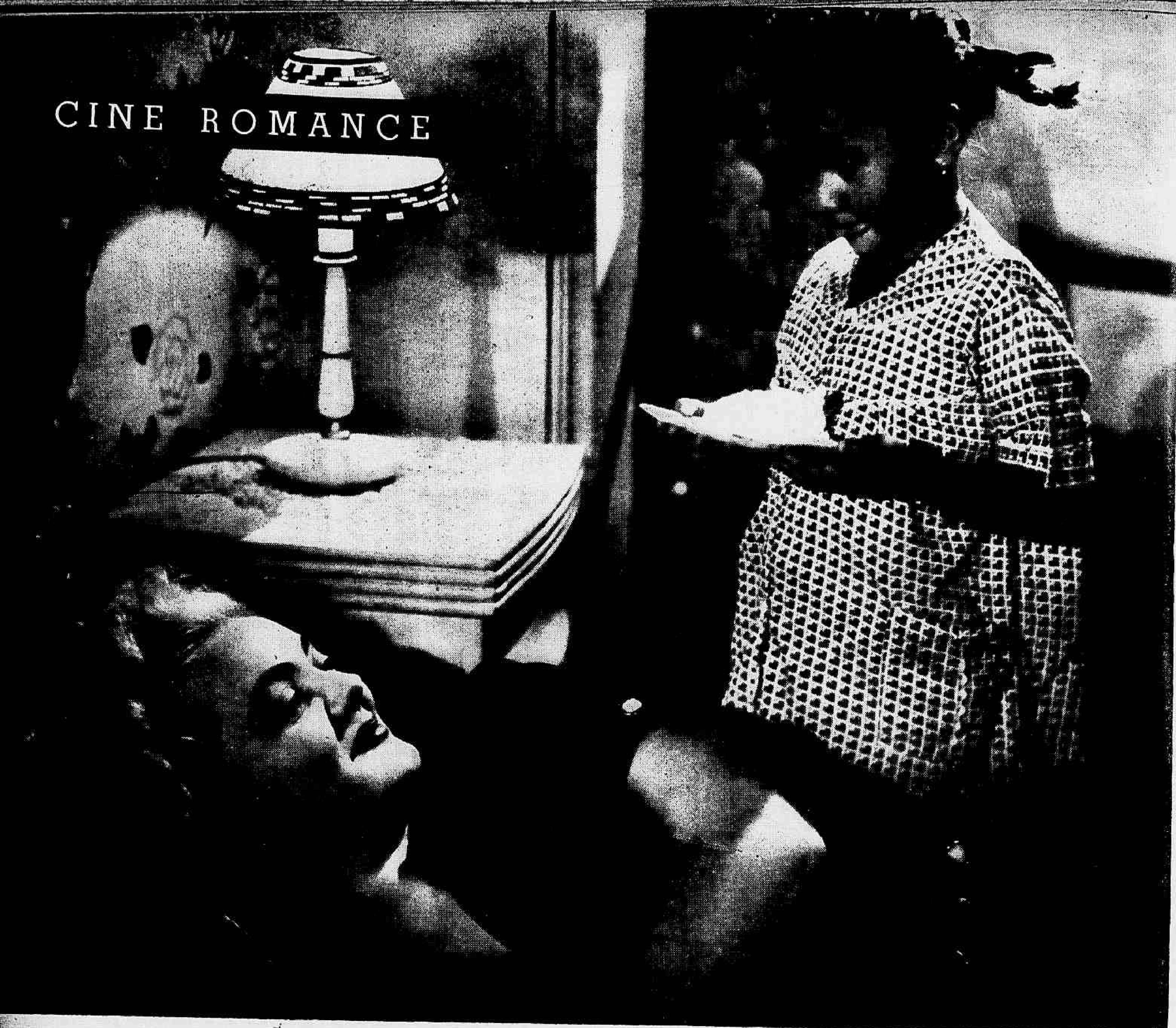
— Não! — replicou Herodíade — Êles aceitam todos os senhores e não são capazes de formar uma pátria!

Quanto àquele que estimulava o povo com esperanças conservadas desde Nehemias, a melhor política era su-

(Cont. na pág. 82)

★

Dê novo brilho e nova vida aos seus móveis aplicando óleo de peroba



ANJINHOS PRETOS

JOSÉ CARLOS é um jovem cantor de bastante fama, figura de moda nos meios artísticos. Vem a conhecer, sem querer, a exótica Ana Luisa, uma loira diferente, secretária duma escola. Nasce entre os dois jovens um apaixonado romance que tem em mira o matrimônio.

Êste acontecimento está prestes a realizar-se, porém, Merce, a ama Mercé, uma mulata bondosa que criou e educou Ana Luisa, declara ao padre Francisco que precisa confessar-lhe algo que lhe está pesando na consciência... A confissão inesperada é esta: a mulata, ela a velha Merce é mãe de Ana Luisa! Durante muitos anos havia sido criada do pai de Ana Luisa, um viúvo cheio de dinheiro, de quem teve uma filha branca, como o seu pai e loura como o sol. O pai ao vê-la tão linda tomou-se de amôres, deu-lhe nome e fortuna, exigindo em troca dêste dote os direitos da maternidade.

Terminada a confissão o padre Francisco opina que ela conte tudo ao noivo, o que ela se recusa para não toldar a felicidade dos nubentes.

Ana Luisa, ignorando tôda a verdade e com a displicência de seu temperamento, trata a pobre Merce de "velha criada negra e ridícula", como sói acontecer com pessoas altamente embebidas de preconceitos raciais, algumas vêzes sem saber que estão tocando em algo muito relacionado com o próprio sangue que levam nas veias.

Emocionada até às lágrimas, dentro dum silêncio angustioso, Merce escondida por detrás de uma coluna do templo, assiste ao casamento de sua filha! Nem uma, nem outra sabia que naquele momento um outro calvário se iniciava...

....

São passados alguns meses. José Carlos está numa "tournée" artística pelo estrangeiro. Após uma apresentação num teatro êle anuncia que regressará ao México para que a espôsa aguarde a visita da cegonha. Assim fazem. Acontece o inesperado: Ana Luisa dá a luz a uma criança na Casa de Maternidade, mas...

"ANGELITOS NEGROS"

ELENCO

PEDRO INFANTE	José Carlos
EMILIA GUIÚ	Ana Luisa
RITA MONTANER	Merce
Titina	Belén
Chela Castro	Isabel
Nicolas Rodriguez	Padre Francisco
Mary Douglas	Malú
Produtor Executivo	Ramon Peón

Diretor, Joselito Rodriguez — Adaptação cinematográfica e diálogos de Rogelio A. Gonzalez — Direção e fundos musicais de Raul Lavista e Nacho Garcia. — Participação do "Quarteto América". — Bailados: Meride e Pastor. — Canções: "Angelitos Negros", "Belén" (Canção de berço afro-cubana), "Dansa Sagrada" (bailada por Chela Castro e cantada por Pedro Infante), "Mi Primer Amor", "Si Dices Si" e "Tus Ojos".

Eis que é recebido por Merce e pelo padre Francisco de modo estranho e seu assombro vai ao máximo quando lhe apresentam sua filha: uma mulatinha! Chocado com o caso José Carlos nega que essa filha seja sua. E' o instante em que Merce confessa ser a mãe de Ana Luisa, o que obriga ao rapaz a ter uma atitude nobre.

— E' sua filha, — diz Merce comovida — tem que amá-la!

Mas alguém se mantém de coração fechado: Ana Luisa.

Na intimidade do lar a vida muda. Os dias passam-se entre recriminações e atitudes depreciativas, um verdadeiro inferno. Merce toma para si tôdas as culpas e em silêncio vai se desiludindo, perde as esperanças.

José Carlos busca uma nova companheira fora de casa, a mulata Isabel, encontrando no permanente gênio alegre desta, o lenitivo para as suas penas domésticas.

Certo dia, entre José Carlos e Ana Luisa, se desenrola uma cena violenta. José Carlos esbofeteia sua espôsa por ver esta insultar a memória de sua mãe, isto é, a infeliz Merce que ainda mantém seu segrêdo para com a filha. Esta foge de casa. Belen, a filha inocente, cai enfêrma por saber que sua mãe não voltará tão cedo...

Cuidando da saúde da menina Belen, se acham reunidos na cabeceira de sua cama, Merce, José Carlos e Isabel, que leva três noites sem dormir, o padre Francisco e uma enfermeira. O estado de saúde da menina é grave. Isabel vai ao encontro de José Carlos que está no teatro e pede ao padre Francisco que procure por Ana Luisa. Quando esta chega com o sacerdote, encontra seu espôso dando um inocente beijo em Isabel, pois nas duas últimas horas, Belen vinha apresentando melhoras. Era um gesto fraternal, o qual não foi compreendido de maneira alguma por sua consorte. Ana Luisa declara deixar o lar definitivamente e nem os gritos de sua filha a demovem de seu intento. Quando já ia pela escada abaixo, é detida por Merce, desejosa de evitar tão violento desenlace.

Merce vem ùltimamente se queixando de seus males, conseqüência de tantos dissabores e reveses, acrescidos pela enfermidade de sua neta.

— Não, minha criança, — diz-lhe Merce persuasiva — tu não irás desta casa... Não quero que vás embora!

— Larga-me, negra maldita! Replica Luisa.

A fim de afastar a pobre Merce do meio do caminho, Ana Luisa, tomada de cólera, dá-lhe uns violentos bofetões, motivando que a pobre Merce role pelas escadas. José Carlos que presenciou a cena horrorizado, grita:

— Não! isso que não... Ela é tua mãe!

Merce está prostada na cama. Agoniza irremediàvelmente aquela que soubera ser mãe. Em seu olhar fatigado, vislumbra uma esperança todavia... Ao seu lado se encontra Ana Luisa.

— Minha babá, minha mãezinha!... Deus meu, por que deixaste que isto acontecesse? Responde-me mãezinha! Necessito que me perdoe, mamãe!

— Mamãe!

Quando Ana Luisa buscava confortar aquela pobre alma, Deus apiedado na Sua Sabedoria dos sofrimentos daquela pobre mãe, chama-a ao repouso eterno.

Ana Luisa afinal compreende o êrro de sua vida e um comovido pranto purifica-lhe a alma, indo cercar de carinhos e desvelo redobrado aquela criança negra, carne de sua carne, sangue de seu sangue, que até ali mitigara um pouco do amor materno que lhe era negado sistemàticamente pelo único crime de ter nascido com a pele preta...

... Ainda que a Virgem seja
[branca
pinta-me anjinhos negros
que também vão para o céu
todos os negrinhos bons...









SAÚDE DO BEBÊ

Meios mecânicos de cura

Dr. SABOIA RIBEIRO

O emprêgo do movimento, com fins higieno-terapêuticos, na criança, se faz, sobretudo, nas várias circunstâncias que ocasionam uma impotência funcional, ou nos desvios do busto, em certas atrofias, deformidades e até lesões pulmonares, que alcançam o tórax.

Os que se destinam a mobilizar articulações ou fortalecer os músculos, a fim de que bem desempenhem suas funções, pertencem ao arsenal armado da mecanoterapia, ou seja a cura por meio dos movimentos.

Foi Zander quem primeiro imaginou um conjunto de aparelhos, cujo fim era de operar os movimentos sôbre o indivíduo, dispensando ajudantes especiais na sua realização. E' a mecanoterapia instrumental.

Quais os casos em que tem indicação esta mecanoterapia?

Podemos enumerar, entre outros casos, os seguintes:

a) Fraturas e luxações (naturalmente, entende-se, depois de levantado o aparelho).
b) Anciloses — ou seja, a imobilização de uma articulação.
c) As escolioses, ou desvios laterais do tronco.
d) As atrofias musculares.
e) As paralisias de membros com flacidez, sem atrofia muscular.

Alguns estados pròpriamente clínicos, como a asma, o enfisema e o diabete, já se têm valido da mecanoterapia para corrigir algumas sequelas (quer dizer, consequências de ordem física), ligadas a essas moléstias. Tal tratamento, porém, é, naturalmente, antes auxiliar, não dispensando outro dirigindo-se à causa principal.

As conformações viciosas do tronco (estreito, afunilado, de amplitude respiratória diminuta), também podem ser tratadas pela mecanoterapia, mas aqui a ginástica, pròpriamente, operará melhor.

Assim resume um autor os aparelhos mais usados na Clínica Infantil:

De Zander — o F-1 (para vibração das diferentes partes do corpo); o B-12 (para a circundação do pé); o B-4 (para a extensão da coxa e do joelho); o A-3 (para o abaixamento dos braços com flexão do ante-braço); o A-7 (para a circundação dos braços); o C-6 (para a flexão lateral do tronco); o K-1 para a suspensão lateral no tratamento da escoliose); o E-6 (para a dilatação passiva do tórax).

O grande campo de aplicação da mecanoterapia armada é, quase sempre, coberto pela ginástica médica, uma vez que ela, por assim dizer, não passa de uma ginástica em que se dispensa a ajuda de um terceiro na sua execução.

Os defeitos de conformação se beneficiam, principalmente, com os aparelhos imobilizadores construídos com gêsso, máxime os de caráter congênito ou se desenvolvendo no momento da formação e crescimento do indivíduo.

Tais defeitos (quer dizer, os últimos) são em parte evitáveis mediante cer os cuidados da *ortopedia preventiva*, a saber — vida ao ar livre, clima marítimo, exercício muscular metòdicamente assistido.

Constituídos, porém, os defeitos, pode-se apelar para a ortopedia curativa para corrigir a maior parte das deformações não inveteradas, com pleno êxito.

E' em seguimento à colocação de aparelhos imobilizadores, trazendo pelo prolongado tempo de seu uso, a rigidez ou grudamento das articulações (anciloses), e ainda nas atrofias musculares ou paralisias flácidas, que surgem as maiores oportunidades do uso do movimento como meio de tratamento, pela mecanoterapia.

CORRESPONDENCIA DAS MÃES

R. S. (Nesta) — Os pés botos são tratados pela massagem, pelas tenotomias e pelo endireitamento forçado dos mesmos. E' a êles que se deve dirigir com seu filhinho.

S. N. B. (Piraí) — Os dentes cariados na criança requerem sempre tratamento. Os da primeira dentição, inclusive. E' um êrro pensar que êstes devem ser deixados ao abandono, porque mais tarde serão substituídos por outros da dentição definitiva. E' fácil compreender que se constituem focos para os outros, que não têm substitutos. O atraso que traz à saúde geral, uma dentadura mal tratada na criança, é dos maiores. Com os vermes se constituem os dentes mal tratados os maiores responsáveis pelas más côres da criança, e o tratamento médico deve começar, por assim dizer, pelos dos dentes cariados e demais focos de infecção da bôca.

A angina de Vincent e sua complicação, a gangrena da bôca, podem ter sua origem aí, pois o espirilo da associação, causador da angina, costuma ser encontradiço, por abundante, nos dentes mal cuidados.

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA
NAS CONVALESCENÇAS



Só é velho...
quem se sente velho!

USE



LOÇÃO BRILHANTE
Diminue a seborréa e evita a caspa.
Devolve a juventude e a côr natural aos seus cabelos.

Loção Brilhante

LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS S. A.
S. PAULO

SUPERCOR
Tintas para impressão

ESTE MUNDO E O OUTRO

CREAÇÃO de DARCY

No país do "presente"

7 - NATAL LUMINOSO



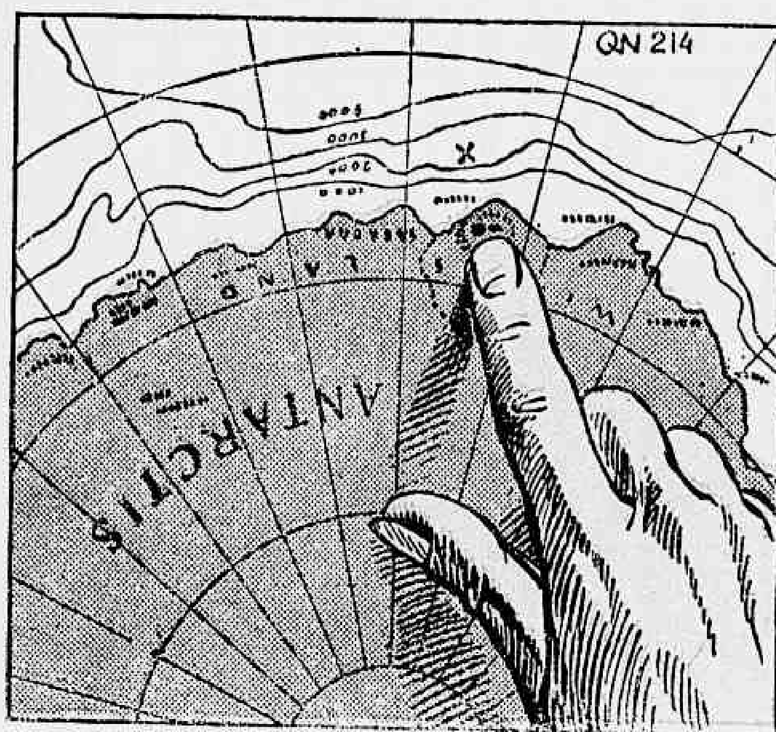


AVENTURAS DO CAPITÃO ROB





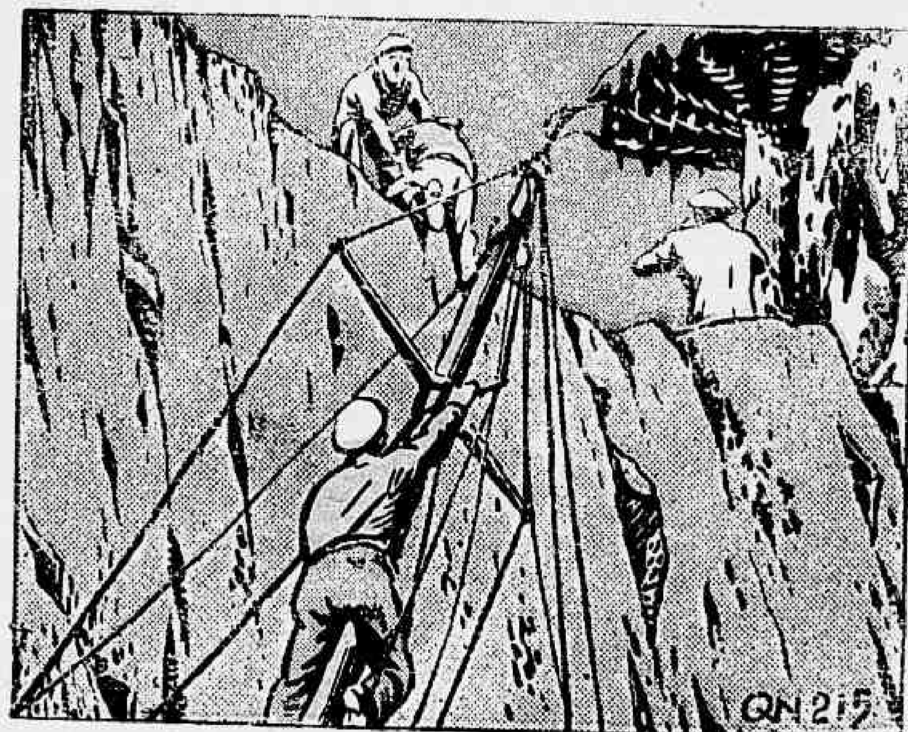

13 O comandante do submarino chama às falas o "Liberty". De surprêsa em surprêsa Rob verificou que se tratava de marujos a quem conhecia há tempos. Não se cabia em si de contentamento por ver que encontrara gente conhecida em lugar tão inóspito e original. E o comandante lhe falou de bom humor: "Que bons ventos foram êstes que o empurraram para aqui, Rob?" E Rob respondeu a rir: "A mesma pergunta lhe faço eu!" Rob subiu para bordo e foi levado para o gabinete do Dr. Ree, um cientista, para estudar os mapas. O navegador solitário possuía amigos na tripulação, com os quais servira na aviação.



14 O Dr. Ree conta a Rob uma estranha história. Já ouviu falar do professor Lupardi? — Perguntou. Rob responde negativamente. E o Dr. Ree continuou: "Veja esta coisa curiosa: aquêle professor partira pelo ar para as regiões do polo antártico e, desde então, curiosos fenômenos começaram a registrar-se. Por exemplo: degelos surpreendentes e a temperatura se tornara mais suave. Grandes catástrofes sobrevirão, pois o professor é perigoso em suas experiências atômicas. Você está convidado a acompanhar-nos na visita ao mesmo. Era uma loucura invadir o território do sábio louco, mas Rob não recusou.

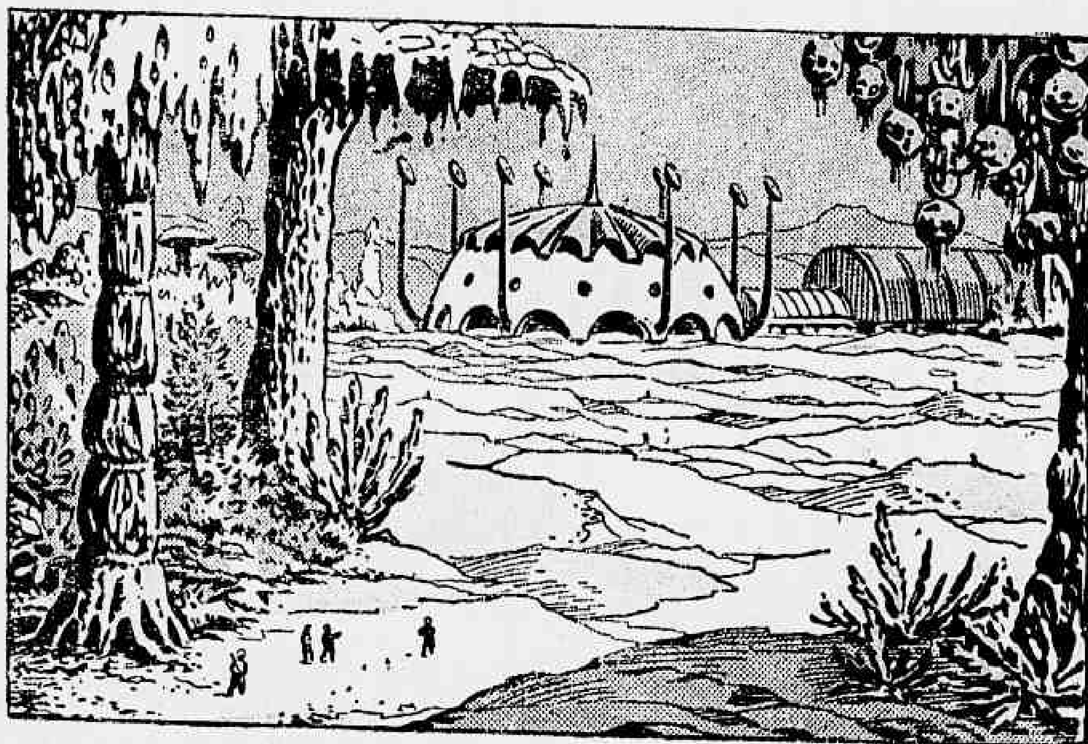




15 O Dr. Ree combinou com Rob para que ambos e mais dois tripulantes do submarino fôssem até aos domínios do Professor Lupardi a bordo do veleiro de Rob. Era mais fácil de manejar e sua estrutura de madeira estava mais isolada dos efeitos de minas magnéticas. Dirigiram o barco para determinada costa e a seguiram acompanhando os fiordes até que se lhe deparou enorme gruta iluminada pelos reflexos da água. Como saltar a terra? Tudo eram escarpas. Serviram-se, então, do mastro do veleiro e conseguiram o intento. A ribanceira forçava-os a verdadeira acrobacia de circo; mas todos desembarcaram.

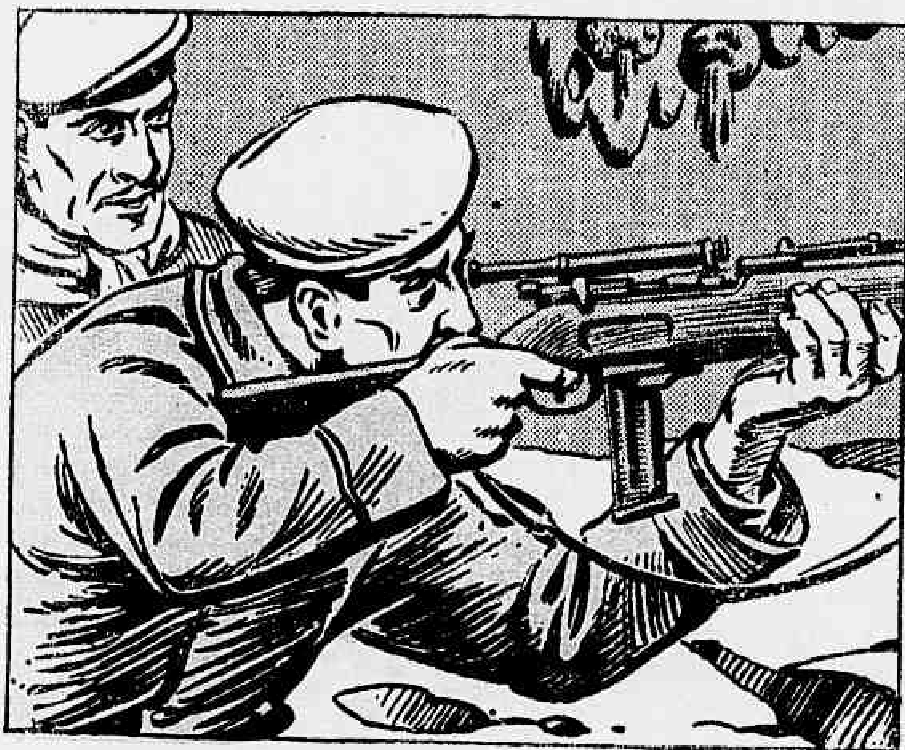
RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA: — Depois que o cap. Rob verificou estar ao sabor das correntes marítimas, foi-se deixando levar ao léu, até avistar grandes icebergs, em mar não muito gelado. Entrando pelo emaranhado do gêlo, sua atenção foi despertada para um navio naufragado prêso numa montanha gelada. Cautelosamente desceu do "Liberty" e subiu, cavando o caminho a golpes de alvião. Entrou no veleiro e encontrou sua tripulação morta e conservada pel gêlo. Numa mesa, o comandante examinava um mapa. Apanhou um "diário de bordo" e o guardou. Voltou ao navio "Liberty".







16 Estranhas árvores estas, exclama Rob. O Dr. Ree lhe explica que são o produto de experiências do Professor Lupardi, durante muitos anos. São muito altas, têm curiosa casca, e de seus frutos se exala cheiro de amônia. "Olhem!" — exclama um dos marujos apontando para estranhos edifícios. Deve ser a cidade atômica do professor, explica o Dr. Ree. Vê aquêles mastros? São refletores para captar raios cósmicos como fôrça de energia. A atenção de todos foi chamada para pinguins numerados e com um pino na cabeça. O pinguim, com o grande número ao peito, parecia uma sentinela em seu pôsto de vigia.

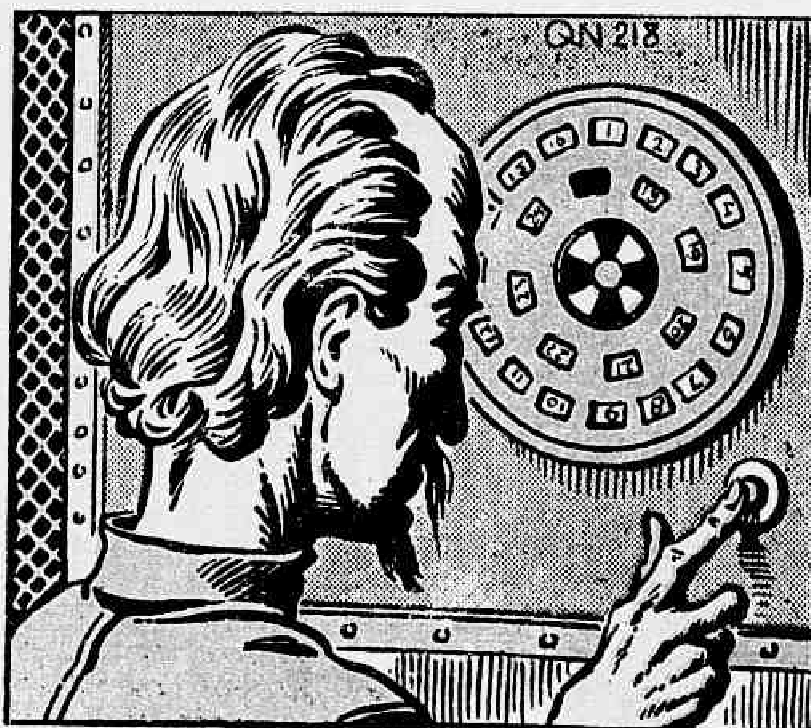






17 PUM! — O Dr. Ree e Rob são assustados por uma detonação. Um dos marujos atira e mata um pinguim. "Que louco sou eu!" — resmunga o Dr. Ree. "Devia ter prevenido a êsses homens que não usassem armas de fogo aqui!" E todos examinam atentamente o pinguim morto. "Ah! — exclama o cientista — Estas aves são sentinelas do Professor Lupardi, equipadas com transmissores próprios. Que sujeito engenhoso êsse Lupardi! O Dr. Ree estava certo de que o Prof. Lupardi os surpreenderia com alguma de suas extravagâncias e ficou atento. Rob não podia ocultar suas apreensões nesse mundo estranho.







18 Mas o Dr. Ree não sabia que suas cautelas já vinham tarde. Um silêncio de morte reina na cidade atômica do Prof. Lupardi, que estava absorvido por pesquisas em seu laboratório. Súbito ouve êle o intermitente som de uma "cigarra". Percebe que há invasores na sua terra. Toca uma campainha e chama o assistente, que aparece imediatamente. "Yoto, sentinela 17 informa que há intrusos aqui. Veja o que há." O ajudante se inclina e vai cumprir as ordens dizendo-lhe Lupardi que não admita espiões na ilha. O cientista louco previra tudo. Qualquer coisa que se passasse nas suas terras êle sabia imediatamente.



QUANDO eu era capelão de S. Francisco de Paula (contava um padre velho) aconteceu-me uma aventura extraordinária.

Morava ao pé da igreja, e recolhi-me tarde, uma noite. Nunce me recolhi tarde que não fôsse ver primeiro se as portas do templo estavam bem fechadas. Achei-as bem fechadas, mas lobriguei luz por baixo delas. Corri assustado à procura da ronda; não a achei, tornei atrás e fiquei no adro, sem saber que fizesse. A luz, sem ser muito intensa, era-o demais para ladrões; além disso notei que era fixa e igual, não andava de um lado para outro, como seria a das velas ou lanternas de pessoas que estivessem roubando. O mistério arrastou-me; fui a casa buscar as chaves da sacristia (o sacristão tinha ido passar a noite em Niterói), benzi-me primeiro, abri a porta e entrei.

O corredor estava escuro. Levava comigo uma lanterna e caminhava devagarinho, calando o mais que podia o rumor dos sapatos. A primeira e a segunda porta que comunicam com a igreja estavam fechadas; mas via-se a mesma luz e, porventura, mais intensa que do lado da rua. Fui andando, até que dei com a terceira porta aberta. Pus a um canto a lanterna, com o meu lenço por cima, para que me não vissem de dentro, e aproximei-me a espiar o que era.

Detive-me logo. Com efeito, só então adverti que viera inteiramente desarmado e que ia correr grande risco aparecendo na igreja sem mais defesa que as duas mãos. Correram ainda alguns minutos. Na igreja a luz era a mesma, igual e geral, e de uma côr de leite que não tinha a luz das velas. Ouvi também vozes, que ainda mais me atrapalharam, não cochichadas nem confusas, mas regulares, claras e tranqüilas, à maneira de conversação. Não pude entender logo o que diziam. No meio disto, assaltou-me uma idéia que me fêz recuar. Como naquele tempo os cadáveres eram sepultados nas igrejas, imaginei que a conversação podia ser de defuntos. Recuei espavorido, e só passado algum tempo é que pude reagir e chegar outra vez à porta, dizendo a mim mesmo que semelhante idéia era um disparate. A realidade ia dar-me coisa mais assombrosa que um diálogo de mortos. Encomendei-me a Deus, benzi-me outra vez e fui andando, sorrateiramente, encostadinho à parede, até entrar. Vi então uma coisa extraordinária.

Dois dos três santos do outro lado, S. José e S. Miguel (à direita de quem entra na igreja pela porta da frente), tinham descido dos nichos e estavam sentados nos seus altares. As dimensões não eram as das próprias imagens, mas de homens. Falavam para o lado de cá, onde estão os altares de S. João Batista e S. Francisco de Sales. Não posso descrever o que senti. Durante algum tempo, que não chego a calcular, fiquei sem ir para diante nem para trás, arrepiado e trêmulo. Com certeza, andei beirando o abismo da loucura, e não caí nêle por misericórdia divina. Que perdi a consciência de mim mesmo e de tôda outra realidade que não fôsse aquela, tão nova e tão única, posso afirmá-lo; só assim se explica a temeridade com que, dali a algum tempo, entrei mais pela igreja, a fim de olhar também para o lado oposto. Vi aí a mesma coisa: S. Francisco de Sales e S. João, descidos dos nichos, sentados nos altares e falando com os outros santos.

Tinha sido tal a minha estupefação que êles continuaram a falar, creio eu, sem que eu sequer ouvisse o rumor das vozes. Pouco a pouco, adquiri a percepção delas e pude compreender que não tinham interrompido a conversação; distinguias, ouvi claramente as palavras, mas não pude colhêr desde logo o sentido. Um dos santos falando para o lado do altar-mor, fêz-me voltar a cabeça, e vi então que S. Francisco de Paula, o orago da igreja, fizera a mesma coisa que os outros e falava para êles, com êles falavam entre si. As vozes não subiam do tom médio e, contudo, ouviam-se bem, como se as ondas sonoras tivessem recebido um poder maior de transmissão. Mas, se tudo isso era espantoso, não menos o era a luz, que não vinha de parte nenhuma, porque os lustres e castiçais estavam todos apagados; era como um luar, que ali penetrasse, sem que os olhos pudessem ver a lua; comparação tanto mais exata quanto que, se fôsse realmente luar, teria deixado alguns lugares escuros, como ali acontecia, e foi num dêsses recantos que me refugiei.

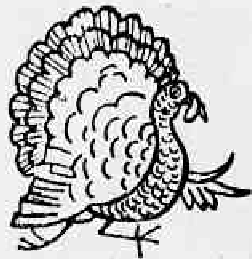
Já então procedia automàticamente. A vida que vivi durante êsse tempo todo, não se pareceu com a outra vida anterior e posterior. Basta considerar que, diante de tão estranho espetáculo, fiquei absolutamente sem mêdo; perdi a reflexão, apenas sabia ouvir e contemplar.

Compreendi, no fim de alguns instantes, que êles inventariavam e comentavam as orações e implorações daquele dia. Cada um notava alguma coisa. Todos êles, terríveis psicólogos, tinham penetrado a alma e a vida dos fiéis, e desfibravam os sentimentos de cada um, como os anatomistas escalpelam um cadáver. S. João Batista e S. Francisco de Paula, duros ascetas, mostravam-se às vêzes enfadados e absolutos. Não era assim S. Francisco de Sales; êsse ouvia ou contava as coisas com a mesma indulgência que presidira ao seu famoso livro da *Introdução à vida devota*.

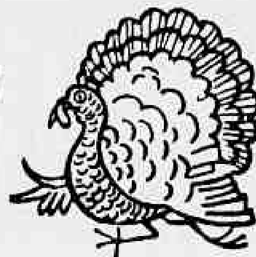
Era assim, segundo o temperamento de cada um, que êles

(Cont. na pág. 86)

Conto de MACHADO DE ASSIS ★ Ilustração de GIL RIBEIRO



WEEK-END NA COZINHA



BÔLO DE PEIXE

Faz-se um môlho branco com 2 colheres-de-sopa de manteiga, 1 xícara de leite, outra de água e 2 colheres-de-sopa de maizena. Adiciona-se sal e pimenta, 2 xícaras de peixe cozido bem temperado, 3 xícaras de ervilhas cozidas, 2 ovos batidos, ½ xícara de farinha de bolachas, 2 colheres-de-chá de fermento em pó. Mexe-se bem. Põe-se em fôrma untada, em forno brando, durante 1 hora.

RISSOLES DE PRESUNTO

Tome 1 pão de fôrma de véspera, descasque e corte em 4 fatias quadradas de 1 cm. Passe manteiga e deite 1 fatia de presunto entre 2 fatias, como sanduíches. Passe ligeiramente no leite, depois em ovos batidos e frite em banha quente. Os rissoles típicos são feitos com restos de massa folhada, como pastéis canelados. Recheados com qualquer elemento como camarões, ostras, galinha, etc., ligado com môlho Bechamel.

BARQUETTES DE ANCHOVA

A massa: Misture 500 gr de farinha peneirada, 300 gr de manteiga derretida e esfriada, 2 gemas e um pouquinho de água fria e sal. Faça a massa quase sem trabalhar, e guarde coberta com um pano úmido. Com ela forre forminhas com a forma de barquinhas, deite por cima pedaços de papel impermeável do tamanho das barquinhas e encha com arroz cru, só para não deformar e leve a assar no forno. Depois de frias despeje fora o arroz, deite no fundo um pouco da manteiga de salmão e fixe a anchova, um pouco desenrolada e em pé, no centro.

Perú recheado à mineira

PREPARADO e limpo o peru da forma comum, enche-se, depois de bem enxuto por dentro, com o seguinte recheio: toma-se uma porção de carne de porco, umas fatias de presunto, toucinho, os miúdos do peru (convenientemente refogados e cozidos para que fiquem bem moles), ovos duros, salsa, cebolinha e cheiro, cebola picada, alho pisado com sal, pimenta comari ou malagueta. Pica-se tudo bem miúdo e amassa-se com um pouco de miolo de pão amolecido no vinho, junta-se manteiga, farinha de amendoim torrado e experimenta-se o tempêro. Enche-se com êsse recheio o papo do peru, cobre-se o peito com toucinho. Unta-se com uma mistura igual de manteiga e azeite, envolve-se em papel impermeável e leva-se a assar em forno quente o tempo necessário. Para o recheio do corpo do peru pode-se usar o mesmo recheio ou outro qualquer, juntando-se algumas castanhas cozidas.

Bolinhas de galinha

TOMA-SE uma galinha cozida ou assada, tiram-se as peles e os ossos e passa-se tôda a carne na máquina. Faz-se um bom refogado com uma colher de manteiga, cebola picadinha, tomates sem pele e cheiros verdes picados, juntando-se a êle a carne de galinha passada na máquina. Mistura-se tudo muito bem, deixando-se refogar por mais uns minutos. À parte, tosta-se uma colher bem cheia, de manteiga, com quatro de farinha de trigo e juntam-se 2 xícaras de leite, batendo-se bem para não engrossar; juntam-se duas gemas, sal e pimenta do reino, tornando-se a levar a mistura ao fogo por uns minutos; junta-se então o refogado de galinha, levando-se ao fogo novamente, por mais uns minutos. Deixa-se esfriar e fazem-se bolinhas do tamanho de nozes, pondo-se dentro de cada uma uma azeitona sem caroço. Passam-se es bolinhas em farinha de rosca, depois em ovos batidos, novamente em farinha de rosca e fritam-se em gordura quente até ficarem levemente douradas. Servem-se em caixas de papel.

SANDUICHES EM TRIÂNGULO

Tome fatias de pão de ½ cm de espessura, corte em quadrados e êstes em triângulos. Passe por cima a pasta imitando maionese. Coloque no centro 1 anchova enroladinha e calque 3 folhinhas de agrião de cada lado. Pode variar a guarnição: passe sôbre os triângulos uma camada de paté de presunto, calque no centro 3 rodelinhas de tomates de 1 cm e cole 1 folhinha de agrião de cada lado.

PÃO RECHEADO

Tome 2 pães, sem códea, de véspera, corte uma fatia em cima, depois tire o miolo, mas deixando uma parede grossa. Encha com um picadinho, e pedacinhos de presunto se quiser, e ovos duros partidos, tampe com as fatias retiradas, fixe com palitos, molhe com leite, regue com 2 ovos batidos, polvilhe com queijo ralado e leve a tostar no forno. Retire os palitos e sirva com môlho de tomate.

Broinhas marron de Natal

375 gr de melado, 375 gr de açúcar, 75 gr de farinha de trigo, 7 gr de gengibre amassado, 7 gr de cravo em pó, 12 gr de cidra cristalizada.

Ferve-se o melado até que fique com cheiro de açúcar queimado e formando bôlhas. Retira-se a caçarola do fogo e tira-se com a escumadeira a espuma que se forma. Em cima do fogão quente deixa-se derreter o açúcar, com 3/4 de xícara de água e mistura-se ao melado. Depois de frio, junta-se a farinha e mistura-se bem, deixando a massa descansar umas três semanas, coberta com uma gaze ou fazenda leve.

Juntam-se depois os outros ingredientes, misturando-se a massa com as mãos e adicionam-se umas gôtas de água de flor de laranjeira. Quando esta massa estiver bem lisa, estende-se na grossura de um dedo, corta-se em quadradinhos, colocando-se em cada uma delas um pedacinho de cidra cristalizada, e leva-se a forno regular. Em latas fechadas conservam-se por muito tempo.

★

DOCE DE ABÓBORA

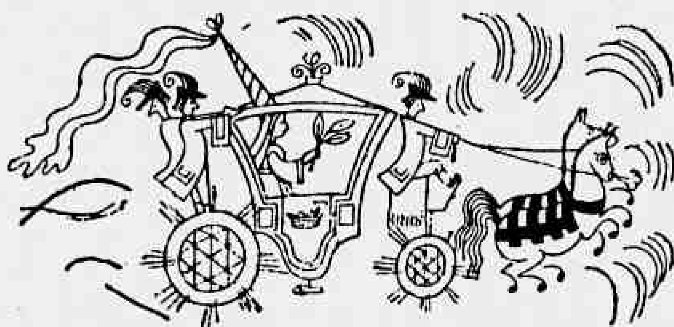
Pese ½ kg de abóbora bem madura e descascada e leve a cozinhar em pouca água. Escorra, passe pela peneira, junte ½ kg de açúcar, 1 côco ralado e leve ao fogo num tacho, sempre mexendo até soltar do fundo. Deite aos bocados compridos, como cocadas, num tabuleiro. Polvilhe com açúcar por meio de uma peneira e deixe secar ao sol ou na estufa.

RECHEIO DE NOZES OU DE AMÊNDOAS

Faça uma calda com 250 gr de açúcar em ponto de pasta, junte 200 gr de nozes ou de amêndoas moídas, 6 gemas, 6 claras em neve e leve ao fogo, sempre mexendo, até despegar do fundo da panela.

KOLATSCHEN

350 gr de farinha de trigo, 125 gr de manteiga, 5 gemas, 30 gr de açúcar, um pouco de casca de limão ralada, 28 gr de fermento fresco, 1 xícara de nata coalhada. Desmancha-se o fermento em um pouco de leite morno; bate-se a manteiga como creme, juntando-se êsses ingredientes pouco a pouco aos restantes. Trabalha-se bem na massa e faz-se bolas do tamanho de nozes, que se colocam em assadeira untada e deixa-se crescer. Faz-se então com o dedo uma pequena cavidade em cada bola, e aí se põe uma cereja cristalizada ou um pouquinho de marmelada. Pincela-se com clara batida e espalha-se por cima amêndoas picadas. Assa-se em forno bem quente durante 10 minutos. Pode-se também estender a massa fina, cortá-la em quadradinhos, colocar em cada um o recheio que se queira e juntar as pontas e fazer em seguida o mesmo que com as bolinhas.



TORTA DO JAPÃO

4 claras, 60 gr de açúcar, 20 gr de avelãs raladas, 10 gr de farinha de trigo e recheio de "moka", com 100 gr de manteiga, amêndoas torradas no açúcar e glacé de açúcar. Às claras bem batidas junta-se o açúcar, a farinha e as avelãs e, depois de tudo bem misturado, espalha-se por sôbre três rodelas de papel pergaminho bem untadas e leva-se ao forno moderado. Depois de frias, tira-se com cuidado do papel, espalha-se sôbre o primeiro fundo de torta uma camada de creme Chantilly, cobre-se com o segundo fundo, fazendo-se o mesmo e finalmente coloca-se o terceiro fundo sôbre os demais, e sôbre o bôlo todo espalha-se o creme "moka", que é feito com 1.000 gr de manteiga batida com açúcar e café forte.

★

Biscoitos de arvore de Natal

400 gr de açúcar, 500 gr de farinha, 4 ovos. Batem-se os ovos e o açúcar durante dez a quinze minutos, junta-se aos pouquinhos a farinha, estende-se a massa na grossura de ½ cm, cortam-se forminhas de diversas figuras ou formam-se anéis, pincelam-se com gema e assam-se em forno moderado.

O DEPOIMENTO DOS TRÊS PASTORES

Por COSTA BROCHADO

Autor de "Fátima à Luz da História"

VEJAMOS o que disseram os três videntes logo após as aparições de 13 de outubro de 1917. A primeira testemunha é o dr. Carlos Mendes, que ficara junto da azinheira, mesmo à beira das crianças, e que no fim da aparição pegara na Lúcia aos ombros, passeando-a por entre a multidão. Como êste senhor é homem de elevada estatura, forte e entroncado, a vidente encontrou nos seus ombros possantes o primeiro púlpito de onde se proclamou a mensagem de Fátima. E diz-nos o dr. Carlos Mendes que se em setembro ficara desolado com a falta de sinais sensíveis, em 13 de outubro sentiu, ao erguer Lúcia, como que o contato com o sobrenatural, tal a energia, o poder de convicção, a fôrça moral e o entusiasmo sincero com que a criança gritava à multidão, esbracejando nos seus ombros:

— Façam penitência! Penitência! A Senhora quer que façam penitência!

A atitude da criança e os fenômenos a que assistiu, convenceram-no profundamente da sobrenaturalidade dos acontecimentos que ainda hoje não recorda sem a mais viva emoção. Tôda a gente, por assim dizer, interrogou, ato contínuo, os três videntes. Mas nós só apuramos os interrogatórios que chegaram até nós, devidamente redigidos. O primeiro é da autoria do rev. cônego Nunes Formigão e foi realizado em casa dos pais da Jacinta e do Francisco, no próprio dia 13 de outubro, às 7 horas da tarde. Transcrevemo-lo integralmente. E' Lúcia quem responde primeiro.

— Nossa Senhora tornou a aparecer hoje na Cova da Iria?

— Tornou.

— Estava vestida como das outras vêzes?

— Estava vestida do mesmo modo.

— Apareceram também S. José e o Menino Jesus.?

— Apareceram.

— Apareceu mais alguém?

— Apareceu também Nosso Senhor abençoando o povo e a Senhora de dois naipes.

— Que queres dizer com isso? A senhora de dois naipes?

— Apareceu a Senhora vestida como a Senhora das Dores, mas sem espadas no peito, e a Senhora vestida, não sei bem como, mas parece-me que era a Senhora do Carmo.

— Vieram todos ao mesmo tempo, não é verdade?

— Não; primeiro vi a Senhora do Rosário, S. José e o Menino, depois vi Nosso Senhor, depois a Senhora das Dores e por fim a Senhora que me pareceu ser a Senhora do Carmo.

— O Menino Jesus estava em pé ou ao colo de S. José?

— Estava no colo de S. José.

— O Menino era crescido?

— Era pequenino.

— Que idade parecia ter?

— Era para aí de um ano.

— Por que disseste que a Senhora, de uma das vêzes, te pareceu estar vestida como a Senhora do Carmo?

— Porque tinha umas coisas penduradas na mão.

— Apareceram por cima das carrasqueira?

— Não; apareceram ao pé do sol, depois de ter desaparecido a Senhora ao pé da carrasqueira.

— Nosso Senhor estava de pé?

— Só o vi da cintura para cima.

— Quanto tempo durou a aparição na carrasqueira? O suficiente para se poder rezar o têrço?

— Não chegava, parece-me.

— E, no sol, as figuras que viste demoraram-se muito tempo?

— Pouco tempo.

— A Senhora disse-te quem era?

— Disse que era a Senhora do Rosário.

— Perguntaste-lhe o que queria?

— Perguntei.

— E que disse ela?

— Disse que nos emendássemos, que não ofendêssemos Nosso Senhor, que estava muito ofendido, que rezássemos, que a guerra acabaria hoje e que esperássemos os nossos soldados muito brevemente.

— Disse mais alguma coisa?

— Disse também que queria que lhe fizéssemos uma capela na Cova da Iria.

— Com que dinheiro se ha-de-edificar a capela?

— Julgo que será com o que lá se juntar.

— Disse alguma coisa a respeito dos nossos soldados mortos na guerra?



Voz da Fátima

Encerramento do Ano Santo no Santuário de Fátima

em 13 de Outubro de 1951

Explosão de Fé

1.ª PÁGINA de "Voz da Fátima", publicação editada no local dos milagres, para a edição comemorativa do encerramento do Ano Santo.

— Não falou nêles.

— Disse-te que avisasses o povo, para que olhasse para o sol?

— Não disse.

— Disse que queria que o povo fizesse penitência?

— Disse.

— Empregou a palavra penitência?

— Não. Disse que rezássemos o têrço e nos emendássemos dos nossos pecados e pedíssemos perdão a Nosso Senhor, mas não falou em penitência.

— Quando foi que começou o sinal no sol? Foi depois que a Senhora desapareceu?

— Foi.

— Viste a Senhora?

— Vi.

— Donde vinha ela?

— Do nascente.

— E das outras vêzes?

— Das mais vêzes não olhei.

— Viste-a ir-se embora?

— Vi.

— Para onde?

— Para o nascente.

— Como desapareceu?

— Pouco a pouco.

— Que é que desapareceu primeiro?

— Foi a cabeça. Depois o corpo. A última coisa que vi foram os pés.

— Quando se foi embora, ia recuando ou voltou as costas ao povo?

— Ia com as costas voltadas para o povo.

— Levou muito tempo a desaparecer?

— Gastou pouco tempo.

— Estava envolvida nalgum clarão?

— Veio no meio de um resplendor. Desta vez também cegava. De vez em quando tinha de esfregar os olhos.

— Nossa Senhora tornará a aparecer?

— Não faço conta que torne a aparecer, não me disse nada.

— Não tens tenção de voltar à Cova Iria no dia 13?

— Não tenho.

— A Senhora não fará mais milagres? Não curará enfermos?

— Não sei.

— Não lhe fizeste nenhum pedido?

— Eu disse-lhe hoje que tinha vários pedidos a despachar e ela disse que despachava uns, outros não.

— Não disse quando os despachava?

— Não disse.

— Sob que invocação quer que se faça a capela na Cova da Iria?

— Disse hoje que era a Senhora do Rosário.

— Disse que queria que fôsse lá muita gente de tôda parte?

— Não mandou lá ir ninguém.

— Viste os sinais do sol?

— Vi. Vi-o andar a roda.

— Viste também sinais na carrasqueira?

— Quando era a Senhora mais bonita, desta ou das outras vêzes?

— O mesmo.

— Até aonde lhe descia o vestido?

— Até mais baixo que o meio da perna.

— De que côr era o vestido de Nossa Senhora ao pé do sol?

— O manto era azul e o vestido branco.

— E o de Nosso Senhor, o de S. José e o do Menino?

— O de S. José era encarnado e o de Nosso Senhor e o do Menino penso que também eram encarnados.

— Quando perguntaste à Senhora que faria para que o povo acreditasse na sua aparição?

— Perguntei-lhe umas poucas de vêzes; a primeira cuido que foi no mês de julho.

— Quando te disse o segrêdo?

— Parece-me que foi da segunda vez.

Depois de Lúcia foi interrogada Jacinta:

— Além de Nossa Senhora, quem é que viste hoje, quando estavas na Cova da Iria?

— Vi S. José e o Menino Jesus.

— Onde é que os viste?

— Vi-os ao pé do sol.

— Que disse a Senhora?

— Disse que rezassem o têrço todos os dias e que a guerra acabava hoje.

— Disse à Lúcia e a mim. Francisco não ouviu.

— Ouviste-lhe dizer quando vinham os nossos soldados?

— Não ouvi.

— Que mais disse ela?

— Disse que fizéssemos uma capela na Cova da Iria. (Doutra vez Jacinta expressou-se assim: "Disse que fôsse a gente fazer lá uma capela".)

— Ouviste dizer isso a ela ou à Lúcia?

— A ela.

— Donde veio a Senhora?

— Veio do nascente.

— E para onde foi quando desapareceu?

— Foi para o nascente.

— Foi-se embora recuando de frente para o povo?

— Não; voltou as costas.

— Não disse que tornassem a ir à Cova da Iria?

— Tinha dito antes que era a última vez que vinha e hoje disse também que era a última vez.

— A Senhora não disse mais nada?

— Disse hoje que rezasse a gente todos os dias o têrço à Senhora do Rosário.

— Onde é que ela disse que a gente devia rezar o têrço?

— Não disse onde.

— Disse que o fôssemos rezar à igreja?

— Nunca disse isso.

— Onde rezas o têrço com mais gôsto, aqui em tua casa ou na Cova da Iria?

— Na Cova da Iria.

— Por que gostas mais de o rezar lá?

— Por nada.

— Com que dinheiro disse a Senhora que se havia de fazer a capela?

— Disse que fizessem uma capela, não quis saber do dinheiro.

— Olhaste para o sol?

— Olhei.

— Viste os sinais?

— Vi.

— Foi a Senhora quem mandou olhar para o sol?

— Não mandou olhar para o sol.

— Então como pudeste ver os sinais?

— Voltei os olhos para o lado.

— O Menino Jesus estava ao lado direito ou esquerdo de S. José?

— Estava ao lado direito.

— Estava em pé ou ao colo.

— Estava em pé.

— Vias o braço direito de S. José?

— Não via.

— Que altura tinha o Menino? Chegava com a cabeça ao peito de S. José?

— O Menino não chegava à cintura de S. José.

— Quantos anos parecia ter o Menino?

— Era como a Deolinda do José das Neves (criança de um para dois anos).

E finalmente foi inquirido Francisco:

— Desta vez também viste Nossa Senhora?

— Vi.

— Que Senhora era?

— Era a Senhora do Rosário.

— Como estava vestida?

— Estava vestida de branco e tinha o têrço na mão.

— Viste S. José e o Menino?

— Vi.

— Onde os viste?

— Ao lado do sol.

— O Menino estava ao colo de S. José ou ao lado dêle?

— Estava ao lado dêle.

— Era grande ou pequeno?

— Era pequenino.

— Era do tamanho da Deolinda do José das Neves?

— Era.

— Como tinha a Senhora as mãos?

— Tinha as mãos postas.

— Viste-a só na carrasqueira ou também ao pé do sol?

— Vi-a também ao pé do sol.

— Qual era mais claro e brilhante: o sol ou o rosto de Nossa Senhora?

— O rosto da Senhora era mais claro: a Senhora era branca.

— Ouviste o que a Senhora disse?

— Não ouvi nada do que a Senhora disse.

— Quem te disse o segrêdo? Foi a Senhora?

— Não foi; foi a Lúcia.

— Podes dizê-lo?

— Não digo.

— Não o dizes porque tens mêdo da Lúcia. Receias que ela te bata, não é verdade?

— Não.

— Então por que não o dizes? Por que é pecado?

— Se calhar, é pecado dizer o segredo

— O segredo é para bem da tua alma, da alma da Lúcia e da da Jacinta?

— E'.

— E' para bem da alma do sr. Prior?

— Não sei.

— O povo ficava triste se o soubesse?

— Ficava.

— De que lado veio a Senhora?

— Do nascente.

— E quando desapareceu foi também para o mesmo lado?

— Foi para o nascente.

— Ia recuando?

— Ia com as costas voltadas para nós.

— Ia devagar ou depressa?

— Ia devagar.

— Ela caminhava como nós?

— Não caminhava; "ia certinha", não mexia os pés.

— Que parte da Senhora desapareceu primeiro?

— Foi a cabeça.

— Agora viste-a tão bem como das outras vêzes?

— Agora vi-a melhor que o mês passado.

— Quando era mais bonita, agora ou das outras vêzes?

— Tão bonita agora como no mês passado.

★

O segundo interrogatório da Lúcia foi realizado pelo prior de Fátima, na sua residência, no dia 16 de outubro e a vidente relatou-lhe o que se passara na Cova da Iria, do seguinte modo:

— O que é que Vossemecê me quer? — perguntou Lúcia à visão.

— Quero-te dizer que não ofendas mais a Nosso Senhor que está muito ofendido; que rezem o têrço a Nossa Senhora. Façam aqui uma capelinha à Nossa Senhora do Rosário. (Lúcia tem dúvidas se foi assim como fica dito ou se foi: "Façam aqui uma capelinha. Sou a Senhora do Rosário". A guerra acaba ainda hoje, esperem pelos seus militares muito breve."

— Tenho muitos pedidos, se Vossemecê m'os despacha todos ou não?

— Uns despacharei, outros não.

— Já me não quer mais nada?

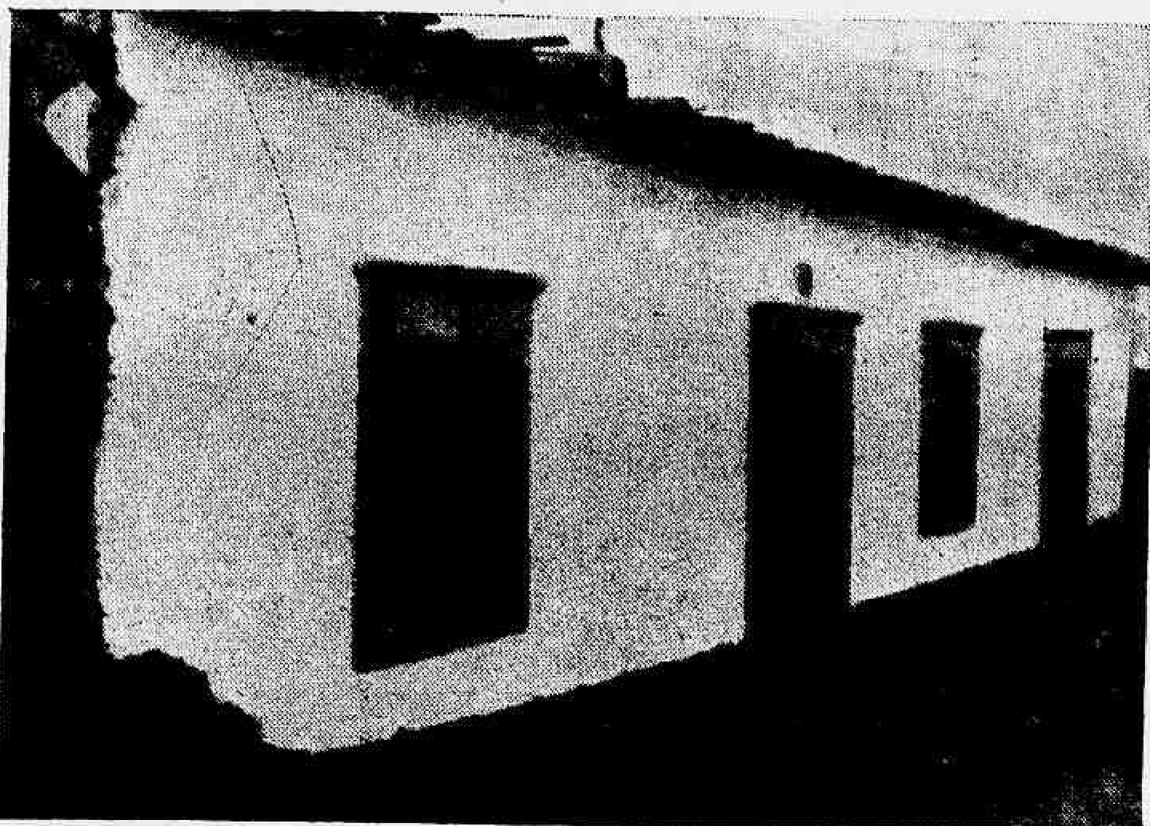
— Já te não quero mais nada.

— Eu também lhe não quero mais nada.

Desaparecida a Senhora, olhou a vidente para o sol e "viu S. José, a meio corpo, vestido de branco, com o Menino Jesus assentado no braço esquerdo. S. José estava à esquerda do sol e abençoava o povo com a mão direita. Pareceu-lhe que fêz três ou quatro cruzes sôbre o povo. O Menino Jesus viu-o a todo o corpo, vestido de encarnado. E viu, ao lado direito do sol, Nossa Senhora, a todo o corpo, vestida de encarnado com um manto azul pela cabeça, brochado ao pescoço e as mãos à cintura com os dedos entrelaçados". "Desapareceu essa visão, diz ela, e ficou tudo amarelo por alguns instantes, e logo viu aparecer Nosso Senhor, a meio corpo, vestido de branco, à direita do sol; e à direita de Nosso Senhor viu Nossa Senhora, a todo o corpo, de pé, vestida de branco, com um manto azul pela cabeça e as mãos sôbre o peito de palmas para dentro, uma ao lado da outra, em posição horizontal". Declarou mais Lúcia que nesse momento também disse ao povo que olhasse para lá — para o sol — que estava lá S. José e depois Nosso Senhor.



ÊSTE E' O LOCAL exato na Cova da Iria, onde N. S. de Fátima apareceu aos três pastores. Milhões de pessoas o tem visitado e continuarão indo vê-lo de perto.



A CASA DOS PAIS de Francisco e Jacinta, os dois pastorinhos. Francisco morreu. Jacinta está num convento. Lúcia também morreu, e seus ossos estão no Santuário.

-cada copo é um prazer maior

porque Brahma Chopp contém o rico sabor do

★ *melhor* **MALTE**
★ *melhor* **LÚPULO**
★ *melhor* **FERMENTO**

Sinta o rico sabor da boa cerveja bebendo Brahma Chopp! Cada copo de Brahma Chopp é um prazer maior porque contém o melhor malte de propriedades revigorantes... o melhor lúpulo de virtudes tônico-aperitivas e o mais puro fermento. Prefira sempre Brahma Chopp.



Beba

BRAHMA CHOPP

Em garrafa ou barril

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A.

Record 1001

O ENCERRAMENTO...

(Cont. da pág. 51)

voltar a vê-la e venerá-la; são lágrimas de saudade transcendente, até à próxima peregrinação; mas, meu Deus!, se esta fôr a última, são adeuses alongados até ao Infinito, até à Eternidade — até à Bem-aventurança. Suprema onde, um dia, voltarão a vê-la, em plena glória, junto do seu divino Filho muito amado.

Adeus! Adeus! Adeus!

★

Recolhidos nos seios, nas algibeiras e nos bolsos os lenços brancos, ainda com a luz celestial das pupilas da Virgem Santíssima que os viu acenarem-lhe, a multidão voltando costas, abala, e a Cova da Iria despeja-se. Trepidam os possantes motores das muitas e enormes camionetas que, num instante, se enchem de gente que retoma os seus lugares reservados; nas bancadas das de carga, transformadas em transporte de passageiros, o povo é sardinha em canastra; e, tal como nos portos de mar, grandes e pequenos vapores, flotilhas de traineiras e de gasolinas, festejam com silvos a entrada do Ano-Novo, assim também guincham as sereias, roncam as buzinas dos inúmeros automóveis que, por entre a multidão compacta, vão abrindo caminho, sem pressa, para não atropelar ninguém. Atulham-se carroças de um cavalo; homens do campo montam nos seus curtos garranos, picam de espora e despedem trevadinhos e lestos; mulheres serranas, de pregueadas saias de muito pano e roda, lenços de côres a encoifar-lhes as cabeças de cabelos negros e os rostos trigueiros com olhos de amora, botonas de bezerro cru, instalam-se, entre alforges raiados e franjados de tintas várias, em cima dos largos albardões, dos seus burros que, com outros muitos, orneiam ao desafio; e, tocando-os com ramalhos de giestas amarelas, lá vão, trotinho miúdo, toque-toque, estrada fora.

Avançam ranchadas de velhotes, êles e elas, atrás de moçoilas descalças, com as cestas vazias dos farnéis comidos, as mantas das noitadas, os guarda-sóis e as chinelas à cabeça — grupos coloridos que enchem a macadame e as valetas com suas aquarelas bilhete-postais. Das janelas dos veículos saem braços que agitam os lenços brancos dos peregrinos saudosos sempre a olharem para trás: não despegam as pupilas religiosas, enquanto enxerguem pincaro ou telha do lugar sagrado do qual se despedem arrastadamente.

★

Retiram-se confiados em que a Virgem, grata às suas visitas, fica a rezar por êles. Os corpos saem sujos e extenuados, mas as almas, Deus louvado, limpinhas e leves. Fátima lavou os peregrinos num banho lustral; sacramentou-os com fortaleza além-humana. Aquela romaria sobrenatural foi um relâmpago de Esperança deslumbrante, um relâmpago de Amor — caridade — momento superiormente belo em que os homens, fraternais, viveram em espírito e em Deus. Chegaram, rezaram, comungaram, abalaram. Viram pronto com os olhos; sentiram fundo com o coração; enxergaram alto com o pensamento; e adeus ao lugar santo que vai viver nêles em estado de recordação piedosa, prestigiada pelo velo da Ausência e da Distância, que tudo avultam; e já no peito de cada um se alenta a cobiça de tornar a vê-lo, pois êste desejo místico, ao invés de outros desejos, é insaciável.

— Pena tenho eu de só lá ir uma vez por ano! — diz uma hortaliceira.

— Quem vai uma vez quer ir sempre — diz um doutor.

★

Os seus móveis velhos adquirem nova vida com óleo de peroba.

Os seus móveis velhos poderão ficar novos se aplicar em sua limpeza óleo de peroba.

FÁTIMA

(Cont. da pág. 39)

as crianças compararam ao relâmpago que precede os trovões, veio perturbar aquela faina virgiliana, suspendendo-os, assustados. Fitam o horizonte, instintivamente, e rondam o céu com os olhos à procura dos sintomas da trovoada. O horizonte, porém, estava livre, e no céu de uma limpidez admirável brilhava o lindo sol primaveril do meio-dia, espargindo ondas de calor sôbre a terra florida.

Não obstante, Lúcia comanda, decidida:

— Já começou a relampejar e é ca-

CASA GARIBALDI

Fundada em 1860

J. P. dos Santos & Cia. Ltda.

VIDROS, ESPELHOS, METAIS NIQUELADOS, CRISTAIS PARA VITRINES.

VIDROS PLANOS EM GERAL

Marca Registrada

RUA ALMIRANTE BALTAZAR, 265 (São Cristóvão)

Tel.: 48-7232 / 28-5024

CAIXA POSTAL, 3747

End. Telegr.: "GARIBALDI"

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.



paz de vir a trovoada. E' melhor irmos embora, para casa.

Jacinta e Francisco concordaram, sem a menor objeção, motivo porque logo se foram às ovelhas, tangendo-as para baixo, em direção ao caminho da aldeia. Quando vinham a chegar ao ponto onde agora se vê a capelinha das aparições, um relâmpago mais forte e prolongado do que o outro tolheu-lhes os movimentos, deixando-os como petrificados. Dão mais alguns passos curtos, e quando olham naturalmente para a direita, em direção às leiras fundas da Cova, deparam com uma senhora de beleza indescritível sôbre a copa de uma azinheira florida que teria quando muito um metro e meio de altura.

A primeira impressão que sentiram foi naturalmente de assombro, assustando-se, num misto de receio e ansiedade. Mas a suave e doce aparição chamou-os maternalmente, dizendo-lhes que não tivessem mêdo, pois não lhes faria mal algum. Recobraram, ato contínuo, a maior serenidade e Lúcia entrou então num diálogo confiado com a Senhora, que lhes disse diversas coisas mandando-os ali voltar no dia 13 de cada mês, até outubro próximo, pois lhes apareceria sempre à mesma hora, ou fôsse ao meio-dia solar.

Os três humildes pastorinhos quedaram-se enlevados, algum tempo, depois de a Senhora desaparecer, invadidos por doce paz paradisíaca e cheia de alegria intraduzível. Desistiram do propósito de recolher a casa, e ali ficaram, serenos e confiados, apascentando o rebanho, até ao fim da tarde, comentando, maravilhados, a beleza singular daquela Senhora feita de luz e procurando interpretar o sentido das palavras que lhe ouviram. Quando chegou a hora de regressar à aldeia, combinaram manter segrêdo firme daquele acontecimento, guardando-o para êles como um tesouro precioso. Caminho fora, tangendo as ovelhas fartas, sob a poalha dourada do sol, a desfazer-se em sangue no poente, trocavam as últimas opiniões sôbre o caso, separando-se à porta da casa de Jacinta, com o compromisso solene de que nem às próprias mães haviam de revelar o sucedido.

O sr. Marto havia ido, naquele dia, com a sua companheira, à feira da Batalha, comprar uma marràzita para engorda, e não tinham chegado ainda quando Jacinta e Francisco regressaram à casa paterna. Por ali ficaram as duas crianças entretendo-se, sendo visível a inquietação de Jacinta pela ausência da mãe. Pouco teve de esperar, pois a breve trecho apareciam os pais na dobra do caminho, a sra. Olímpia à frente, guiando a marcha, o sr. Marto um pouco atrás, tangendo a reca.

Jacinta foi, a correr, num alvorôço estranho, ao encontro da mãe; e, agarrando-se-lhe às pernas, num jeito que até aí nunca tivera, sem dizer qualquer outra palavra, desabafou logo, entusiasmada:

— Ó mãe! Eu vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria!

— Credo, filha! Estás uma boa santinha para veres Nossa Senhora, respondeu-lhe a sra. Olímpia, sem abrandar o passo fatigado.

A pequena ficou triste e envergonhada, seguindo a mãe, agarrada às suas saias, e insistiu, com a maior firmeza:

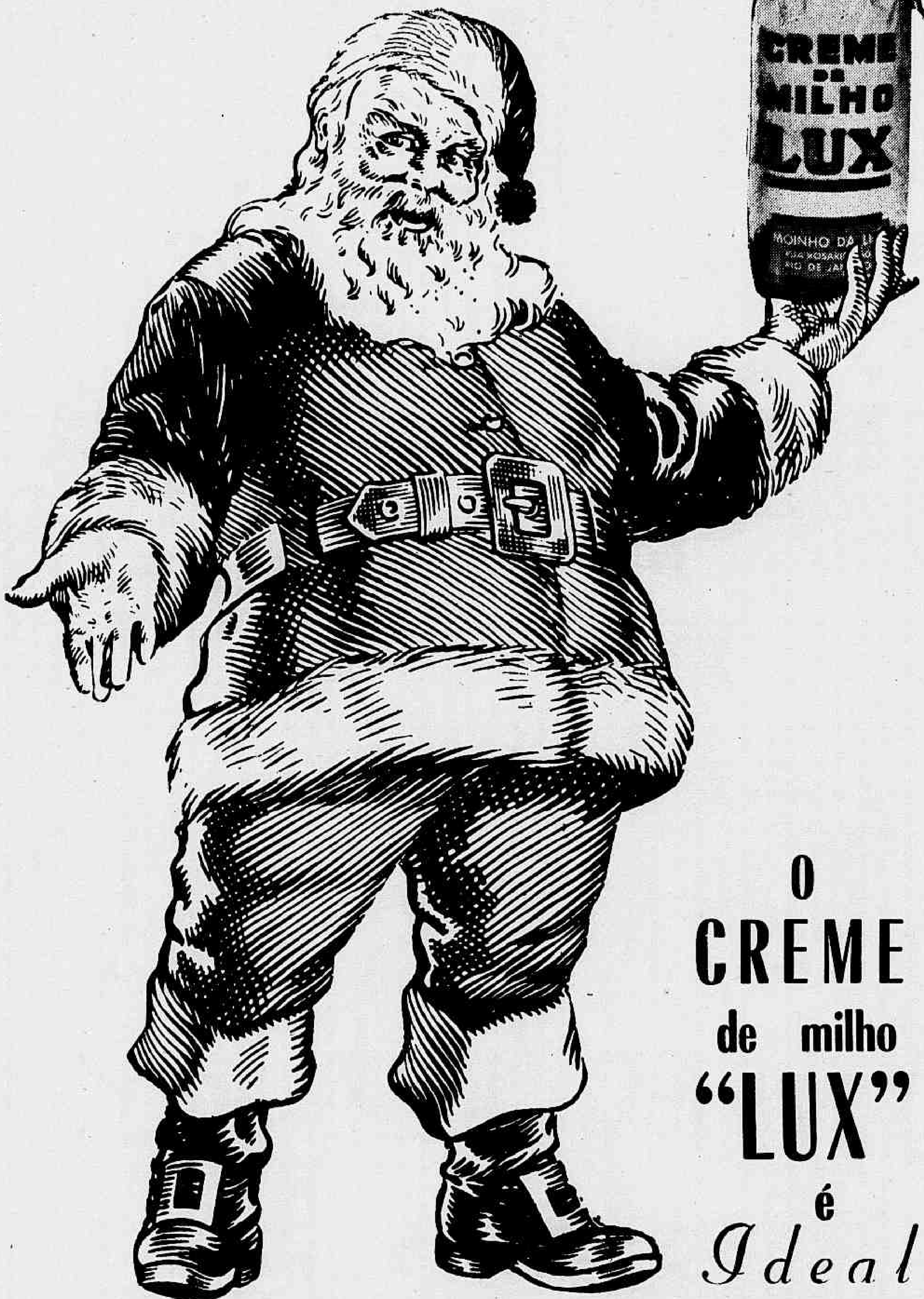
— Mas eu vi-A, minha mãe!

A sra. Olímpia fêz-se ouvidos e a Jacinta contou-lhe tudo quanto se havia passado, pôsto que a mãe não ligasse importância, lá na sua, ao que a filha ia dizendo, e terminasse por desiludir:

— És bem doidinha, rapariga. Nem que Nossa Senhora te fôsse aparecer a ti!

Neste pé entraram em casa, indo a sra. Olímpia arranjar comida para a cria, enquanto o sr. Marto, no curral, procurava familiarizar o novo hóspede com os outros bichos da casa. Depois de pensar o gado, recolheu o sr. Marto à cozinha, indo sentar-se à lareira, na companhia de seu cunhado António

(Cont. na pág. 78)



A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quirtino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE ....

ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Respostas ao teste

1—Africa
2—Do I latino
3—Um incêndio
4—Marte
5—Índico
6—Biologia
7—Ao Imperador Constantinno (ano 321)
8—Suiça
9—Himenóptero
10—Aos gregos
11—Itiologia
12—Não se sabe
13—1812
14—O corvo
15—Inglaterra



Quanto mais velhos forem os seus móveis mais bonitos se tornarão com óleo de peroba.



O sr. Euvaldo Lodi, presidente da Conf. Nacional da Indústria, estêve presente à seleção final dos candidatos, tendo feito a entrega dos prêmios aos vencedores.

O CONCURSO DE ROBUSTEZ



Um dos candidatos do Centro Social de Caxias.

O Serviço Social da Indústria, a exemplo dos anos anteriores, participando das comemorações da «Semana da Criança», promoveu um Concurso de Robustez Infantil, que se iniciou com o selecionamento de 250 crianças nos centros de Campos, São Gonçalo, Caxias, Petrópolis, Friburgo, Bonsucesso, São Cristóvão e Vicente de Carvalho.

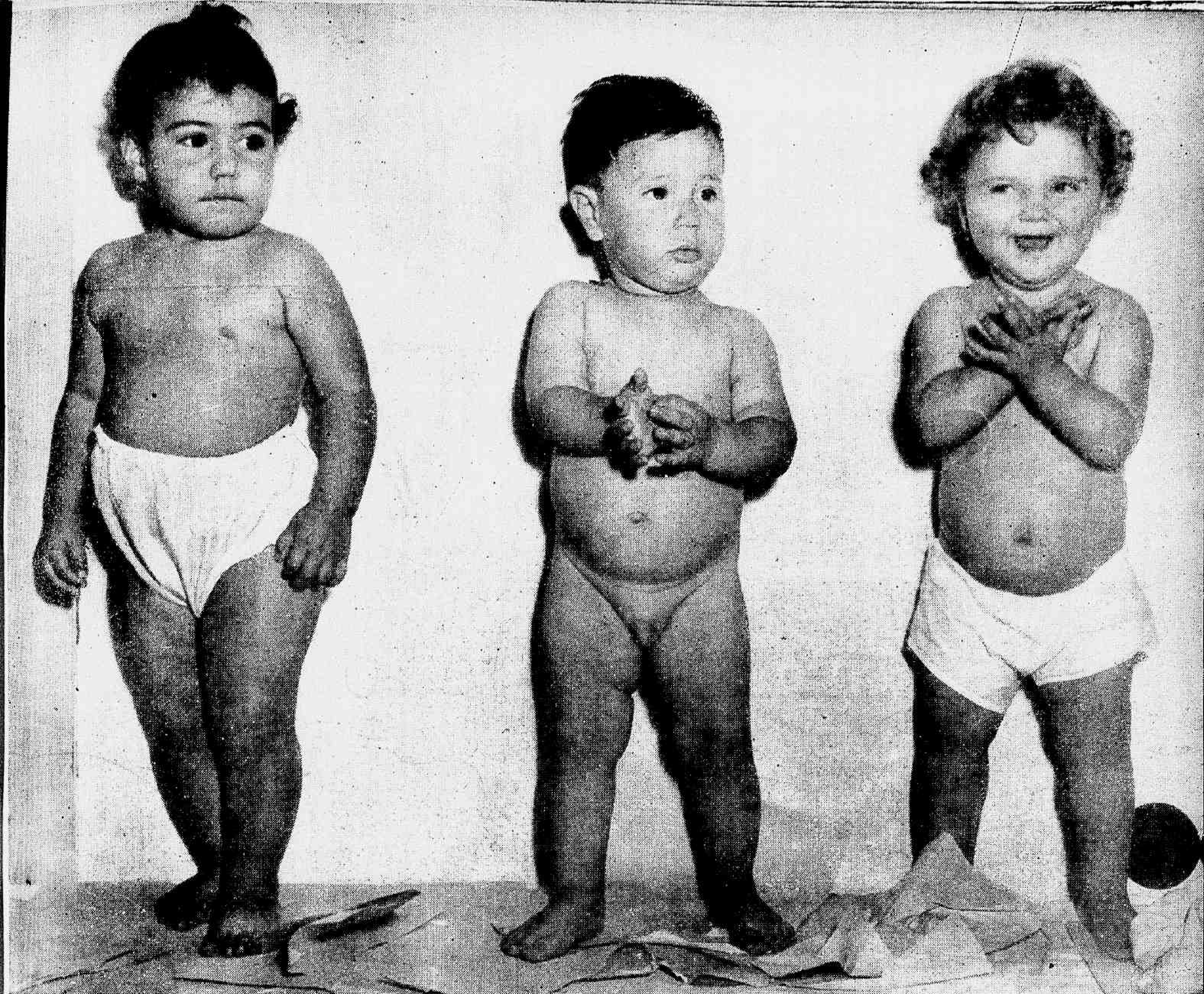
Dos selecionamentos semi-finais realizados naqueles centros, 30 crianças foram escolhidos para disputar os títulos máximos de robustez das três séries de: 0 meses a seis meses, de seis a doze meses e de um a dois anos.

OS CAMPEÕES

A seleção final teve lugar na séde da Confederação Nacional da Indústria, à rua Santa Luzia, e contou com a presença de centenas de famílias operárias, industriais, médicos, educadoras, dirigentes daquela Confederação e o seu presidente, sr. Euvaldo Lodi.

Foram classificados como campeões, depois de cuidadoso trabalho de seleção dos médicos do SESI, os seguintes meninos: Walter Ferreira Carvalho, Reginaldo Alves Dantas e Maria Bernardes.

Walter, filho do sr. João Ferreira Santos e de d. Ana Carvalho Santos, pesando 12 quilos e 300 gramas, tendo sido assistido pelo centro de Vicente de Carvalho, foi o vencedor da série de um a dois anos. O menino Reginaldo, filho do sr. Cristóvão do Rêgo Barros e d. Maria José Alves, assistido pelo centro de São Cristóvão, ganhou o concurso da série de seis a doze meses. Finalmente, a menina Maria Bernardes, com quatro meses e 14 dias, filha do sr. Joaquim Augusto Bernardes e d. Adelaide Wendling Bernardes, matriculada no Centro Social de Petrópolis, sagrou-se vencedora da série de zero a seis meses.



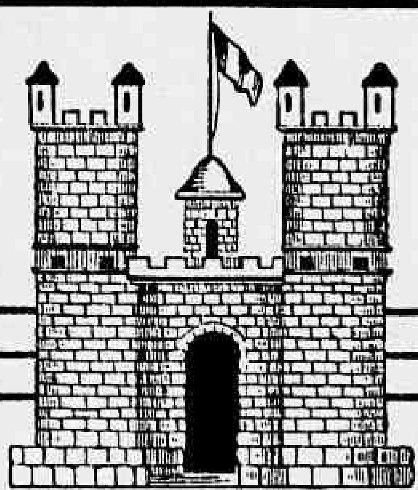
Estão «vendendo saúde» êsses 3 candidatos do Centro Social de Vicente de Carvalho. O do meio é o menino Walter F. Carvalho, 1º colocado da série de 1 a 2 anos.

INFANTIL PROMOVIDO PELO SESI





Os candidatos à final, selecionados pelo Centro da cidade de Nova Friburgo e a junta médica quando procedia ao selecionamento final dos candidatos.



GRANDE MAGAZIN

O CASTELO DO RIO

A casa das boas roupas
Alfaiataria e Camisaria de 1.ª ordem
Roupas esportes em grande variedade

ARTIGOS FINOS

R. URUGUAIANA, 1 a 3 e CARIOCA, 2 a 4
TEL. 22-3150

Mantenha os seus móveis bem lustrosos aplicando, com uma flanela, óleo de peroba.

★

FÁTIMA

(Cont. da pág. 75)

da Silva, e rodeado pelo bando álacre de seus filhos. De tijela na mão, o chefe da família iniciava a ceia bem merecida, exausto da longa caminhada, quando a sra. Olímpia, vindo fazer-lhe companhia, depois de dadas as suas voltas, rompeu assim para a Jacinta:

— Ó Jacinta! Anda, conta lá como foi isso da Nossa Senhora na Cova da Iria.

A paquenita fêz, então, com desembaraço e firmeza, o relato minucioso dos maravilhosos acontecimentos daquela tarde, que o Francisco confirmou plenamente, enquanto os irmãos entravam de troçar com êles e a mãe concluiu descrente e disciplinar:

— És uma boa santinha para Nossa Senhora te aparecer!

A maior parte dog rupo, composta pelas filhas mais velhas, o pai e o António da Silva, conservara-se, porém, silenciosa e atenta, durante o relato da Jacinta, e o cunhado do sr. Marto acabou por intervir:

— Se êles viram uma mulher vestida de branco, quem poderia ser senão Nossa Senhora?

O sr. Marto, homem sério e presidente austero daquela assembléia doméstica, ficara-se calado, como agora nos explica, meditando no que ouvia. Mas logo lhe dera uma pancada no coração, ficando certo de que as crianças diziam a verdade. E todos se foram deitar impressionados com o caso.

No outro dia, manhã cedo, já a sra. Olímpia anda a contar, no soalheiro da vizinhança, entre as amigas mais íntimas, as confidências da filha, a ver se alguém lhe dava novas do sucesso. Trabalhou imediatamente o **telwoman**, como dizem os inglêses, e a nova da sra. Olímpia chegava, em poucos minutos, aos ouvidos da família da Lúcia... Foi a irmã mais velha da vidente, a Maria dos Anjos, quem primeiro chamou Lúcia à pedra:

— Ouvi dizer que tendes visto Nossa Senhora na Cova da Iria! E' verdade?

— Quem disse?

— Ouvi dizer pelas vizinhas que a tia Olímpia lhes contara como a Jacinta se saíra com estas coisas.

— E tanto eu lhe pedi que não dissesse nada a ninguém!

A instâncias da irmã mais velha, Lúcia acabou por também contar tudo, divulgando-se o segrêdo, à bôca cheia, no lugar, e passando, em poucos dias, às aldeias circunvizinhas.

No dia 13 de junho seguinte as três crianças lá foram conforme o compromisso tomado com a aparição, postar-se junto da azinheira da Cova da Iria, à hora do meio-dia solar, já rodeadas de umas 50 pessoas curiosas do lugar e das redondezas, as quais regressaram convencidas de que as crianças falavam verdade, motivo porque a notícia correu célere, transpondo as fronteiras do conselho e atraindo ao local das aparições, no dia 13 de julho seguinte, multidão calculada entre quatro a cinco mil pessoas, vindas de léguas e léguas de distância.

Foi nessa altura que o caso, assumindo proporções sensacionais, provocou a notícia de "O Século", a primeira sôbre o acontecimento. Ao mesmo tempo que os grandes órgãos da imprensa tomavam contá do assunto explorando-o jornalìsticamente, o país voltava para Fátima os olhos curiosos e as autoridades locais começavam a preocupar-se com o aspecto grandioso das multidões que se dirigiam para a Cova da Iria, rezando e cantando em coros assombrosos. Mas só em agôsto, com a intervenção pessoal do Administrador do Conselho de Vila Nova de Ourém, e o início da violenta campanha de "O Mundo", o caso passou à categoria dos grandes acontecimentos nacionais, provocando as maiores reações, tanto nos setores da impiedade como no campo católico.

UM BALLET . . .

(*Cont. da pág 14*)

pa e emergem novamente diante da estupefação dos que assistem ao espetáculo inédito.

Lottie Mayer, que organizou êsse Ballet Aquático em 1907, já teve oportunidade de fazer um giro pelo mundo com as suas espantosas garôtas. Nada menos de mil e cem dessas "girls" já desempenharam seus papéis em tais "shows" desde seu aparecimento. As estreantes são pagos 75 dólares por semana e suas idades regulam de 17 a 22 anos.

A mais espantosa façanha do grupo é o número de acrobacias sôbre tão pequenino espaço de água. Não há quem não sinta escapar a respiração quando as moças fazem proezas incríveis naquele tanque tão pequeno para tanta acrobacia.

Elas mergulham e voltam a emergir com as roupas mudadas em quinze segundos, fazendo tais milagres sob aquêle pequeno lençol d'água. São verdadeiras Nereidas a mergulhar n'água, tôdas alegres, risonhas, como se já houvessem nascido ali e fôssem mulheres-sereias ou serias-mulheres para o fascinio de multidões que as aplaudem. Especialmente os homens, é claro...

★

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do óleo de peroba.

SABÃO RUSSO







Em 3 tamanhos

Líquido, sólido e bastões para barba

Limpos os póros com a antisetica espuma do supremo SABÃO RUSSO, a cutis se conserva sã, fina e com o aspecto juvenil.

Êste sabão puro cientificamente preparado com escolhidas substâncias medicinais as mais afamadas, é a base do tratamento da pele.

SABÃO RUSSO desde 1830 ao serviço da higiene, saúde e beleza.



Existencialista? Não: Apenas... «extravagan cialistas», o que vem a ser muito diferente.

ST. GERMAIN-DES-PRÉS E A FILOSOFIA EXISTENCIALISTA

Texto de CARLOS CUNHA  Fotos de CLAUDE DRIVAUX

NA terrasse do "Mabillon", dois jovens provocaram um conflito. Houve cadeiradas, algumas garrafas e copos partidos. Na confusão do momento, alguém exclamou: São os existencialistas! Agora, em Paris, está na moda atribuir tudo o que é escandaloso aos existencialistas.

Que fauna é esta, colorida e movimentada, a dêstes rapazes e moças, quase crianças, que pululam pelos arredores da venerável igreja de St. Germain-des-Prés? Não são existencialistas — afirma-nos um garçon do "Café de Flore" — mas sim "extravagancialistas". O termo "extravagancialista" revela o bom senso do homem do povo francês, pois êste garçon parece conhecê-los muito bem.

Olhos esbugalhados, cabelos revoltos, roupas em desalinho, os existencialistas ou, antes, os "extravagancialistas", são os descendentes diretos daqueles outros boêmios que, há 600 anos, palmilhavam estas mesmas calçadas. Na Idade Média, formavam êles um bando alegre de atores-amadores, chamados os "enfants sans souci" ou "sots de Paris". Sua alegria ruidosa esparramava-se pelas estreitas vielas da antiga capital, escandalizando e irritando os pacatos burguezes de outrora, tal como o fazem hoje os inquietos rapazes de St. Germain-des-Prés.

Foi por amor ao escândalo, por gôsto do escândalo a todo preço, que há tempos um grupo atrevido invadiu a catedral de Norte Dame e um de seus componentes, disfarçado de monge, subiu ao púlpito e pronunciou um sermão sacrílego.

Foi sob a influência de um espírito mórbido de crime, espírito tão semelhante ao da época de Verlaine e Rimbaud, que se desenvolveu o recente caso dêsses três jovens, os "I-3", que culminou com o assassinato de um dêles pelo seu melhor amigo. A tragédia



Amanhecer no «Tabou».



— «Somos nós os verdadeiros revolucionários!»

deu lugar a um processo de grande repercussão em Paris, provocando na imprensa os mais apaixonados debates, onde se procurou pesquisar os fatôres de tão estranho crime. E' evidente que a responsabilidade recai sôbre a atmosfera "mal de século" dos meios existencialistas. Os modernos "enfants sans souci" não são tão despreocupados como parecem à primeira vista. Sua alegria é mesclada de angústia, lassidão, desencanto. Os participantes do "affaire J-3" eram jovens pertencentes a melhor sociedade, letrados, possuidores de vasta cultura.

Salvo êsse caso único, a mocidade de St. Germain-des-Prés merece antes o qualificativo de insuportável do que perigosa, em que pese a opinião desfavorável do jornal "France Dimanche". Que mal há em que a mocidade se divirta? — dizem os defensores da eterna boemia. De Murger a Jacques Prévert, os boêmios sempre foram o que são. Não será, ao contrário, uma prova de vitalidade esta efervescência constante da juventude, que considera a passividade, o conformismo como um sintoma de decadência? Indiferentes aos ataques como aos elogios, os jovens existencialistas acorrem ás "caves" noturnas onde cantam, gritam e dansam o "be-bop", essa dança semi-acrobática que lembra os números dos pulitiqueiros e saltimbancos medievais. A desenvoltura dos gestos assume um caráter obceno, a alegria se transforma aos poucos em desbragada orgía.

A imprensa deu notícia do recente incidente ocorrido entre os moradores comunistas da rua Dauphine e os existencialistas do "Tabou", cuja visinhança turbulenta perturbava o sono dos primeiros.

— "Parem com essa algazarra, seus vagabundos!" — vociferavam os adeptos de Marx, no que eram respondidos aos gritos de "Escravos assalariados! Vendidos a Moscou!" e aos brados de "Somos nós, os verdadeiros revolucionários!"

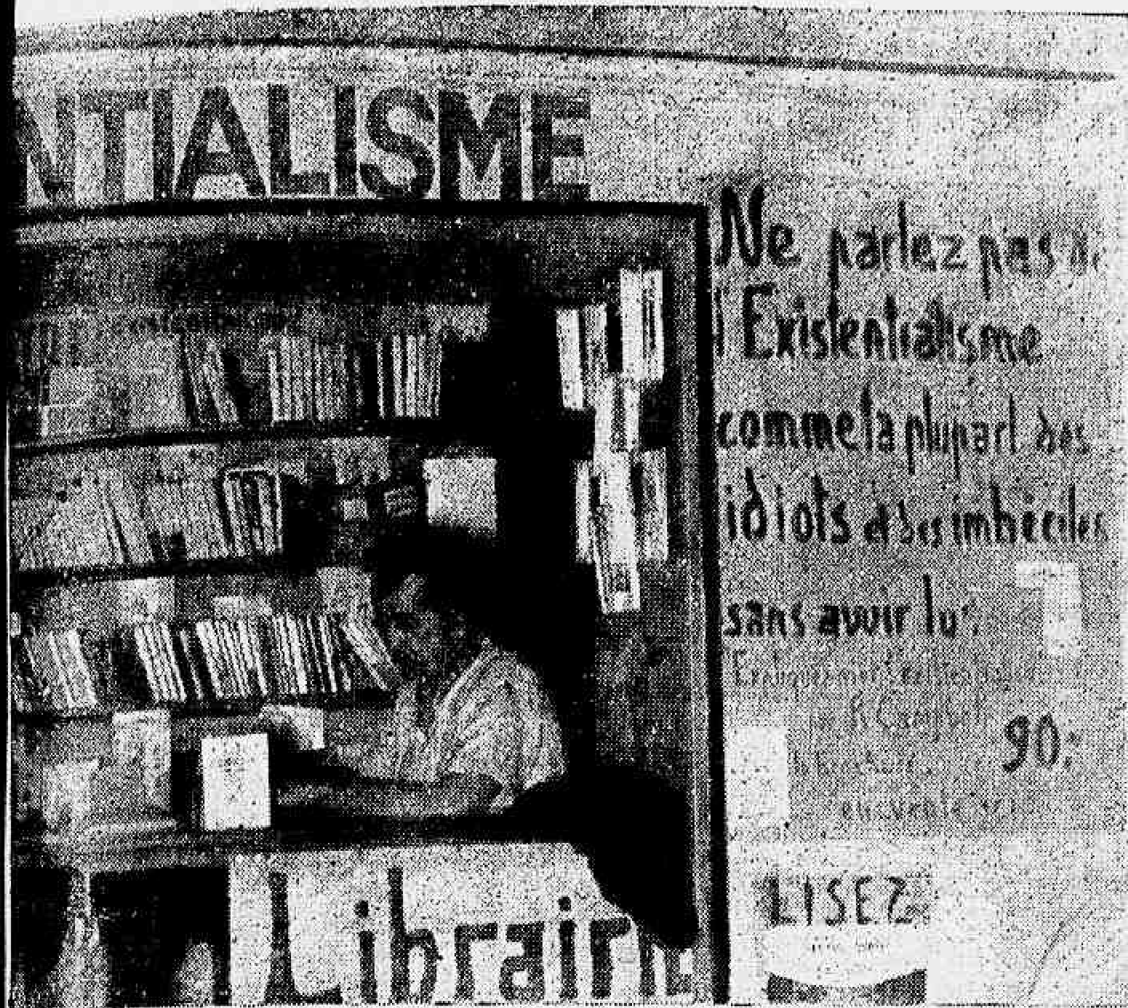
Exaltando-se os ânimos, chegaram os contendores ás vias de fato, tendo os existencialistas apedrejado as janelas donde lhes jogavam sôbre as cabeças, o conteúdo de alguns "pots-de-chambre". A polícia interveiu e, reconhecendo que desta vez os comunistas tinham defendido a causa da paz na rua Dauphine, resolveu fechar o "Tabou". **Liquidado o Q. G. do existencialismo, a atividade de seus rivais, o "Rose Rouge" e o "Vieux Colombier", redobrou de intensidade.**

E' lá, agora, que são celebradas as missas negras do pessimismo, por êsses fiéis d'uma nova religião que um filósofo, sem o saber, criou para êles, religião que se revela tanto mais sedutora quanto menos compreensível para seus adeptos.

Pois que há, afinal de comum entre os "extravagancialistas" e o existencialismo de Sartre?

— A filosofia do "Ser e o Nada" — a obra principal de Sartre — é um sistema que rejeita a idéia do absoluto. Assim o explica uma brochura vendida a 90 francos no Club St. Germain. Vamos tentar resumí-la didaticamente:

Em termos filosóficos, todo objeto tem uma essência e uma existência. Uma essência, quer dizer, um conjunto constante de propriedades; uma existência, isto é, uma certa presença efetiva no mundo. Muitas pessoas acreditam que a essência vem primeiro e a existencia depois: que as ervilhas, por exemplo, nascem e assumem a forma esférica de conformidade com a idéia de ervilha, e que os pepinos são pepinos porque participam da essência do pepino. Esta idéia tem sua origem no pensamento religioso; pois, quem pretende fazer uma casa deve saber antes de tudo que espécie de objeto vai criar: a essência precede a existência, e tôdas as pessoas, que acreditam que Deus criou os homens, têm de admitir que Êle os fêz segundo a idéia que Êle tinha dos homens. Mas mesmo os sem fé mantiveram esta opinião tradicional, de que o objeto só pode existir de conformidade com sua essência, e todo o século XVIII acredito que havia uma essência, comum a todos os homens, que se chamava "natureza humana". O existencialismo, ao contrário, afirma que, em se tratando do homem — e só do homem — a existência precede a essência. Isto significa simplesmente que o homem primeiro *é* e que só depois é isto ou aquilo. Numa palavra, o homem deve criar a sua própria essência. E' participando do mundo, lutando e sofrendo, que êle se define pouco a pouco e sua definição permanece sempre em jôgo; ninguém poderá dizer o que é *êste* homem antes de sua morte, nem o que é a humanidade antes de seu desaparecimento. Recapitulando: O existencialismo diz que a existência faz a essência. A personalidade humana não é determinada nem por Deus, nem pela história, nem pela natureza... E' uma doutrina individualista da liberdade. **Entretanto, essa liberdade terá de ser conquistada e a personalidade humana se afirmará pela**



A livraria sartrista do **Club St. Germain. (Sartre renega os «existencialistas» mas tira partido dêles...)**

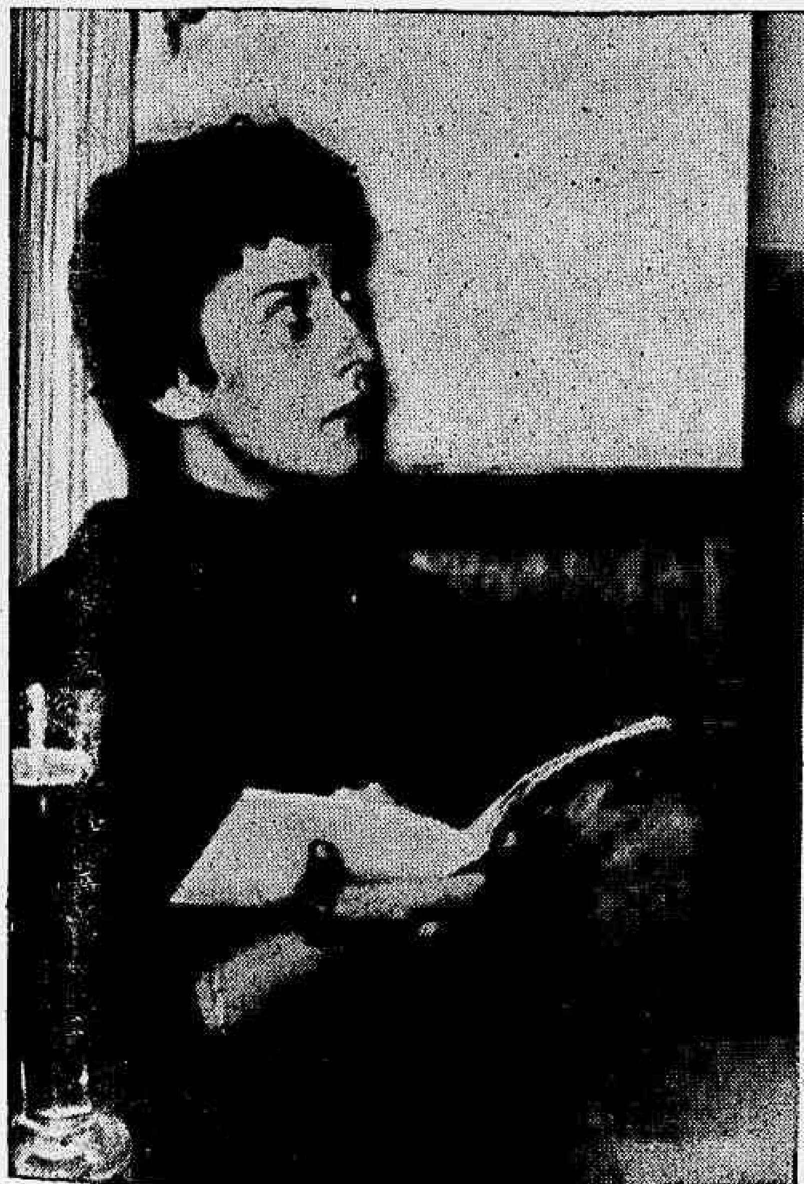


Há muito coisa interessante entre êsses jovens, que não é absolutamente tapeação.

ação: será construida por si mesma. "Faire et en faisant se faire et n'être rien que ce qu'il se fait", declara Sartre. Seu racionalismo ateu não nega a natureza, a história, a sociedade. São fatôres que se condicionam à personalidade, porém não o determinam. Assim, a filosofia da liberdade é, ao mesmo tempo, a filosofia da ação, a epopéia do esfôrço. História, natureza, sociedade constituem um laboratório, onde ou contra o qual o indivíduo se afirma. E' o que Sartre chama "a outra coisa", uma "outra coisa" esmagadora e hostil. O existencialismo é uma teoria pessimista, mas de um pessimismo viril e austero. A personalidade humana, em face do mundo, é rodeada de um oceano de solidão e só pode contar consigo mesma. Por seu rigor racionalista, por sua idéia da ação que liberta, o existencialismo é um sistema filosófico moderno, que exprime o momento histórico presente e como tal se projeta no futuro.

Agora, — dirá o leitor — que relação tem tudo isso com a mocidade de St. Germain des-Prés? E' o que nos perguntamos a nós mesmos. O pessimismo do "Ser e o Nada", reduzido à prática, deu nestas atitudes enfastiadas, nestes ares de angústias e nestas explosões de cólera dêstes jovens sem ocupação, que compreendem a liberdade como uma displicência cúmplice de todos os baixos instintos. Não se pode incriminar Sartre, assim como Nietzsche não deve ser responsabilizado pelo hitlerismo. D'outra parte, não devemos exagerar. Há certamente muita coisa interessante entre êstes rapazes que não é absolutamente tapeação, tapeação da moda ou do snobismo de exportação americana, onde se perde o natural e o bom gôsto francês. Haja o desconto dos espertos traficantes, dos aproveitadores estranhos à sinceridade da maioria dos jovens, pois entre os "extravagancialistas" convem distinguir os "verdadeiros" dos "falsos". Façamos portanto, redução dêstes últimos e tomemos em consideração os elementos sinceros. Insistimos já sôbre o caráter tradicional dêstes "puros" entre os "extravagancialistas"; sua relação com a Vida de Boemia e com a Idade Média que deixou, por tôda parte, nesta Paris que celebra seus dois mil anos, traços indeléveis.

O tradicionalismo faz o sabor e a sedução das mentalidades que povoam o bairro que Leon-Paul Fargue, tão a propósito, chamou "St. Germain-des-Prés, mon village". Mas aqui também se acentua a diferença entre o "extravagancialismo" e a filosofia existencialista. Ora, esta última, como temos dito, é por excelência moderna e, relegando o passado, ela se projeta no futuro ao qual é impossível dar um nome.



Um pensamento, um **livro e um «chopp» duplo.**



De Murger a Jacques Prévert, os boêmios sempre foram o que são.



Bény, desenhista jovem, pouco se preocupa com os problemas da Essência e da Existência.

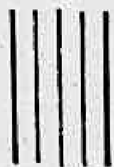


DR. JOÃO BORGES FILHO — Regressou, de avião, de sua viagem ao Chile e Peru, convidado que foi pelas entidades turfistas daquêles países amigos para assistir aos clássicos realizados, respectivamente, em Valparaizo e Lima, o dr. João Borges Filho. O presidente do Jockey Club Brasileiro neste seu regresso veio pela Amazônia, cujas capitais visitou, e assistiu em Fortaleza à prova que em sua homenagem foi corrida no prado local. O sr. João Borges Filho, que se fêz acompanhar de sua espôsa e filho, teve desembarque, no Aéroporto Santos Dumont, bastante concorrido.

MADEIRAS E MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

TACOS DE 1. QUALIDADE COLOCAÇÃO ESMERADA

ALBINO MESQUITA & CIA.



Rua D. Manoel, 22 e 26
Telefone: 42-1427
RIO DE JANEIRO

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇAO AMPLIADA



Com a nova dança «Baião», Samba liso e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também, nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo

O PREÇO DESTA REVISTA É O QUE ESTA MARCADO NA CAPA. OS AGENTES RECEBEM COM DESCONTO PARA QUE O PREÇO SEJA RESPEITADO.

O GRANDE ANO. . .

(Cont. da pág. 33)

qual perdera no Grande Prêmio Brasil. Não podemos esquecer a jornada também brilhante do mencionado Pontet Canet, que estreou levantando fàcilmente um "handicap" especial de 2.200 metros na pista de areia, para, a seguir, laurear-se no Grande Prêmio Brasil, vindo, mais tarde, a perder para Tiroleza. A formosa campanha do potro Prosper, que, tendo vencido o Criterium masculino, confirmou a galharda credencial de melhor produto de sua geração ao ganhar o Grande Criterium, quando se verifica a reunião dos dois sexos. O importado Tevere foi outro elemente de superior atuação na Gávea, conseguindo três triunfos consecutivos, no último dos quais quebrou o "record" dos 2.400 metros, baixando a marca para 146''. A anterior pertencia a Tiroleza, com 146 1/5.

Como centro de atividade social, o Hipódromo Brasileiro continuou a manter a supremacia. Grandes personalidades nacionais e estrangeiras ali receberam a tradicional homenagem do Jockey Club, verdadeiro intérprete da fidalguia e da hospitalidade brasileiras. As "pelouses" e tribunas do prado da Gávea foram palco de inesquecíveis paradas de elegância e beleza, onde pontificaram o bom gôsto e a graça inconfundível do elemento feminino, que elegeu o Hipódromo como o ambiente mundano das suas predileções. E a Noite de Saint Cloud — a maior festa noturna que o Rio já assistiu — realizada em homenagem ao Pai da Aviação, o imortal brasileiro Santos Dumont, constituiu o ponto alto dos movimentos sociais da metrópole, em 1951, que foi, sem dúvida, um grande ano turfista, o maior ano turfista na história do hipismo em nossa terra.

HERODÍADE

(Cont. da pág. 63)

primi-lo. Não havia pressa, segundo o tetrarca. Iackanann perigoso! Ora esta! Fingiu rir.

— Cala-te!

E contou novamente a sua humilhação, um dia em que seguia para Galaad, para a colheita de bálsamo.

— À beira do rio, homens se vestiam. Sôbre um montículo, ao lado, um homem falava. Tinha uma pele de camelo em tôrno dos rins e a sua cabeça parecia-se à de um leão. Logo que me percebeu, vomitou sôbre mim tôdas as maldições dos profetas. As suas pupilas flamejavam; a sua voz rugia; levantava os braços, como para atrair a tempestade. Impossível fugir! As rodas do meu carro tinham areia até nos eixos; e eu me afastava lentamente, abrigada sob o manto, gelada por essas injúrias que caíam como chuva de tempestade.

Iaokanann a impedia de viver. Quando o prenderam e ligaram com cordas, os soldados tinham ordem de apunhalá-lo, se resistisse: êle se mostrara dócil. Haviam colocado serpentes na sua prisão: as serpentes tinham morrido.

A inanidade dos seus ardis exasperavam Herodíade. Aliás, por que a guerra contra ela? Que interêsse o levava isso? Os seus discursos, gritados para as multidões, se tinham espalhado, circulavam; ela os ouvia por tôda parte, enchiam o ar. Contra legiões teria tido bravura. Mas esta fôrça mais perniciosa do que os gládios, que não se podia agarrar, era estupefaciente. E Herodíade percorria o terraço, trêmula de cólera, sem palavras para exprimir o que a abafava.

Imaginava também que o tetrarca, cedendo à opinião pública, talvez decidisse repudiá-la. Então tudo estaria perdido! Desde a infância nutria o sonho de um grande império. Para atingir êsse fim abandonara o seu primeiro espôso e se reunira a êste, que — pensava — a havia enganado.

— Fiz um bom negócio, entrando na tua família!

— A minha família vale a tua! — disse simplesmente o tetrarca.

Herodíade sentiu ferver nas veias o sangue dos sacerdotes e dos reis seus ancestrais.

— Mas o teu avô era varredor do templo de Ascalon! Os outros eram pastores, bandidos, condutores de caravanas, uma horda, tributária de Judá desde o rei David! Todos os meus ancestrais castigaram os teus! O primeiro dos macabeus os expulsou do Hebron Hyrcan vos forçou à circuncisão!

E, dando voz ao desprêzo da patrícia pelo plebeu, o ódio de Jacob contra Edom, reprovou-lhe a sua indiferença aos ultrajes, a sua falta de energia aos fariseus que o traíam, a sua pusilanimidade para com aquêles que a detestavam.

— És como êle, confessa! E tens saudade da moça árabe que dança em tôrno das pedras. Toma-a novamente! Vai viver com ela, na sua casa de telha! Devora o seu pão cozido na cinza! Engole o leite coalhado das ovelhas! Beija as suas faces azuis! E esquece-me!

O tetrarca não escutava mais. Olhava a plataforma de uma casa, onde uma moça e uma velha se encontravam sob um parassol com um caniço comprido como o de um pescador. No meio do tapête, um grande saco de viagem estava aberto. Cinturões, véus, artigos de ourivesaria dêle saíam, confusamente. A moça, por intervalos, se inclinava para essas coisas e as sacudia no ar. Estava vestida como as romanas, com uma túnica frisada com um peplo, enfeitado de esmeraldas; e correias azuis continham a sua cabeleira, muito pesada, sem dúvida, pois de vez em quando a segurava com a mão. A sombra do parassol passeava acima dela, escondendo-a a meio. Antipas, duas ou três vêzes percebeu-lhe o colo delicado, o ângulo de um dos olhos, o canto da pequena bôca. Mas via, das ancas até à nuca, todo o seu corpo que se inclinava para se levantar de maneira elástica. Espiava a renovação dêsse movimento e a sua respiração se tornou mais forte; chamas brilhavam-lhe nos olhos. Herodíades o observava.

— Quem é?

Ela respondeu que nada sabia e se foi, sùbitamente apaziguada.

O tetrarca era esperado, sob os pórticos, por galileus, o mestre das escrituras, o chefe dos rebanhos, o administrador das salinas e um judeu da Babilônia, que comandava os seus cavaleiros. Todos o saudaram, numa aclamação. Depois, desapareceu em direção dos alojamentos interiores.

Phanuel surgiu no ângulo de um corredor.

— Ainda? Vens ver Iaokanann, sem dúvida?

E, sem deixar Antigas, penetrou atrás dêle, num apartamento escuro.

A luz entrava por uma grade que rodeava a parede, sob a cornija. As paredes estavam pintadas em côr escarlate, quase preta. No fundo havia um leito de ébano, com enfeites de pele de boi. Um escudo de ouro, no alto, luzia como um sol.

Antipas atravessou tôda a sala e deitou-se no leito.

★

Se os seus móveis são novos, aplique óleo de peroba para conservá-los se são velhos aplique óleo de peroba para renová-los.

Phanuel estava de pé. Levantou o braço e, numa atitude inspirada, disse:

— O Todo-Poderoso envia, uma ou outra vez, um dos seus filhos. Iokanann é um dêsses. Se o oprimes, serás castigado.

— Êle é quem me persegue! — disse Antipas — Quis de mim uma ação impossível. Desde êsse tempo, êle me despedaça. E eu não fui rude, no comêço! Chegou mesmo a mandar, de Machaerus, homens que ateiam a revolta nas minhas províncias. Já que me ataca, eu me defendo!

— As suas cóleras têm muita violência — replicou Phanuel — Não importa! E' necessário libertá-lo!

— Não se soltam animais furiosos! — disse o tetrarca.

Respondeu o essênio:

— Não te inquietes mais! Visitará os árabes, os gauleses, os citas. A sua obra deve estender-se até ao fim da terra!

Antipas parecia estar perdido numa visão.

— O seu poder é grande... A despeito de mim mesmo, eu o amo.

— Então, que seja libertado!

O tetrarca balançou a cabeça. Temia Herodíade, Mannaei e o desconhecido.

Phanuel procurou persuadi-lo, alegando, para garantia dos seus projetos, a submissão dos essênios aos reis. Respeitavam-se êsses homens pobres, indomáveis pelos suplícios, vestidos de linho, que liam o futuro nas estrêlas.

Antipas lembrou-se de uma palavra sua, havia pouco.

— Que era que me anunciavas como importante?

Surgiu um negro. O seu corpo estava branco de poeira. Ofegava e só pôde dizer:

— Vitelius!

— Como? Está chegando?

— Eu o vi. Antes de três horas estará aqui.

Os reposteiros dos corredores foram agitados como que pelo vento. Um rumor encheu o castelo, o alvorôço de gente que corria, de móveis que se arrastavam, de pratarias a tinir; e, do alto das tôrres, vinha o som das trompas, chamando os escravos dispersos.

II

Os parapeitos estavam cobertos de gente quando Vitellius entrou no pátio. Apoiava-se no braço do intérprete, seguido por uma grande liteira vermelha ornada de penachos e de espelhos, trazendo a toga, o laticlavo, os coturnos de um cônsul e litores em tôrno da sua pessoa.

Êstes plantaram contra a porta os seus doze "fasces", pedaços de lenha ligados por uma correia com um machado no meio. Então, todos estremeceram ante a majestade do povo romano.

A liteira, que oito homens maneiavam, se deteve. Dela saíu um adolescente, ventrudo, de rosto cheio de espinhas, os dedos pesados de pérolas. Ofereceram-lhe uma taça cheia de vinho e de aromáticos. Êle a bebeu e pediu segunda taça.

O tetrarca se atirava aos joelhos do procônsul, pesaroso, dizia, de não haver conhecido mais cedo o favor da sua presença. De outra maneira teria ordenado, nas estradas, todo o necessário aos Vitellius. Êles descendiam da deusa Vitellia. Uma estrada que levava ao do Janículo ao mar, ainda trazia o seu nome. As questuras, os consulados eram sem número na família; e, quanto a Lucius, agora seu hóspede, devia ser homenageado como vencedor do clitas e pai do jovem Aulus, que parecia voltar ao seu domínio, pois o Oriente era a pátria dos deuses. Estas hipérboles encontraram expressão em latim. Vitellius aceitou-as impassìvelmente.

Êle respondeu que o grande Herodes bastava para a glória de uma nação. Os atenienses lhe haviam dado a superintendência dos Jogos Olímpicos. Construíra templos em honra a Augusto e era paciente, engenhoso, terrível e sempre fiel aos Césares.

Entre as colunas de capitéis bronzeados, Herodíade avançava com ar de imperatriz, em meio a mulheres e eunucos que traziam sôbre bandejas de prata, perfumes acesos.

O procônsul deu três passos na sua direção; e, tendo-a saudado com uma inclinação de cabeça:

— Que felicidade — exclamou ela — que Agripa, o inimigo de Tibério, se encontre impossibilitado de causar males!

Êle ignorava o acontecimento, ela lhe pareceu perigosa; e como Antipas jurava que faria tudo pelo imperador, Vitellius acrescentou:

— Mesmo em detrimento dos outros?

Tomara refens ao rei dos partas e o imperador nem pensava mais nisso, porque Antipas, presente à conferência, para se fazer valer imediatamente divulgara a notícia. Daí um ódio profundo e o atraso em fornecer socorros.

O tetrarca balbuciou, mas Aulus disse rindo:

— Acalma-te! Eu te protejo!

O procônsul fingiu não ter ouvido. a fortuna do pai dependia dos vícios do filho; e esta flor da lama da Capréia lhe trazia lucros de tal maneira consideráveis que êle o cercava de atenções, embora desconfiado sempre, porque a flor era venenosa.

Um tumulto se elevou sob a porta. Introduzia-se uma fila de mulas brancas, montadas por personagens vestidas de sacerdotes. Eram saduceus e fariseus, levados pela ambição a Machaerus, os primeiros porque queriam obter as dignidades do sacrifício, os outros por conservá-la. Os seus rostos estavam sombrios, especialmente os dos fariseus, inimigos de Roma e do tetrarca. As pregas das suas túnicas se embaraçavam entre a multidão; e a sua tiara ascilava-lhes na fronte, sôbre tiras de pergaminhos em que estavam traçadas escrituras.

Quase ao mesmo tempo chegaram soldados da vanguarda. Tinham colocado em sacos os seus escudos, por precaução contra a poeira; e atrás dêles estava Marcellus, lugar-tenente do procônsul, com publicanos, apertando sob as axilas tábuas de leis.

Antipas apresentou os principais do seu séquito: Tolmai, Kanthera, Sehon, Ammonius de Alexandria, que lhe comprava asfalto, Naamann, capitão dos seus vélites, Iacim, o Babilônio.

Vitellius notara Mannaei.

— E aquêle, quem é?

O tetrarca lhe fêz compreender, com um gesto, que era o carrasco.

Depois, apresentou os saduceus.

Jônatas, um homenzinho desembaraçado, falando grego, pediu ao senhor que os honrasse com uma visita a Jerusalém. Êle iria até lá, provàvelmente.

Eleazar, de nariz recurvo e barba comprida, reclamou contra os fariseus o manto do grande sacerdote detido na Tôrre Antônia pela autoridade civil.

Em seguida, os galileus denunciaram Pôncio Pilatos. Por causa de um louco, que procurava os vasos de ouro de David, numa caverna perto de Samaria, matara habitantes; e todos falavam ao mesmo tempo, Mannaei mais violentamente do que os outros. Vitellius afirmou que os criminosos seriam punidos.

(Cont. no próximo número)



A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

Almeida Comércio e Indústria de Ferro Ltd.

SUCESSORA DE L.B. DE ALMEIDA & CIA.

Distribuidores da Cia. Siderúrgica Nacional — Cia. Siderúrgica Belgo Mineira e outras USINAS nacionais.

Fundição de Ferro e outros Metais

Oficinas mecânica em geral — Fogões à gás e lenha, marca "Progresso" — Prensas para ladrilhos e escritório.	=	Bancos para jardim — Colunas de ferro fundido para iluminação de jardins.

IMPORTADORES DE

Chapas de ferro pretas, galvanizadas e corrugadas para portas — Ferro em barras — Vergalhões — Cantoneiras — T — U e eixos para transmissões — Tubos de ferro galvanizados, prêtos, vermelhos, e de aço para caldeira.

Rua dos Arcos, 28-42

COMUNICAM A SUA NOVA RÊDE DE TELEFONES A SABER:

Mesa tronco	52-2104
Secção de Vendas	52-2102
Secção de Vendas	22-0409
Expedição	22-1584
Secção Técnica	52-2103
Contabilidade	22-1342
Gerência	22-2549

RIO DE JANEIRO

RIO ELEGANTE

ALFAIATARIA

SOUZA & CHAPETA LTDA.

Exímio Contra-Mestre H. W. CHAPETA

CORTE LONDRINO

AVENIDA RIO BRANCO, 11-2º ANDAR — SALA 202 — Tel.: 52-3234



LYTOPHAN

TUDO ISTO

Certos batismos...

NÃO seria mau que se instituísse o direito de o cidadão usar um nome provisório, do batismo ou registro civil, até à maior idade, quando já estivesse no pleno gôzo de escolher um nome. O fato é que muita gente toma certas iniciativas de botar nomes horríveis em seus filhos ou afilhados, nomes êsses que desgraçam uma vida durante tôda a existência da vítima inocente. Lembram-se do que ocorria ao tempo do fastígio de Hitler? Há muito brasileiro, nascido aí pelos anos de 1933 a 1938, com o nome de Hitler! E tem sido uma luta tremenda para mudar! Em 1930, em novembro, uma senhora residente em Cascadura botou na filha o nome de Aliança Liberal do Brasil! Há quem se chame Selassié, Mussilini, e outras esquisitices que a sugestão orienta para desorientar o seu possuidor, com o andar dos tempos e a virada do mundo. Pois agora mesmo, uma eleitora de Belo Horizonte, chamada Liberdade Igualdade e Fraternidade New York Rocha, dirigiu-se à Justiça pedindo lhe fôsse concedido o direito de mudar de nome. Com certeza seu pai ou padrinho é um adepto da Revolução Francesa, e sapecou êsse nome esquisito numa menina que, agora, está horrorizada com êle. Mas isso ainda não é nada em comparação com o que se passou também na cidade mineira de Passos. Um cidadão residente ali dirigiu petição ao Juiz solicitando que lhe permitisse o direito de batizar-se novamente. Chama-se êle Vaipormim Beleza! Vaipormim! Mas isso é lá nome de gente! Isso é linguagem de quem quer levar outro na conversa: "Olha, vai por mim", e zás! fica com tudo do outro. O Sr. Vaipormim não achou beleza nenhuma no seu nome estrambólico e, se o Juiz denegar, êle podrá dizer: Sr. Juiz, vai por mim, que vai bem...



O touro de Ávila

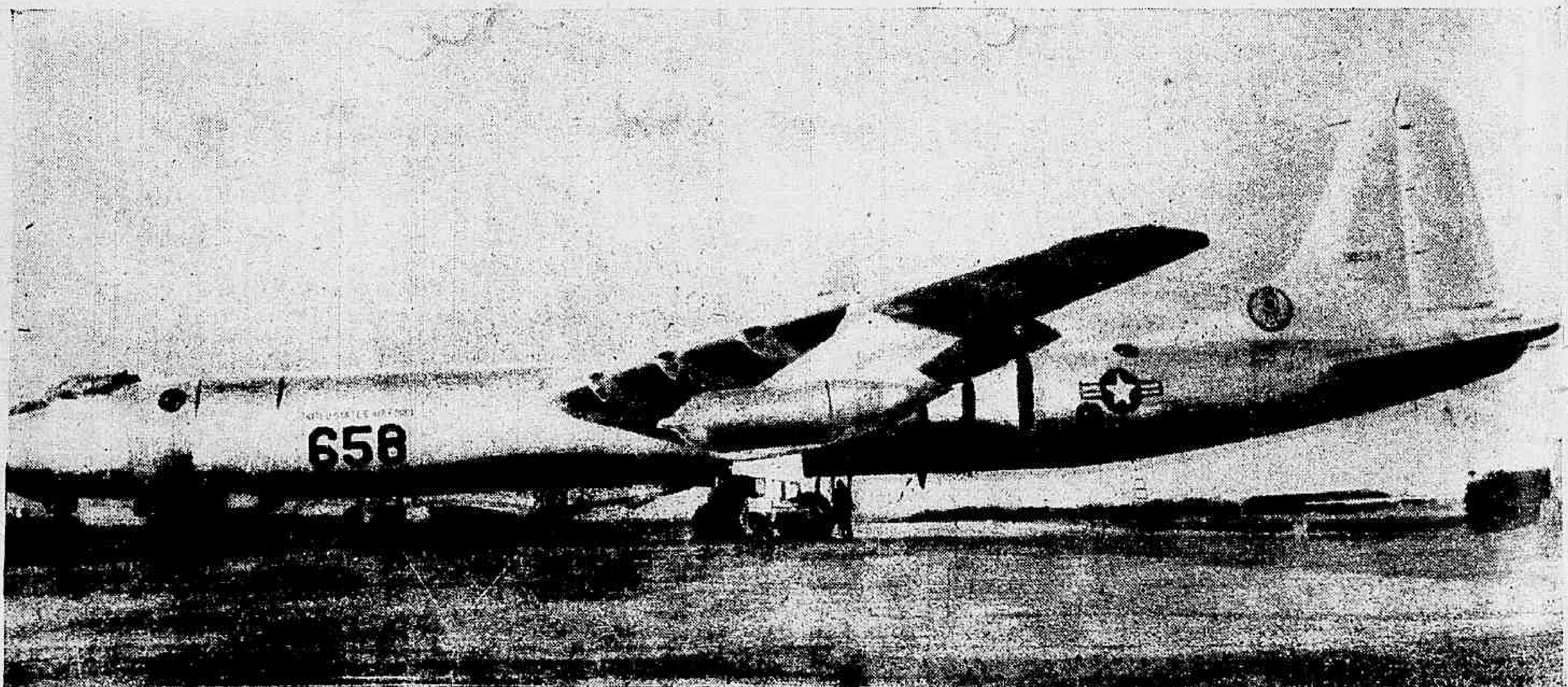
NA noite de 23 de novembro dêste ano, a cidade de Ávila, na Espanha, ficou em polvorosa. Nos telhados de várias casas um monstro antediluviano estava passeando com a mesma sem-cerimônia com que um gato passeia na cumieira da sogra. Os moradores deram o alarma. O boato de que estava a cidade a ser invadida por monstros desconhecidos, se espalhou como notícia de lobisomem. Houve pânico, e, ao menor ruído, já todo mundo gritava por socorro. Chamaram a polícia, a guarda-civil, os bombeiros. Todo mundo saiu de suas casas para ver o que ameaçava os avilenses. Buscas cuidadosas foram feitas. Povo e soldados se entregaram a descobrir o monstro que estava andando pelos telhados. E então viram um vulto descomunal lá em cima, sôbre uma casa. Com cuidado, aproximaram-se do bicho. Não podia ser um gato, pois, daquele tamanho, nem tigre de Bengala. Verificaram na penumbra da noite que, em lugar de "bengala", o monstro tinha chifres. Seria o diabo? Como não saía fogo das ventas, nem cheirava a enxôfre, não podia ser nenhum enviado de Lucifer. Quando o animalão se movimentou, a despedaçar telhas e a estalar ripas, todo mundo reconheceu o que era: um touro. Já a êsse tempo o dono do bicho andava louco atrás dêle. Era um touro de estimação, muito gordo e manso, que estava hospedado no pátio de sua casa assobradada. Conseguindo fugir, naturalmente seduzido por algum gato amigo da onça, o touro de Ávila foi ver o panorama daquelas alturas, sem ter o cuidado de calçar uns amortecedores nos cascos rústicos. E andava lá por cima a meter mêdo aos que dormiam sossegadamente, sonhando com os anjos. Muita gente teve mêdo; mas o touro teve muito mais...





MRS. JABARA, SEMPRE QUE LIA os telegramas vindos dos campos de batalha na Coréia e tomava conhecimento dos combates aéreos naquela zona de guerra, lembrava-se de que seu marido, James, pilotava um aparelho de caça a jato, em ação na guerra. Um belo dia ela teve a imensa satisfação de receber em seus braços o espôso, verdadeiro herói da aviação, pois foi o primeiro a receber o título de «ás» de aviões da classe do seu, por ter abatido seis caças a jato inimigos. De regresso à pátria, abraça a mulher ao chegar na sua pequena cidade de Travis, Califórnia.

ÊSTE É O MAIOR avião do mundo, superbombardeiro B-36, fabricado nos Estados Unidos pela «Consolidated Vultee Corporation». Sua experiência de vôo foi realizada com o mais perfeito sucesso, tendo partido do campo de Fort Worth, no Texas, transpondo o Atlântico, alcançando o aeroporto de Lakenheath, na Inglaterra, num total de oito mil quilômetros. Em caso de agressão soviética à Europa, caberá a um dêsses B-36, a tarefa de bombardear a URSS com bombas atômicas. A fôrça aérea norte-americana já possui considerável quantidade dêsses aviões, cujas características vemos na gravura, e que bem dá uma ligeira idéia de suas gigantescas proporções.



ACONTECEU

Por causa do nariz



UM estudante belga, residente em Bruxelas, achando que a vida estava muito monótona, teve uma idéia um tanto perigosa: fazer-se passar pelo rei Baudouin. Vestindo a melhor roupa de seu pobre guarda-ditas, o rapaz comunicou a uma escola feminina da capital que o Rei iria fazer uma visita à mesma. À hora marcada, todos os professôres e mestres em fila, a diretoria formada, o corpo dicente em linha, chegou o rei dos belgas. Palmas, hinos, vivas, exclamações de cortesia e admiração em seu louvor. Como era democrata o jovem rei! Como era bonito e simpático! Os sorrisos das mocinhas envolviam a figura esbelta do rei de uma das mais respeitadas e queridas nações do mundo. Mas houve uma professôra que ficou sèriamente intrigada com o nariz do rei. Ela achou que Baudouin I não tinha um nariz assim. O verdadeiro ..a mais ponteagudo. Não seria aquilo um embuste? E a mestra das moças, ..ncando o Sherlock aproximou-se do soberano, conversou animadamente com ..e e, imediatamente, afastou-se da festa em honra do rei e foi ao telefone. ..hamou a polícia: "Aqui fala a professôra da Escola tal. Estamos recepcio..ndo o rei Baudouin, mas vemos que se trata de um embusteiro e não da ..essoa de S. M. o Rei dos Belgas. Mandem agarrar o engraçado. Foi dito e ..ito. A polícia chegou e prendeu o estudante quando gozava das delícias .. uma festa em sua honra. Como não podia deixar de ser, moveram-lhe um ..rocesso. Mas o verdadeiro rei, achando graça na habilidade do "sósia", de..arou que lhe perdoa o atrevimento e que não quer que lhe movam ação ..enhuma. Magnanimidade de rei. E o estudante foi pôsto em liberdade, certa..ente a cantar: "Que rei sou eu..."

As mangas de Pernambuco



O Recife já foi um pomar. Visto do alto, não havia casa em que não houvesse mangueiras a exibir ao sol os saborosos frutos que todo mundo devora maravilhado. Em seus bairros de Casa Amarela, Derbi, Monteiro, etc., as mangueiras constituíam um prazer para a vista e uma inspiração para os poetas. Quanta beleza nas vizinhanças do Recife! Era um oceano de frondes verdes, a florir, a frutificar em pomos de ouro, de esmeralda, de rubi. De certos anos para cá, infelizmente, duas pragas começaram a atacar as mangueiras recifenses: o progresso e dupla Xyleborus affinis-Diplodia recifensis. Nomes horríveis, é verdade, e que estão acabando com as mangueiras da capital pernambucana. Em 1946, havia naquela cidade cêrca de 120 mil pés de manga; de lá para cá, — em cinco anos apenas — foram assassinadas sessenta mil árvores, ..endo dez mil pelo próprio braço do homem, para edificações urbanas, e cin..qüenta mil pela simbiose daqueles dois inimigos das mangueiras acima ci..ados. E a guerra contra as mangueiras prossegue sem tréguas. O homem as ..derruba com o fim de construir casas e apartamentos; o Xylerobus, unindo-se ..o Diplódia, faz o restante. Dentro de mais cinco anos, se a batalha de ..devastações de mangueiras do Recife não parar, adeus mangas rosas, carlotas .. espadas! Contra o progresso, só mesmo a Prefeitura; mas, para matar o in..eto e seu amigo o fungo, o dr. Chaves Batista está lutando como um tigre. ..O mestre de filopatologia já está montando laboratórios experimentais e em..punha seringas para injetar nos caules atacados, o "otometiltetramidopiro..fosfato", produto que, se não matar os bichinhos pelo conteúdo químico, os ..afugentará pelo tamanho do nome...

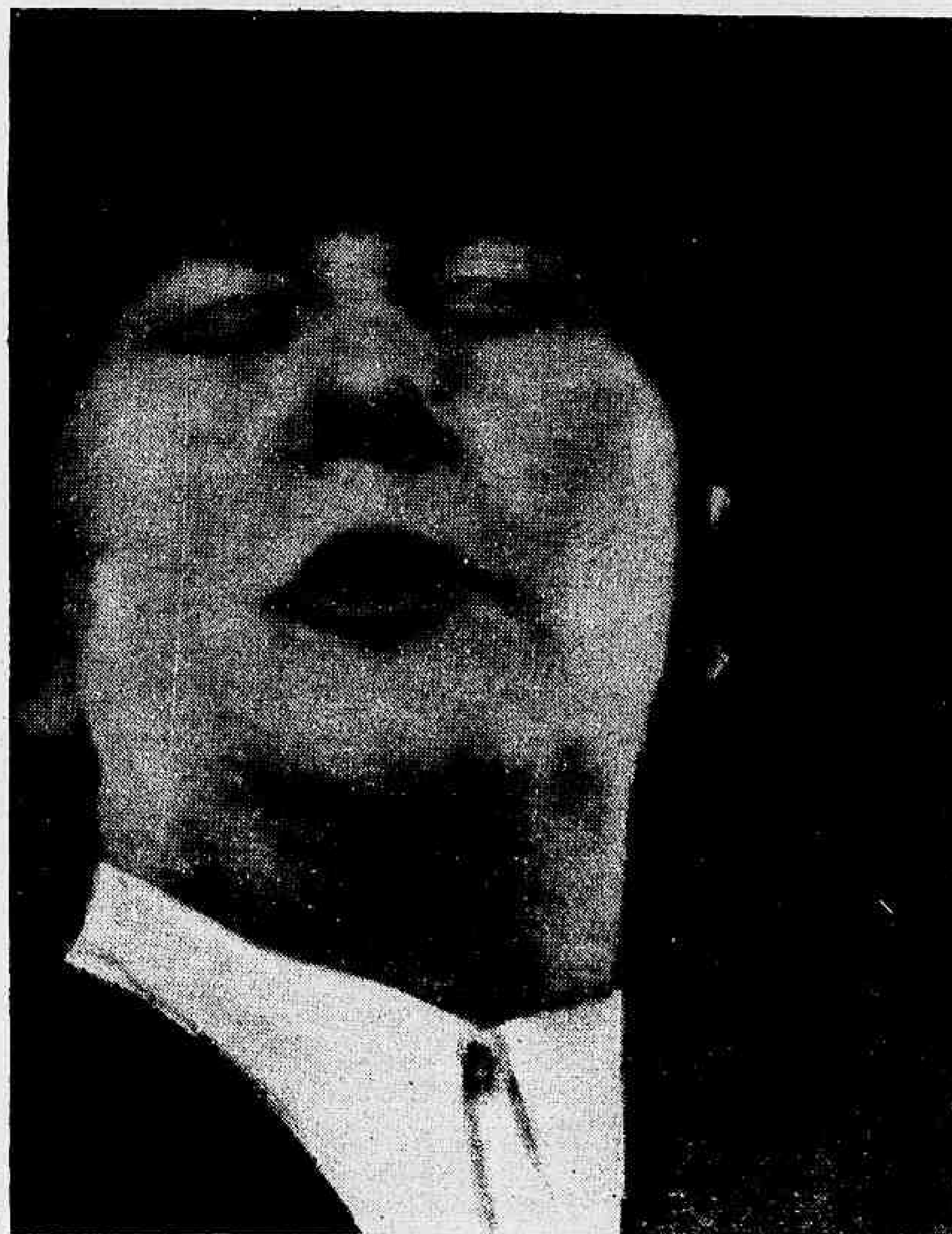
Aventuras de Franchot Tone



OS leitores ainda devem estar lembrados daquela briga entre o astro de cinema norte-americano Franchot Tone e um cidadão de punhos de aço. Tudo girou em tôrno de uma atriz de nome Barbara Payton, lindíssima, estrêla disputada pelos mais elegantes artistas de Hollywood. Miss Barbara Payton, que já estava de amôres com Mr. Tone, passou a ser cortejada pelo concorrente, um rapagão muito mais jovem do que o outro, de feições mais corretas e físico de Apolo. Barbara se engraçou do dandi californiano e Franchot Tone, com tôda a sua feice e canastrimo cinematográfico, não gostou da intromissão do rapaz em seus domínios idílicos. Então ficou combinado que os dois fariam como em certas tribos selvagens: decidiram a posse da Dulcinéia num duelo a murros. E' claro que Franchot Tone afrouxou mesmo e não deu para um buraquinho de dente ..do seu competidor. Foi ao chão no primeiro impacto de munheca e do chão ..para um hospital, desacordado. Barbara, porém, teve tanta pena do infeliz, ..que modificou as bases do combinado e preferiu Tone. Foi ao hospital, afa..gou-o com suas mãos de fada, confessou-lhe o mais puro amor e esperou ..que êle fôsse considerado fora de perigo. E Barbara cumpriu a promessa ..à beira do leito do esmurrado. Logo que êste pôde comparecer ao juiz para ..articular o "sim", casaram-se. Mas estava escrito que Franchot Tone não ..seria feliz com aquêle amor que nascera debaixo de signo da briga. E os ..dois não se uniram um só dia. Brigavam, discutiam, altercavam. Uma *barba..ridade*. Depois de 53 dias de matrimônio, Tone apresentou pedido de divórcio, ..o que, se não o fizesse, seria ela quem quebraria os frágeis laços daquele ..casamento a muque...



CAUSOU A MAIS INTENSA sensação, a declaração do cardeal Tedeschini, faz pouco tempo, de que o Papa Pio XII havia visto uma visão celeste, por três vêzes, nos jardins do Vaticano, a 30, 31 de outubro e 1 de novembro de 1950. O fato era tido como igual à aparição da Virgem de Fátima em 1917, em Portugal. Um dos prelados mais achegados ao Papa o viu cair em êxtase, a 30 de outubro, sucedendo-se o fenômeno nos dois dias seguintes. A revelação do cardeal Tedeschini emocionou o mundo dos fiéis, e de tôdas as partes da terra partiram indagações sôbre o milagre.



A VIÚVA DE GOERING, é esta decidida senhora que o leitor está vendo. Chama-se Emmy Sonnemann. Quando seu marido praticou o suicídio na prisão, em outubro de 46, estava também decidida. Os tempos passaram, julgamentos das autoridades nazistas foram efetuados e ela viu-se devolvida à liberdade, depois de uma série de complicações em que se viu metida. Vive atualmente em Monaco, numa casa modesta, com a filha Edda. Quando lhe falam no marechal Hermann Goering, muda de assunto, mas há quem afirme que seu pendor nazista não desapareceu, apenas espera oportunidade para voltar a revelar-se. Quando houver campo propício, naturalmente... E parece que está começando a haver!

ENTRE SANTOS

(Cont. da pág. 70)

iam narrando e comentando. Tinham já contado casos de fé sincera e castiça, outros de indiferença, dissimulação e versatilidade; os dois ascetas estavam a mais e mais anojados, mas S. Francisco de Sales recordava-lhes o texto da Escritura: muitos são os chamados e poucos os escolhidos, significando assim que nem todos os que ali iam à igreja levavam o coração puro. S. João abanava a cabeça.

— Francisco de Sales, digo-te que vou criando um sentimento singular em santo: começo a descrer dos homens.

— Exageras tudo, João Batista, atalhou o santo bispo, não exageremos nada. Olha — ainda hoje aconteceu aqui uma coisa que me fêz sorrir, e pode ser, entretanto, que te indignasse. Os homens não são piores do que eram em outros séculos; descontemos o que há nêles ruim, e ficará muita coisa boa. Crê isto e hás de sorrir ouvindo o meu caso.

— Eu?

— Tu, João Batista, e tu também, Francisco de Paula, e todos vós haveis de sorrir comigo; e, pela minha parte, posso fazê-lo, pois já intercedi e alcancei do Senhor aquilo mesmo que me veio pedir esta pessoa.

— Que pessoa?

— Uma pessoa mais interessante que o teu escrivão, José, e o que teu lojista, Miguel...

— Pode ser, atalhou S. José, mas não há de ser mais interessante que a adúltera que aqui veio hoje prostrar-se a meus pés. Vinha pedir-me que lhe limpasse o coração da lepra da luxúria. Brigara ontem mesmo com o namorado, que a injuriou torpemente, e passou a noite em lágrimas. De manhã, determinou abandoná-lo e veio buscar aqui a fôrça precisa para sair das garras do demônio. Começou rezando bem, cordialmente; mas pouco a pouco vi que o pensamento a ia deixando para remontar aos primeiros deleites. As palavras, paralelamente, iam ficando sem vida. Já a oração era morna, depois fria, depois inconsciente; os lábios afeitos à reza, iam rezando; mas a alma, que eu espiava cá de cima, essa já não estava aqui, estava com o outro. Afinal persignou-se, levantou-se e saiu sem pedir nada.

— Melhor é o meu caso.

— Melhor que isto? — perguntou S. José, curioso.

— Muito melhor, respondeu S. Francisco de Sales, e não é triste como o dessa pobre alma ferida do mal da terra, que a graça do Senhor ainda pode salvar. E por que não salvará também a esta outra? Lá vai o que é.

Calaram-se todos, inclinaram-se os bustos, atentos, esperando. Aqui fiquei com mêdo; lembrou-me que êles, que vêem tudo o que se passa no interior da gente, como se fôssemos de vidro, pensamentos recônditos, intenções torcidas, ódios secretos, bem podiam ter-me lido já algum pecado ou germe de pecado. Mas não tive tempo de refletir muito; S. Francisco de Sales começou a falar.

— Tem cinqüenta anos o meu homem, disse êle; a mulher está de cama, doente de uma erisipela na perna esquerda. Há cinco dias vive aflito porque o mal agrava-se e a ciência não responde pela cura. Vêde, porém, até onde pode ir um preconceito público. Ninguém acredita na dor do Sales (êle tem o meu nome), ninguém acredita que êle ame outra coisa que não seja dinheiro e logo que houve notícia da sua aflição, desabou em todo o bairro um aguaceiro de motes e dichotes; nem faltou quem acreditasse que êle gemia antecipadamente pelos gastos da sepultura.

— Bem podia ser que sim, ponderou S. João.

— Mas não era. Que êle é usurário e avaro não o nego; usurário, como a vida, e avaro, como a morte. Ninguém extraiu nunca tão implacàvelmente da algibeira dos outros o ouro, a prata, o papel e o cobre; ninguém os amuou com mais zêlo e prontidão. Moeda que lhe cai na mão dificilmente torna a sair; e tudo o que lhe sobra das casas mora dentro de um armário de ferro, fechado a sete chaves. Abre-os às vêzes, por horas mortas, contempla o dinheiro alguns minutos, e fecha-o outra vez depressa; mas nessas noites não dorme, ou dorme mal. Não tem filhos. A vida que leva é sórdida; come para não morrer, pouco e ruim. A família compõe-se da mulher e de uma preta escrava, comprada com outra, há muitos anos, e às escondidas, por serem de contrabando. Dizem até que nem as pagou, porque o vendedor faleceu logo sem deixar nada escrito. A outra preta morreu há pouco tempo; e aqui vereis se êste homem tem ou não o gênio da economia; Sales libertou o cadáver...

E o santo bispo calou-se para saborear o espanto dos outros.

— O cadáver?

— Sim, o cadáver. Fêz enterrar a escrava como pessoa livre e miserável, para não acudir às despesas da sepultura. Pouco embora, era alguma coisa. E para êle não há pouco; com pingos d'água é que se alagam as ruas. Nenhum desejo de representação, nenhum gôsto nobiliário; tudo isso custa dinheiro, e êle diz que o dinheiro não lhe cai do céu. Pouca sociedade, nenhuma recreação de família. Ouve e conta anedotas da vida alheia, que é regalo gratuito.

— Compreende-se a incredulidade pública, ponderou S. Miguel.

— Não digo que não, porque o mundo não vai além da superfície das coisas. O mundo não vê que, além de caseira eminente, educada por êle, e sua confidente de mais de vinte anos, a mulher dêste Sales é amada deveras pelo marido. Não te espantes, Miguel; naquele muro aspérrimo brotou uma flor descorada e sem cheiro, mas flor. A botânica sentimental tem dessas anomalias. Sales ama a espôsa; está abatido e desvairado com a idéia de a perder. Hoje de manhã, muito cedo, não tendo dormido mais de duas horas entrou a cogitar no desastre próximo. Desesperando da terra, voltou-se para Deus; pensou em nós, e especialmente em mim, que sou o santo do seu nome.

(Cont. no próximo número)

★

Para a renovação dos seus móveis, torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

PRODUTOS SUÉCOS DE ALTA QUALIDADE

SCANDIA-RELIANCE-HANDY
MAQUINAS PARA USO DOMESTICO
Husqvarna
MAQUINAS PARA CORTAR GRAMA
FLECHA
com os cumprimentos da SUECA
RIO DE JANEIRO
FOGAREIROS, COSINHAS, LANTERNAS, FERROS PARA SOLDAR, LAMPARINAS
PRI-MUS
NAVALHAS PARA BARBA E TESOURAS
TRÊS CORÔAS
DOBRADIÇAS, PARAFUSOS, FECHADURAS, ETC.
STENMAN
BAHCO
SUENCO
METAIS SUÉCOS
SANDVIK
AÇO SUÉCO
SERRAS, SERROTES, FACAS PARA MAQUINAS
Swedish Whiting Seahorse
CAVALLO MARINHO
GESSO CRE
exijam estas marcas
A' VENDA NAS BOAS CASAS DO RAMO

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS
Preferidos no Brasil
BANGÚ
Grande sucesso em Buenos Aires
EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

★

O preço desta revista é o que está marcado na capa. Os agentes recebem com desconto para que o preço seja respeitado.

O TOQUE DE IMORTALIDADE

ATRAVÉS DO TEMPO AS OBRAS PRIMAS SE TORNAM MAIORES



Os grandes artistas, na sua genialidade criadora, imprimiram às suas obras o toque de imortalidade, eternizando-se na admiração dos pósteros.

Transforme sua vida numa obra-prima de previdência. Dê-lhe, também, o toque de imortalidade, eternizando-se no coração dos seus através do Seguro de Vida.

SEGUROS DE VIDA

COMPANHIA DE SEGUROS

MINAS-BRASIL

BELO HORIZONTE — MINAS

INCÊNDIO - TRANSPORTES - ACIDENTES PESSOAIS - ACIDENTES DO TRABALHO



Na viagem do trem que transporta peregrinos italianos a Lourdes, um sacerdote acompanhado de enfermeiras voluntárias, arma num outro vagão uma capela para celebração da missa e, ali, dá a comunhão aos enfermos. Nesses trens viajam médicos e outras pessoas desejosas de ajudar a viagem dos doentes, à própria custa.

LOURDES

UM DESAFIO A CIÊNCIA

LOURDES, a pequenina povoação de França, que em 1858 contava apenas uns três mil habitantes, é hoje uma cidade com uma população que vai além de trinta mil almas. Já faz, portanto, quase um século que aquela camponesa humilde e pura viu a Sagrada Aparição. De então até hoje, afluem à Santa Gruta dos Milagres, multidões de doentes que procuram nos efeitos celestiais da água que dali desliza, o fim de dores físicas contra as quais a ciência oficial nada pôde conseguir.

Lourdes é um desafio à ciência. Nem todos, é claro, regressam aos seus lares com a saúde restabelecida. Mas, de uma coisa estão certos: não foi em vão a viagem, por mais penosa e longa que tenha sido. E' que naquele ambiente celestial, a vida já se parece com uma parcela do céu: há cânticos litúrgicos pelo espaço; há preces dolentes em surdina pelos ares; há lábios a murmurar orações a Deus e à Virgem, há contrição nos olhos e fé nas almas.



ESTA DOENTE volta à gruta depois do banho. Está contrita e cerra os olhos enquanto vai pronunciando sua oração.



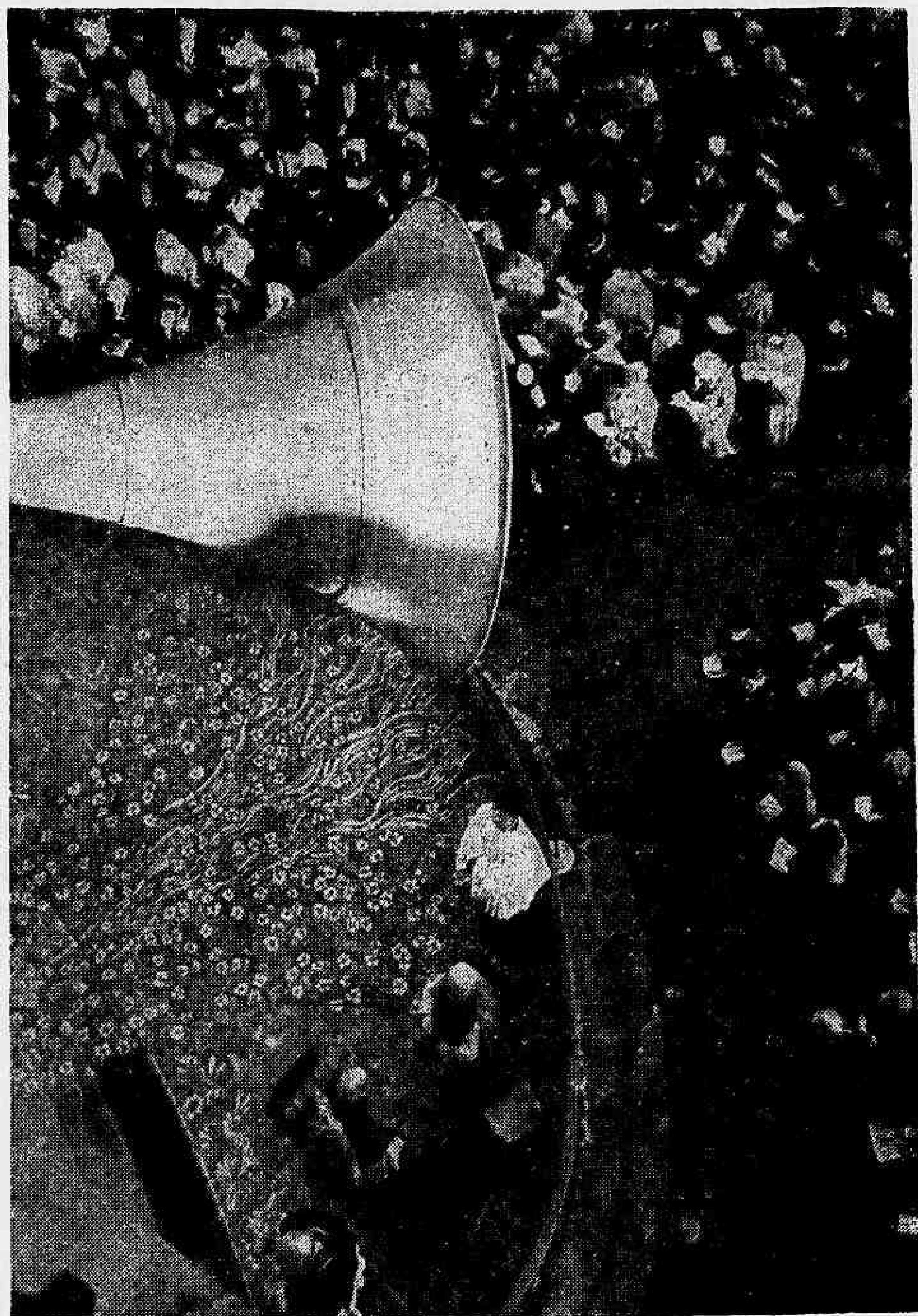
A NOITE há procissão. Aqui vemos um menino levando com muito cuidado a sua vela acesa para o desfile noturno.



CENAS COMOVENTES: uma mãe levando sua filha paralítica até à gruta onde Nossa Senhora apareceu num dia de Graças.



CENTENAS de doentes diante da Gruta Milagrosa da Aparição ouvindo missa matinal. Depois levados à piscina os banhistas ajudarão a mergulhá-los nágua.



MISSA solene no altar da capela dedicada a Santa Bernadete. Os atos religiosos são irradiados por altofalantes, que orientam a massa de fiéis e dirigem o ritual.

Lourdes muitas vêzes não cura as enfermidades do corpo; mas cura sempre as da alma. Os peregrinos não regressam desesperados. Voltam contritos, resignados com a sorte que Deus lhes deu. Se a vida é um fardo pesado, de acôrdo com o grau de nossos pecados, a água de Lourdes terá o condão de amenizar o nosso sofrimento mas deixar que purguemos pelas faltas cometidas.

E os corações se voltam para a Cidade Santa como aquêles que acompanhavam nas estradas poeirentas da Galiléia o seu maior Filho: Jesus Cristo. Uns lhe tocavam a fímbria da túnica e se curavam; outros, por mais que tentassem, nada conseguiam. Faltava a fé que remove montanhas. Depois de Lourdes, tivemos o mesmo fenômeno em Fátima, em Portugal, quando crianças também viram a Virgem. E' hoje o Santuário de Fátima um refúgio para os que sofrem e desejam escapar da cegueira física e das chagas do corpo. A misericórdia divina prossegue na sua obra de proteção aos pecadores dêste mundo, oferecendo-lhe o amparo dos milagres da Virgem, a fim de que a humanidade não mergulhe na incredulidade e na heresia. Os milagres de Lourdes e de Fátima se completam, cada uma dessas "Est[illegible] de Fé", distribuindo pelo mundo as bênçãos de suas águas santas, obrando milagres que a ciência não sabe explicar. E entre a primavera e o outono de cada ano, mais de um milhão de peregrinos vindos de tôdas as partes do mundo cristão, acorre a Lourdes em busca de um lenitivo para seus sofrimentos. Quantos voltam curados? Quantos regressam sem os resultados que tanto esperavam? Muitos, de ambas as partes; mas ninguém volta com amargura na alma. Todos viram milagres, fenômenos indescritíveis, curas assombrosas, como se as mãos da própria Virgem abençoassem tantos infelizes, distribuindo as graças dos céus sôbre a Terra.



UM GRUPO de peregrinos chega ao local da fonte milagrosa, de onde flui a água que dá vista aos cegos, faz o paralítico andar e dá saúde aos que estão de cama. Constantemente é grande a procissão dos que recorrem à Santa Virgem de Lourdes pedindo graças para si e para os da família. A fé é inquebrantável e faz milagres.

A REVISTA Há 50 anos

(Domingo, 15 de dezembro de 1901)

O GRANDE VÍCIO

NÃO é só entre nós que o alcool vai fazendo estragos e lesões incuráveis, embora possamos reivindicar a triste glória de "primi inter pares" na absorção da [illegible] da [illegible]. Ela em parte ainda não estudada na nossa série de causas mórbidas que nos abastardam e degradam. Essa influência do alcoolismo neste meio [illegible], onde [illegible] e referem as mais ruins paixões e [illegible] os temperamentos mais violentos e impulsivos, muda os homens em tigres ou [illegible]. Ainda a criminalidade [illegible] que se [illegible] de dia para dia e se [illegible] uma legião de [illegible]. Depois de certa hora da noite, é impossível percorrer sem náusea os centros da nossa alegria [illegible]. [illegible] em esgares a cada esquina, em cada mesa de café, destilando, por entre a escuma [illegible] da cerveja ou das bebidas brancas, o [illegible] da taverna ou do prostíbulo. E' hediondo, atroz, repugnante e [illegible] como [illegible] e faz chorar. Não há desculpas para êsse [illegible] de uma raça.

Que pena que um [illegible] não possa analisar e decompor a própria embriaguez! Creio em sã consciência que para curá-lo da moléstia lhe bastaria uma hora dêsse espetáculo degradante. Não sei de miséria moral que mais se aproxime à animalização de um degradado, [illegible] a alma como um cano de esgôto e despejando na [illegible] tôdas as fezes que as [illegible] repressões do convívio social e da educação mantêm segregadas do poder moral. Não há poder de vontade ou fôrça de ânimo que resistam a êsse resultado. É a humanidade assim [illegible], nesse [illegible] e deveras abominável. Esta se [illegible] de mais neste Rio de Janeiro...

JACQUES BONHOMME

TEATROS

★ ESTÁ finalmente organizada a companhia que, dirigida por Cinira Polônio, explorará o teatro Lucinda, levando à cena operetas, «vaudevilles» e comédias, fazendo parte do elenco, além da gentil «divette» Rose Villiot, Elisa de Castro, Adelina Nunes, Mattos, Veiga, João Silva e outros artistas, sendo ensaiador Adolfo de Faria. A peça de estréia é «Dora la complaisante», de grande sucesso em França.

★ Os ensaios do «Quo Vadis?» vão adiantados, devendo a peça subir à cena, no Recreio Dramático, antes do fim do mês. Antes disso, teremos a «Berlingosa», peça que muito agradou, quando pela primeira vez representada pela companhia Dias Braga, há dois anos, mais ou menos. Nela estreará a atriz Maria da Piedade.

POR ÊSSE MUNDO

ESTA É [illegible]: uma revista científica afirma que a eletricidade cura a [illegible].

★

EM UMA noite vem de fundar-se, na América, a cidade de Santos, que contou desde logo dez mil habitantes. A vida comercial começou logo no dia seguinte. Ao cabo de duas semanas já havia quarenta estabelecimentos diversos e dois jornais.

★

A VIDA está cara, mas os gêneros alimentícios são ainda muito mais baratos em Londres do que em Paris. A carne fresca regula ali de dois francos a dois francos e meio por quilo, ao passo que em Paris sobe a mais de três francos. A carne de porco custa em Londres um franco e setenta, e em Paris dois francos e cinqüenta. A manteiga, dois francos e quarenta em Londres, e quatro em Paris. O café, três francos em Londres e seis em Paris. O chá, três em Londres e doze em Paris.

HUMORISMO

Um taberneiro da Saúde diz a um de seus fregueses, oferecendo-lhe um copo de vinho:

— Que te parece êste Moscatel?

— Delicioso. Ao bebê-lo enche-me a bôca dágua.

★

— Oh papai, o tal bonde elétrico de que tanto falam agora, tem burros?

— Sim, meu filhinho; são os que pagam a passagem dos outros.

★

Na porta do Alcazar:

— Que idade tem a senhora?

— Já fiz vinte anos.

— Precise mais.

— Estou entre os vinte e os trinta.

— Mas quando faz trinta?

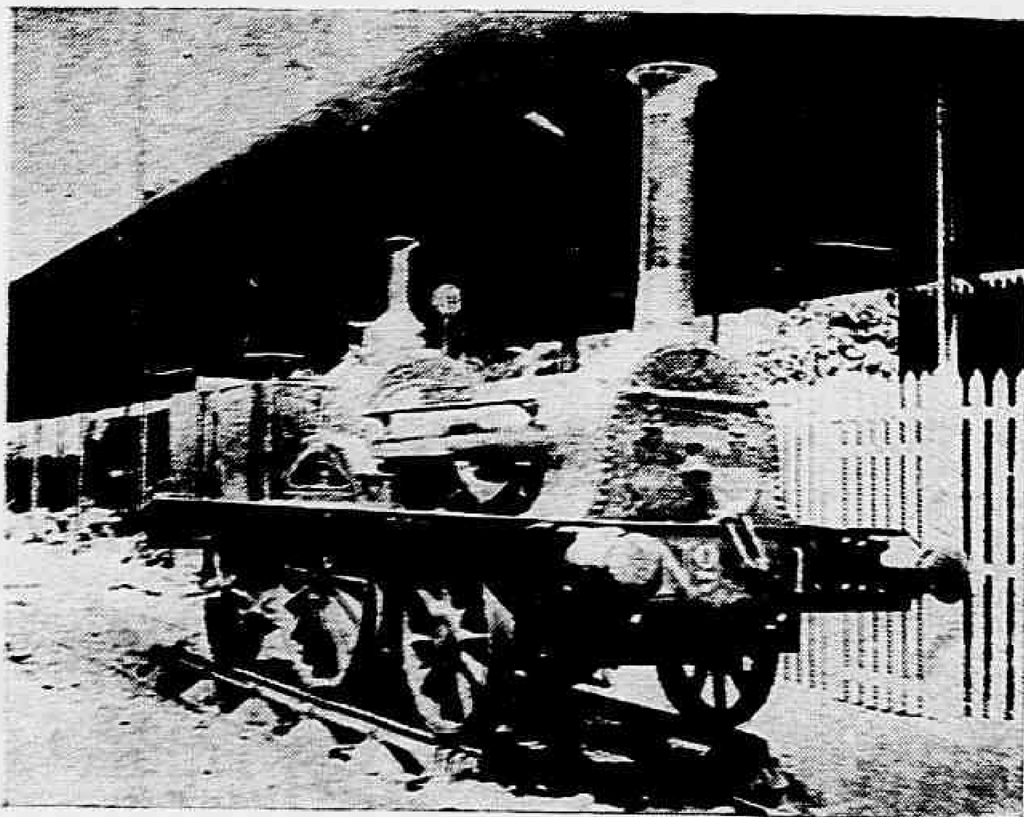
— Amanhã...

ANÚNCIOS

ÚLTIMAS NOVIDADES musicais! Valsas «Sonhos de Marias», de J. M. Azevedo Lemos, 1$500. — «Lírios e Rosas», do mesmo, 1$500. — Schottische: «Desfolhando Rosas», do mesmo, 1$500. — «Pasesinha», de Fausto Zoene, 1$500. — Polkas: «Venezinha e Catitinha», de Anacleto de Medeiros, 1$000. — Rua dos Ourives, 50.

★

CASTANHAS, NOZES, avelãs para o Natal! Faça as suas rabanadas e delicie-se com os melhores produtos portuguêses, chegadinhos de fresco! Rua Primeiro de Março, 35. E' como se estivesse em Lisboa...



A «Baronesa», a primeira locomotiva que rodou em trilhos no Brasil, na inauguração da E. F. da Mauá, a 30 de abril de 1854

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 50 ★ 15-12-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e c Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1929, e na Feira Intern. de S. Paulo em 193

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

Preço desta edição: Cr$ 5,00

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 6

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Êste número consta de 92 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-25


Lustres de Cristal
DAS MELHORES PROCEDÊNCIAS
ESTRANGEIROS E NACIONAIS
•
MAGNÍFICA VARIEDADE DE
SERVIÇOS DE JANTAR CHÁ E
CAFÉ, FAQUEIROS E OBJETOS
DE ARTE PARA PRESENTES
•
RICA EXPOSIÇÃO DE CRISTAIS
E FINÍSSIMAS PORCELANAS
CASA CRISTALINO
URUGUAIANA, 35-37





O FRASCO DO LEITE DE ROSAS ESTÁ HOJE, EM TODOS OS LUGARES ONDE SE CULTUA A BELEZA, A ELEGANCIA E BOM GOSTO.

Leite de Rosas

LABS. LEITE DE ROSAS LTDA.
RUA SÃO LUÍS GONZAGA, 2085
TEL. 48-7660 — RIO